

Luciana Esmeralda Ostetto
José Firmino de Oliveira Neto
(Orgs.)

(Re)existir na Docência com pesquisa e arte



**(RE)EXISTIR NA DOCÊNCIA,
COM PESQUISA E ARTE**

**Luciana Esmeralda Ostetto
José Firmino de Oliveira Neto
(Organizadores)**

**(RE)EXISTIR NA DOCÊNCIA,
COM PESQUISA E ARTE**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Luciana Esmeralda Ostetto; José Firmino de Oliveira Neto [Orgs.]

(Re)existir na docência, com pesquisa e arte. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 177p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1342-3 [Impresso]
978-65-265-1343-0 [Digital]

1. Formação estética docente. 2. Pesquisa. 3. Arte. 4. Grupo de pesquisa FIAR.
I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta

Imagem da capa: Xênia Fróes da Motta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Lourdes Kaminski

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024



FIAR **FIAR com** **(con) FIAR**

Caminhar em companhia,
estica os passos a lugares mais longínquos.
Fluindo em direção ao que nos conecta.
Conosco, nossos sonhos, memórias e histórias.
Com a natureza, suas texturas, aromas e cores.
Com outros, seus movimentos de viver e ser.
Com a beleza de ser quem se é, por inteiro.
Ardente vida. Vida arde. Arte vida. Vida Arte.
Ciclo de partilha. Finda e recomeça. Sempre.

Laís Vilela Gomes
Rodas do FIAR/Setembro de 2023

Sumário

Prefácio – Das sutilezas do fazer a mão à dimensão do sensível na docência e na pesquisa Cristiana Callai	11
Apresentação Inventar para viver: docência, pesquisa e arte em rodas de narrativas Luciana Esmeralda Ostetto José Firmino de Oliveira Neto	15
1. Entre o bordado e o reticulado do avesso – sobre a feitura de um encontro a muitas mãos. Marta Maia	27
2. Entre papéis, fios e botões: memórias de FIAR Stéfany Bicalho Fernandes	49
3. Olhar... gestos, cores, formas, sensibilidades no encontro Carla Andrea Corrêa	53
4. Atiçar narrativas outras: formação e prática docente a favor da igualdade racial Greice Duarte de Brito Silva	75

5. Acender, realçar, animar (re)existências: fazer arte, tecer a vida	83
Aline Lages Rosvita Kolb-Bernardes	
6. Carta-convite: para pensar experiências docentes (empre)tecidas pelas veredas da arte	93
Maria Helena Dantas dos Santos Neves José Firmino de Oliveira Neto Kamila da Silva Cunha Martins Maria Letícia Felintro da Silva	
7. O Baú de guardados, histórias de infância na cidade e formação de professoras	107
Graziela Ferreira de Mello	
8. Entre novas lentes e pessoas-borboletas: um convite a metamorfosear	119
Ana Grazele da Silva Araujo	
9. No caminhar que faz do tempo o encontro, cultivar e partilhar sentidos em conexão com a natureza	127
Laís Vilela Gomes Amanda Lobôsko Pinto	
10. Nos meus (des)caminhos, acolhendo sentidos, reparando em outras cores	141
Miriam Nogueira de Maltos	

11. Quando os rios se fotografam: no encontro das memórias	147
Daiane Francisco de Medeiros	
12. Entre olhares e narrativas docentes sobre arte: tornar visível a experiência	157
Xênia Froes da Motta	
13. Encontro de ARTE-VIDA	167
Carlos André Oliveira Bezerra	
14. Na primavera, um seminário chama	171
Luciana Esmeralda Ostetto	

Prefácio

Das sutilezas do fazer a mão à dimensão do sensível na docência e na pesquisa

Nas linhas que se seguem, pretendo dar a ver as sutilezas do fazer a mão, que deram forma ao II Seminário Rodas do FIAR, um encontro fiado com o tema **Arte vida, vida arde: (re)existir na docência, com pesquisa e arte**. Promovido pelo Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte – FIAR,¹ o seminário evocou o desejo de (re)acender a vida, chamando atenção para a essencialidade da arte, ou melhor, do sensível, na educação, entremeando docência e pesquisa. A dimensão estética, que mobiliza o grupo de pesquisa, na ousadia de transfigurar práticas de investigação, acolhendo histórias de vida de quem pesquisa e de quem participa da pesquisa, em íntima interlocução com a Educação Básica, também foi um movimento visível na feitura do II Rodas, cujas marcas deixam-se ver nos textos reunidos nesta coletânea.

Como o leitor e a leitora poderão constatar, as produções aqui compartilhadas carregam indícios de olhares curiosos sobre o mundo, são gestos de quem entende a pesquisa e as práticas pedagógicas como um tecer individual e coletivo. É assim que a organização do seminário está refletida nas produções textuais, imagéticas, poéticas: fiandeiras e fiandeiros, envolvidos com as sutilezas que fariam parte do evento, dão forma, para lembrar o poeta, a um inventário no “exercício de ser criança”. Um exercício que tem origem na imersão em um pensar e fazer com as

¹ Realizado nos dias 27 e 28 de setembro de 2023, na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense/UFF, organizado pelo Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte- FIAR (Cf. <http://fiar.sites.uff.br/>).

desimportâncias do mundo, que compactua com um brilho no olhar quando encontramos miudezas que podem virar poesia. Como uma busca, um regresso às coisas do chão, tão cheias de simbolismo, de uma existência que atravessa o tempo, que interessa para além da lógica da utilidade, que pode virar elemento de estima. Por isso, gestos de olhar, coletar, experimentar e guardar o que ainda pode ser tudo, desde que visto pelo que refratam, carregam o encantamento que nasce da inutilidade, do ínfimo, do desvanecer.

Ao seguirmos a leitura, buscando sentidos sobre o vivido e o narrado pelos autores e autoras, ficamos com a impressão de que são impulsionados pela pergunta: como acordar a poesia que mora na poeira do mundo? Encontramos, nos textos e imagens, delicadezas coletadas, aquelas que não são facilmente percebidas, mas que revestem o viver de leveza e beleza, pelo fazer a mão. Toda sorte de materiais surgem ao longo dos capítulos, revelando escolhas estéticas, intencionalidade, gostos que atijam narrativas outras: tecidos de chita, lãs, agulhas, linhas, botões, papéis coloridos e em diferentes texturas e tamanhos, lápis de cor, flores, folhas e sementes. Um banquete para nossos sentidos! As miudezas do viver, do existir e do (re)existir são aguçadas. Essa composição estética que recolhemos ao longo da leitura, vai nos formando a partir dos sentidos, constituindo o repertório de nossa sensibilidade, articulando o fazer e o viver em uma outra percepção de mundo.

E assim, nessa fiação que teve origem no evento sustentado por um coletivo, podemos conhecer temas e pesquisas produzidas pelas fiandeiras - álbuns de memórias sobre formação estética na cidade, narrativas docentes sobre arte e educação, literatura e arte (empre)tecidas, caminhar e (a)colher sentidos em conexão com a natureza -, que visibilizam as histórias de vida e formação. A partilha - no evento e, agora, na coletânea que temos em mãos -, nos convida a participar de percursos marcados pela escrita de si, que contribuem para nos fortalecer em caminhos autorais: se a cultura escolar nos direcionou a olhar para a 'Arte' enquanto

galerias e museus, muitas vezes distantes e inacessíveis, se o olhar aprendido desde muito cedo nos emudeceu e pouco tínhamos a contar desses espaços, que pelo modo vivido, mais nos assombravam, lembrar e narrar o vivido é uma possibilidade de (re)existir, de afirmar singularidades e romper com o instituído.

A leitura das narrativas fiandeiras conduziu-me a minhas memórias de infância: a arte se insinuava no quintal, território no qual tive minhas primeiras leituras de mundo. A sensibilidade estética estava com os saberes passados de geração em geração: aprender a prever o clima pela observação do céu, a sementeira na terra, as Três Marias que permitiram conhecer as constelações, a medicina das plantas que curava as dores do corpo, a ladainha da missa, a prece do benzedeiro e as histórias que ouvia. As escritas aqui reunidas, reafirmam a contribuição das abordagens narrativas e (auto)biográficas, que potencializam processos de pesquisa-formação, nesse caminhar para si, lembrando, refletindo e narrando o vivido. Narrar, nesta perspectiva, é afirmar a escrita da palavramundo, ensaiada, experimentada, sentida com-o-outro, com as histórias. Por isso é bonito dar a ver o contexto do vivido pelo círculo de pesquisa FIAR, que organizou e viveu o encontro de múltiplas linguagens, palavreando o mundo com todos os sentidos, se embrenhando com as palavras em uma experiência existencial, através de um exercício consciente. Lembro-me do poeta Manoel de Barros (1999)² e seu menino que carregava água na peneira.

No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.

² BARROS, M. *Exercícios de ser criança*. São Paulo: Salamandra, 1999.

A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios

Os processos narrados pelo coletivo fiandeiro são matéria de poesia, que nos aproximam do menino que aprendeu a usar as palavras com outros sentidos, encontramos cintilância no opaco e o fruir estético desloca-se dos grandes museus para os quintais, onde balbuciamos nossas primeiras palavramundo pela vivência sensorial. Tão grávidos de pertencimento e quase esquecidos pela lógica de memorização de conhecimentos estéreis.

Pensar a docência com pesquisa e arte, com “Arte Vida, Vida Arde”, é (re)significar o aprendido e entendermos que para falar das nossas experiências com a arte, precisamos investir em nossas histórias de vida, como percursos biográficos, que são acionados pela memória na pesquisa-formação, que nos ensinam caminhos singulares de nos (re)encontrarmos com a nossa formação estética.

Nas sutilezas do fazer a mão, a dimensão do sensível remete ao simbolismo no qual a nossa alma repousa. Por essas trilhas - simbólicas, sensíveis, almadadas, sutis, artesanais -, as criações textuais, imagéticas e poéticas, apresentadas nesta coletânea, nos provocam a pensar na indissociabilidade entre forma e conteúdo, pois o vivido precisa de nuances ao se inscrever no papel, na interface entre tempo e narrativa, fundamentadas em uma reflexão crítica e nas condições sociais do momento vivido.

Cristiana Callai
Universidade Federal Fluminense
Outubro de 2024

Apresentação

Inventar para viver: docência, pesquisa e arte em rodas de narrativas

Qué nos vamos a inventar hoy para
seguir viviendo?
(Berón *apud* Albán-Achinte, 2017)

A coletânea que apresentamos vem à público, embalada pelas boas energias que movimentaram o II Seminário Rodas do FIAR: esperanças, afetos, solidariedade, cultivo e partilha de belezas. Proposto pelo Círculo de estudo e pesquisa formação de professores, infância e arte, o seminário, fez um convite ardente:

A arte chama, provoca
Engendra a vida
Dentro e fora da docência
Atiça narrativas
Sob calor de brasas,
Faz arder percursos
Liberta expressões, afirma identidades,
Une re-existências
Via autonomia, criticidade e criatividade
Acende, realça, anima
experiências de quem se faz:
Docente
Com Pesquisa
E Arte¹.

O encontro-convite foi anunciado como a renovação do desejo de tecer educação, pesquisa e docência em diálogo com a arte,

¹ Trecho do material de divulgação do II Rodas do FIAR, 2023.

impulsionado pela necessidade de inventar para seguir vivendo - na universidade, na escola, nos cotidianos de toda a gente! Um encontro sonhado e realizado por um círculo de pesquisa da Universidade Federal Fluminense, que se coloca em interlocução com a Educação Básica, e assim vai se fortalecendo em cada ação projetada, individual e coletivamente.

Continuar (re)existindo, depois de sofrermos o tempo pandêmico, também se anunciava como desafio e nos mobilizava a viver outras histórias. Assim, a segunda edição do Seminário Rodas do FIAR, com o tema **Arte vida, vida arde: (re)existir na docência, com pesquisa e arte**, colocou na roda experiências de pesquisa e formação com arte na educação, desenvolvidas na universidade pública, revisitando processos de investigação e práticas docentes que nos ajudam a (re)acender a vida, na ação de fazer-se professora e professor. Nos dois dias projetados, recebemos estudantes, professoras, professores, pesquisadoras, pesquisadores e artistas, partilhando saberes e fazeres em rodas de conversa, oficinas e diferentes vivências pelos espaços do *campus* Gragoatá da Universidade Federal Fluminense.

Com afeto e compromisso ético, estético e político, a iniciativa seguiu na direção de fortalecer a luta por uma educação viva, como espaço de (re)existências plurais, no combate a todo tipo de discriminação. A proposta do II Rodas do FIAR apostou que pesquisa e arte são contributos para a ação de (re)constituir-se professora e professor, para esperar e tecer um mundo novo. Com a presença de toda a gente que veio, foi possível dar forma a encontros ardentes sonhados: aticamos narrativas, nas tramas da diversidade, lançamos fagulhas, em oficinas de sonhos e criações. No coletivo, acendemos, realçamos, animamos, bordamos (re)existências.

Como um exercício de textura-narrativas, fiandeiras e fiandeiros, aquecidos pela beleza da chama do que foi vivenciado em todo o processo do seminário - preparação, organização, realização, registros, encerramento -, as produções aqui compartilhadas oferecem um panorama de percepções, projeções,

sentimentos, pensamentos, conhecimentos alinhavados nos processos de pensar-fazer em grupo. Uma proposta que reúne pensamentos, palavras, vida, experiência, encontros: histórias do II Seminário Rodas do FIAR!

Pensamento: palavra.

Palavra: vida.

Vida: experiências.

Experiências: encontros.

Encontros: histórias.

Histórias: encontros, experiências, vida, palavra, pensamento, registro!

Registro: palavra do habitar o pensamento. Palavras descrevendo, analisando, marcando experiências vividas. Registro: palavras que narram histórias, tecem memória. Palavras que geram reflexão, avaliação, apropriação de conhecimento, pensamento sistematizado (Ostetto; Oliveira; Messina, 2001).

No esboço da proposta, toda a gente fiandeira foi convidada a produzir suas memórias, acerca das experiências partilhadas, por meio de múltiplas linguagens: texto, artigo, relato, poema, desenho, prosa poética, colagem etc. No movimento que se foi desenhando nos meses que se seguiram ao seminário, de forma individual ou compartilhada, participantes do FIAR se entregaram à criação, continuando o desafio/necessidade de inventar para afirmar a vida. Ao modo FIAR, as produções aqui reunidas continuam a tecer a matéria-experiência-escrita-vida, que serve para poesia e serve para academia, como disse Ana Angélica Albano (2023), por referência à poesia de Manoel de Barros “Matéria de poesia”.

Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para poesia.

[...]

As coisas que não levam a nada têm grande importância, cada coisa ordinária é um elemento de estima, cada coisa sem préstimo tem seu lugar na poesia ou na geral.

O que se encontra em um ninho de João Ferreira, caco de vidro, grampos, retratos de formatura, servem demais para poesia.

As coisas que não pretendem como por exemplo pedras que cheiram a água, homens que atravessam períodos de árvore se prestam para a poesia.

Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma, o que você não pode vender no mercado, como por exemplo o coração verde dos pássaros serve para a poesia.

[...]

As coisas sem importância são bens de poesia.

Pois é assim que um Chevrolet gosmento chega ao poema e as andorinhas de junho (Barros, 1990).

São processos autorais, artesanais, delicados, que nos fazem lembrar um tecido tramado com fios de cada autora e de cada autor, que confirmam: “A tecelagem é um trabalho de criação e iluminação” (Chevalier; Gheerbrant, 1988, p. 577). Ao darem forma às memórias do seminário, pensamentos, sentimentos, concepções, matérias da educação, da arte, da vida na docência e na pesquisa são iluminadas como essencialidades.

No primeiro capítulo - **Entre o bordado e o reticulado do avesso - sobre a feitura de um encontro a muitas mãos** - a fiandeira Marta Maia, a partir da inspiração benjaminiana da alegoria do bordado, com seus fazeres e apetrechos, vai fiando memórias do II Seminário Rodas do FIAR. Entre fios, nós e desvios, alinhavos desfiados, fios sobrepostos, até o arremate, vai criando um bordado que desnuda o seminário, apresentando o que foi vivido/experimentado por todas e todos que ali se achegaram para entrar na roda. O avesso do bordado/experiência, que muitas vezes optamos por esconder, também aparece na narrativa que (re)conta as tramas, trançados, desvios e coloca em evidência toda a gente fiandeira que, atizada pela chama do desejo do encontro, trabalhou por muitos, e longos, meses, colocando lenha na fogueira, para oportunizar movimentos de (re)existências pelas veredas da formação de professores e professoras, da pesquisa e da arte.

Entre papéis, fios e botões: memórias do FIAR, segundo texto da coletânea, evidencia as artesanias que (re)constituem em beleza, afeto, sensibilidade e criatividade o FIAR. A fiandeira Stéfany Bicalho Fernandes, em um escrito-poesia que canta com as Meninas de Sinhá e dança/brinca com os desenhos, também produzidos por ela, coloca em destaque, pela movimentAÇÃO, que a produção dos cadernos e crachás do evento oportunizou o trabalho coletivo - tessituras a muitas mãos. Um (re)fazer que, ao permitir inventar-criar com o corpo todo, afirma identidades e possibilita a autoria.

Com quantas maneiras pode-se narrar um acontecimento? A multiplicidade de modos de registrar e dizer a memória - palavra, imagem, prosa poética - apresenta-se na sequência, no texto **Olhar... gestos, cores, formas, sensibilidades no encontro**, produzido pela fiandeira Carla Andrea Corrêa, como um convite a mergulhar nos sentidos cultivados no II Seminário Rodas do FIAR. Os foto-ensaios e as fotocolagens que a autora produziu, tomando a fotografia enquanto história e memória, que ao mesmo tempo encanta e revela segredos, compõem coerente e belamente a reflexão que inicia com o click na máquina fotográfica. Além de eternizar tantos e diferentes momentos, o sensível olhar da fiandeira permite (re)construir uma, entre tantas possíveis, narrativas visuais sobre o seminário, com arte, imaginação, criatividade, poesia e coragem.

No que tange à formação de professores e professoras na busca pelo trabalho docente no *tempoespaço* da Educação Infantil que se movimenta a favor da igualdade racial, o texto **Atiçar narrativas outras: formação e prática docente a favor da igualdade racial**, escrito da fiandeira Greice Duarte de Brito Silva, faz ecoar uma voz firme e ardente que conclama narrativas na diversidade. Entre histórias de formação docente, como uma chama que não se apaga, questiona movimentos de formação, profissionalização e trabalho docente, nos conduzindo a questionar como esses diferentes territórios, e nós - gente que circula e produz conhecimento nestes, incorporamos repertórios artísticos-culturais no diálogo com poéticas (empre)tecidas. Um convite à transformação!

Em continuidade a um exercício de (re)existências, Aline Lages e Rosvita Kolb-Bernardes, da Universidade Federal de Minas Gerais, no texto **Acender, realçar, animar (re)existências: fazer arte, tecer a vida**, tecem fios sobre as maneiras de ser-fazer pesquisa no encontro fiandeiro proposto, para então ampliar o tecido da narrativa, retomando a partilha de imagens e reflexões que apresentaram no II Seminário Rodas do FIAR. Obras da artista-pesquisadora Aline Lages permeiam o texto, alargando seus sentidos. A beleza do enlace das narrativas textuais e imagéticas (re)constituídas, evidencia uma prática artística que se (re)cria como ação de (re)existência e afetos.

Na sequência, iniciando uma produção que evidencia as oficinas realizadas no transcorrer do II Seminário Rodas do FIAR, a **Carta-convite: para pensar experiências docentes (empre)tecidas pelas veredas da arte**, escrita pelas fiandeiras Maria Helena Dantas dos Santos Neves, Kamila da Silva Cunha Martins, Maria Letícia Felinto da Silva e pelo fiandeiro José Firmino de Oliveira Neto, apresenta as tessituras-afetos que (re)constituíram a oficina “Entre prosas, guardados de memória e experiências docentes: literatura e arte (empre)tecidas”, que dinamizaram. As autoras e o autor narram os processos e movimentos experimentados-partilhados na oficina, contam, por exemplo, sobre a (re)construção de cartões postais realizados pelas professoras em coletivo na ação da oficina, chamando atenção para o papel do fazer/tecer a mão como uma possibilidade de (re)afirmação de um conhecimento docente, que esteja imbricado a dimensões estéticas, éticas e políticas. Como uma carta-convite, as palavras, as imagens, o senso poético que atravessa todo o manuscrito, nos chama a continuar pelos caminhos da arte e da cultura, a (re)pensar a formação de professores e professoras das infâncias, em perspectiva (empre)tecida com muitas linguagens.

Nesse movimento, chegamos ao texto **O baú de guardados, histórias de infância na cidade e formação de professoras**, da fiandeira Graziela Ferreira de Mello, que conta sobre os (en)LAÇOS partilhados e construídos a partir da pesquisa de mestrado que

realizou no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, vivificados na oficina que dinamizou durante o seminário. A proposta que recebeu o título “No álbum da memória: a cidade, a infância de professoras e a formação estética”, tomou a cidade como *tempoespaço* de formação estética de professoras e professores, mas também de toda gente que por ela andarilha. Para dialogar sobre/com narrativas docentes, a partir de um aporte teórico-metodológico das abordagens (auto)biográficas, fotografias e memórias atravessaram a oficina, sensibilizando a rememoração de experiências de vida-formação.

Na mesma direção, no texto **Entre novas lentes e pessoas-borboletas: um convite a metamorfosear**, escrito pela fiandeira Ana Grazyele da Silva Araújo, discente do curso de Pedagogia (FE/UFF) e bolsista de Iniciação Científica, temos a narrativa de quem se chegava no FIAR e se (re)encontrava em metamorfose - por vezes, sentia-se deslocada no âmbito da formação, e as novas veredas, ao encantar, suscitaram novas reflexões sobre si e sobre os outros. A possibilidade de borboletear pelo seminário e pelos espaços da vida-formação, suscitou uma narrativa que marca os encontros da fiandeira com toda gente do grupo e com os saberes-fazer que o definem: *“Naquele momento, os integrantes do grupo FIAR pareciam pessoas-borboletas, que convidavam toda a gente ao encontro de novos olhares, fazeres e sentires. Convidavam a metamorfosear”*.

As fiadeiras Laís Vilela Gomes e Amanda Lobôsko Pinto dinamizaram uma oficina que articulou suas pesquisas de mestrado, realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, cujas histórias e sentidos podemos acompanhar no escrito intitulado **No caminhar que faz do tempo o encontro, cultivar e partilhar sentidos em conexão com a natureza**. São duas mulheres, mães, pedagogas, educadoras das infâncias, formadoras de professores e professoras, pesquisadoras e fiadeiras - uma de Niterói/RJ, e outra de São Mateus/SP, que ao atravessarem a ponte, se encontraram e buscaram produzir novas narrativas. Ao partilharem a construção e a materialização da oficina

“Andarilhar e (a)colher sentidos em conexão com a natureza”, que dinamizaram, evidenciam o encontro entre Educação, Arte, Natureza, Infância e Formação docente, em tessituras vivas que permitem (re)contar sobre uma roda de partilha de sonhos e afetos, (re)conexões e celebrações da vida, em andarilhagens, por distintos territórios e conexões com a natureza.

Em conexão com o movimento da oficina que foi narrada no texto anterior, a fiandeira Miriam Nogueira de Maltos apresenta a produção textual-imagética **Nos meus (des)caminhos, acolhendo sentidos, reparando em outras cores**, narrando sua participação. Ela escreve: *“Uma oficina pensada como encontro, janela e coração que se abre para acolher, sentir, apreciar, proporcionar deslocamentos e estesia, articulando pensamento e sentimento”*. Nesse delinear, apresenta seus achados oportunizados pela andarilhagem realizada pelo *campus* Gragoatá da UFF, que lhe permitiu (re)apreender a olhar e (re)significar o ordinário em extraordinário, e ainda, reordenar o tempo e todas as suas prioridades. Em síntese, pontuou que o seminário lhe *“acentuou o espanto de existir”*.

A fiandeira Daiane Francisco de Medeiros é a autora da produção carregada de imagens e simbolismo: **Quando os rios se fotografam: no encontro das memórias**, que evoca com águas-palavras, diferentes modos de vibração de sentimentos, a partir de sua participação na oficina *Andarilhar e (a)colher sentidos em conexão com a natureza*. As conversAÇÕES tecidas em coletivo oportunizaram-lhe profundas reflexões que são partilhadas, enredadas por experimentações ancestrais fiadas e confiadas em seu percurso. Pelas encruzilhadas da pesquisa (auto)biográfica, território que vai adentrando com suas múltiplas histórias-memórias, a fiandeira nos provoca à ruptura do tempo Chronos, a (re)parar o MUNDO-NATUREZA em outra perspectiva: humanizada, sensível, afetiva e memorialística.

Em continuidade, o escrito-vivência **Entre olhares e narrativas docentes sobre arte: tornar visível a experiência**, construído pela fiandeira Xênia Froes da Motta, traçado com a gramática da Arte, pulsa os achados da oficina *“Entre o visível e o invisível: tempos e*

espaços da arte nas narrativas de professoras da Educação Infantil”. Nesse traçado, a autora (re)constrói o escrito-poesia fazendo ecoar a “[...] *experiência artística ressignificada na oficina, a transformar, transmutar para uma experiência estética*”, que lhe possibilitou: “*olhar o todo e as partes. [...] olhar para mim e para o outro, para o material, para o espaço - as coisas, os aconchegos e os sentimentos*”. Uma beleza que inspira transformações, na queima do que precisa ser re-animado.

Na mesma direção, segue a prosa-poética **Encontro de ARTE-VIDA**, uma criação do fiandeiro André Bezerra, que (re)conta, em diálogo com o poeta, o quanto o seminário lhe oportunizou, no enlace da relação entre forma-conteúdo, renovAr-se: ARte... inspiRAção!

Finalizando o livro, temos as palavras poéticas da fiandeira Luciana Esmeralda Ostetto, **Na primavera, um seminário chama**, que evoca a natureza propositiva do II Seminário Rodas do FIAR: “*Com arte afeto sensibilidade. O chamado do círculo de pesquisa FIAR era desejo de pensar e tecer modos de fazer universidade pesquisa docência no coletivo [onde podemos ser mais]*”. Feito roda, os escritos cantam e dançam com a primavera, estação que abrigou o seminário: belas imagens de flores do *campus* do Gragoatá, capturadas pela autora, são (in)corporadas na produção textual. Como a nos lembrar: “*De primavera a primavera/a beleza é parteira de outras histórias/aquece coisas por dentro/convida à criação*”. Continuemos fiando, então!

Olhando para os escritos memorialísticos que compõem este livro, como não reconhecer marcas das ações de registrar e documentar, na formação de professores e professoras e no cotidiano com as crianças em creches e pré-escolas? Sim, o movimento de criação-autoria para materialização dos escritos que fazem essa obra, a partir de experimentações vivificadas no seminário, perpassam

[...] a práxis do registro na certeza de que sua constituição e a produção de documentos pedagógicos precisam estar no bojo de um discurso amplo de profissionalismo e profissionalidade, visto que

envolve condições políticas, educacionais e a autonomia dos profissionais, bem como o processo formativo (Oliveira-Neto, 2023, p. 879).

Os escritos-poesia que compõem a coletânea *(Re)existir na docência, com pesquisa e arte*, contam histórias autorais, que reverberam, enquanto registro-documentação, os modos fiandeiros de (re)apreender a vida-formação, mobilizar afetos e (re)inventar caminhos de pesquisa com poesia e alegria.

Aludindo aos escritos de Warschauer (1993), com essa produção deixamos marcas... Marcas de um coletivo que, a cada proposta, a cada encontro, a cada organização de evento e produção textual e imagética, aprende a ser-com-o-outro, tecendo unidade na diversidade, na pluralidade de existências e modos de ser. Marcas que explicitam o fazer-fazendo de um círculo de pesquisa que brinca-dança na academia, produzindo conhecimento em Educação, pelas veredas da Arte e da Cultura, enfrentando o território acadêmico, ainda rígido, de pouca, ou nenhuma, poesia.

Esperamos que apreciem a leitura. Que possamos nos encontrar em novas rodas de conversas e de partilha de saberes e fazeres. Sigamos inventando docências e pesquisas, narrativamente, com arte, para viver!



Um abraço fiandeiro, cheio de esperança.

Luciana Esmeralda Ostetto
José Firmino de Oliveira Neto

Niterói/RJ - Goiânia/GO
Primavera de 2024.

Referências

ALBANO, A. A. Prefácio: matéria de poesia, matéria de academia. In: OSTETTO, L. E.; MAIA, M.; CALLAI, C. (org.). *Formação, Educação e Arte: tessituras em pesquisa e prática docente*. Campinas, SP: Papirus Editora, 2023.

ALBÁN-ACHINTE, A. *Prácticas creativas de re-existencia: más allá del arte... el mundo de lo sensible*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2017.

BARROS, M. Matéria de poesia. In: *Gramática Expositiva do Chão* (Poesia quase toda). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988, p.577.

OSTETTO, L. E.; OLIVEIRA, E. R.; MESSINA, V. S. *Deixando marcas... a prática do registro no cotidiano da Educação Infantil*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

OLIVEIRA-NETO, J. F. Registrar e documentar na educação infantil: tessituras da práxis pedagógica de um Centro Municipal de Educação Infantil de Goiânia, Goiás. *Zero-a-seis*, Florianópolis, v. 25, n. 48, p. 879-899, 2023.

WARSCHAUER, C. *A roda e o registro*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

Entre o bordado e o reticulado do avesso – sobre a feitura de um encontro a muitas mãos

Marta Maia

Tal qual a mãe da Branca de Neve – a rainha – sentada à janela enquanto nevava, nossa mãe também se sentava à janela com a caixa de costura, e não caíram as três gotas de sangue, pois ela usava dedal para trabalhar. Em compensação, a cabeça do dedal era de um vermelho pálido, e ornavam-se pequenas escavações, vestígios de antigas agulhadas. (Benjamin, 1995, p.127).

Pespointos e alinhavos

A conversa que aqui se fia, parte da premissa de que o narrador, em diálogo com o que nos diz Walter Benjamin (2012), traz da memória aquilo que é digno de ser narrado e que ao fazê-lo dá ao narrado o valor da própria narrativa.

De acordo com Benjamin (2012, 217), “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros”. Ele rememora e transmite a outros a experiência vivida, a vida cotidiana observada, para que não se perca no tempo. Não como um rol de informações, de notícias frias, mas como uma troca de experiências. Pressupondo um processo que envolve o outro aponta para a possibilidade de continuidade, de uma história que continua e pode ser recontada.

Em “A caixa de costura” (1995, p. 127-129), Benjamin, nas narrativas acerca da sua infância, se utiliza da alegoria dos fazeres e apetrechos relacionados ao ato cotidiano das pequenas costuras

de sua mãe para, mais uma vez, evidenciar o valor da experiência e dos caminhos dos cotidianos sob o olhar do menino através das memórias do adulto.

O dedal de sua mãe, ornado de pequenas escavações, se configura como o resultado de um processo de vida, de fazeres, de dedicação, de feitura a mão. As experiências vividas deixam suas marcas, moldam o dedal de forma, ao mesmo tempo tão comum e tão singular. Todos os dedais têm marcas, mas as marcas de cada dedal resultam de experiências únicas e irrepetíveis.

Como os dedais, todos nós trazemos as marcas de variadas experiências, mas cada um tem experiências singulares e estas moldam um sujeito singular. Dialeticamente somos todos marcados de alguma forma por experiências comuns e singulares que nos constituem a todos, que nos iguala e diferencia. Experiências que nos constituem em particular, ainda que como parte de uma totalidade, de uma realidade mais ampla sobre a qual também deixamos marcas.

Desta forma, esse texto é a narrativa singular de uma experiência coletiva, um olhar situado por dentro dessa experiência, mas também, por vezes, pelas beiras do processo de construção e realização do evento apresentado nessa coletânea. Logo, não há a pretensão de trazer a totalidade do que foi vivenciado no planejamento, preparo e realização do evento, mas trazê-lo na sua inteireza de uma observadora privilegiada pelo lugar em que se encontrava.

O II Seminário Rodas do FIAR, realizado nos dias 27 e 28 de setembro de 2023, começou muitos meses antes para fiandeiras e fiandeiros, componentes do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte. Quem esteve conosco nos dois dias de encontro não teve a dimensão desse tempo antecedente e nem seria mesmo para ter. Esse olhar de quem esteve conosco anunciado em algumas palavras ouvidas por nós é o que nos move a narrar esse processo. Os participantes do II Rodas viveram uma experiência delicadamente planejada, o que vamos

chamar nesse texto de “bordado”, e vamos trazer o seu avesso com o reticulado que o possibilitou.

O bordado

O FIAR, como registraram Ostetto, Maia e Callai (2023, p. 13) “preza o fazer artesanal... entremeados pela ação criadora – mãos e coração -, guiados pelos princípios estéticos”. Assim, cada atividade, cada encontro do grupo, tem essa forte marca, a estética que se faz com as mãos e o coração.

Mas, como falar de mãos e coração sobre um encontro que se dá na academia, pensado por pessoas da academia? Sobre isso, registra Albano (2023, p.10), que para esse grupo, que pauta seus estudos e pesquisas na educação estética, os encontros se dão “par e passo com experiências estéticas” e que estas são matérias da academia.

Esses modos de fazer do FIAR vão ao encontro de Benjamin, quando discorre sobre a narrativa como um acontecimento que envolve mais que a voz: “A alma, o olho e a mão estão assim inscritos num mesmo contexto. Interagindo, eles definem uma prática” (2012, p. 239). Dessa forma, compreendemos que há uma narrativa que se constrói e se apresenta esteticamente para aqueles que chegam e se achegam aos eventos do FIAR. Uma narrativa que envolve a palavra dita, escrita, mas também as cores, formas, sons, movimentos, odores, sabores, texturas...

E essa é a prática que transparece aos participantes dos encontros do FIAR, que prima por uma organização que se traduz primeiramente num espaço que acolhe, que convida e integra. O espaço, geralmente frio e impessoal da universidade, ganha cores, muitas cores, em fios, fitas, toalhas, estandartes, cestos, vasos, bolsas, flores, bonecas... que são pensadamente dispostos sobre mesas, paredes, portas, murais.

"Arte vida, vida arde: (re)existir na docência com pesquisa e Arte" foi o tema do II Seminário Rodas do FIAR, que foi anunciado

como um convite, em palavras e imagens enunciadas como provocação.

Imagem 1: Cartaz e trecho do texto de divulgação

"Arte chama, provoca.
Engendra a vida.
Dentro e fora da docência..."

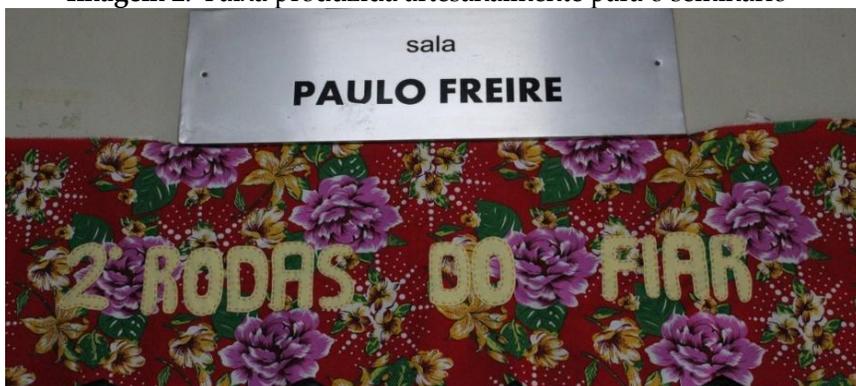
"Mais um momento de (re)encontros, diálogos, reflexões e partilhas acerca de pesquisas e práticas que entrelaçam formação estética docente, Infância e Arte. No coletivo, nosso gosto é o de acender, realçar, animar, bordar (re)existências".



Fonte: Acervo FIAR

Já no início do seminário, os olhos de quem atendeu ao convite e respondeu à provocação com sua presença, são convidados a passear entre todo o acervo organizado, que conduz a um desligamento do pensar e sentir do que lhe acompanhou até à porta da sala 318, Bloco D, da Faculdade de Educação da UFF- Sala Paulo Freire.

Imagem 2: Faixa produzida artesanalmente para o seminário



Fonte: Acervo FIAR

Imagem 3: Registro da decoração da entrada da sala 318



Fonte: Acervo FIAR

Na chegada, o encontro com velhos e novos conhecidos: alunos da graduação com a professora, pós-graduandos, professores de redes públicas de educação e de escolas privadas. Olhares, abraços, sorrisos, burburinho...

Imagem 4: Registro da mesa de inscrição



Vê-se uma primeira mesa ornada com uma toalha colorida na qual se encontram o crachá e o bloco de anotações, feitos a mão, por fiandeiras e a lista de presença, na qual se pode fazer o credenciamento e as inscrições para as oficinas.

Fonte: Acervo FIAR

Imagem 5: registro da mesa de recepção



Os olhos seguem e logo encontram a mesa seguinte, também ornada com uma toalha colorida e pequenos petiscos, café, suco e água para a degustação antes do início dos trabalhos. Ou será que aqui já não estarão estes iniciados?

Fonte: Acervo FIAR

O professor José Firmino (UFG/FIAR) foi o mestre de cerimônia, conduzindo à abertura realizada pela professora Luciana Ostetto (UFF/FIAR) e, na sequência, a mesa-redonda “Atiçar narrativas outras: Formação e prática docente a favor da igualdade racial”, proferida pela professora Núbia Santos (FE/UFRJ), mediada pela professora Greice Duarte de Brito Silva (UFF/FIAR). Após essa mesa aconteceram as oficinas, nas quais os participantes puderam vivenciar o encontro com os temas e modos de fazer pesquisa do FIAR.

Imagem 6: Registro das oficinas



Fonte: Acervo FIAR

As oficinas foram: "Entre o visível e o invisível: tempos e espaços da Arte nas narrativas de professoras da Educação Infantil", mediada pela fiandeira-doutora Xênia Motta; "No álbum da memória: a cidade, a infância de professoras e a formação estética", mediada pela fiandeira-doutoranda Graziela Mello; “Entre prosas, guardados de memória e experiências docentes: literatura e arte (empre)tecidas”, mediada pelas fiandeiras-mestrandas Maria Helena Neves, Kamilla Martins e o fiandeiro-professor doutor José Firmino Neto; “Andarilhar e (a)colher

sentidos em conexão com a natureza”, mediada pelas fiandeiras-mestrandas Laís Vilela Gomes e Amanda Lobosco.

Imagem 7: Roda de Danças Circulares

Encerrando esse primeiro dia, tivemos no início da noite uma animada Roda de Danças Circulares, orientada pela Professora Luciana Ostetto.



Fonte: Acervo FIAR

Imagem 8: Mesa Redonda “Acender, realçar, animar (re)existências”



Para o segundo dia do encontro, foi realizada a Mesa Redonda “Acender, realçar, animar (re)existências”, proferida pela Prof.^a Dr.^a Rosvita Kolb (EBA/UFMG) e Aline Thomaz (Mestranda EBA/UFMG).

Fonte: Acervo FIAR

Imagem 9: Encerramento do II Rodas do FIAR

Ao final, tivemos um momento de avaliação do evento e uma pequena e calorosa dança circular e, enfim, o encerramento do II Rodas do FIAR.



Fonte: Acervo FIAR

As mesas e oficinas têm seus textos próprios nesta coletânea, nos quais autoras e autores trazem a dimensão que cada uma teve para si e para o evento, para a produção e socialização do conhecimento que se tece no encontro entre saberes e fazeres na/da educação com estesia.

O reticulado do avesso

Para apresentar ou descrever o II Rodas do FIAR, utilizamos da metáfora do bordado e discorremos sobre aquilo que foi oferecido aos participantes nos dias do evento. De acordo com o dicionário Aulete¹, bordado é “Trabalho feito em tecido ou tela, geralmente à mão, utilizando agulha e linhas ou fios coloridos para criar ornatos em relevo”.

Imagem 10: Registro do trabalho manual



Mas, esse trabalho manual, que também é cognitivo e afetivo, tem um avesso, o outro lado, no qual as linhas ou fios coloridos traçam percursos diversos do que se vê no lado apresentado. Percursos que, geralmente, por mais cuidadosas que sejam as mãos que o tecem, se entrecruzam, se sobrepõem, deixam lacunas.

Fonte: Acervo FIAR

Benjamin (1995, p.129), na alegoria “A caixa de Costura”, diz: “à medida que o papel abria caminho à agulha com um leve estalo, eu cedia à tentação de me apaixonar pelo reticulado do avesso que ia ficando mais confuso a cada ponto dado, com o qual, no direito, me aproximava da meta”.

¹ <https://aulete.com.br/>

Dessa forma, Benjamin nos lembra que tudo tem um avesso, que não necessariamente é seu contrário, mas seu outro lado. O avesso é a parte que não fica exposta, visível, que contém percursos até confusos, idas e vindas, fios sobrepostos, nós, desvios, e que, no entanto, é parte necessária, constitutiva do que se realiza. Sem um avesso não se faz o que seria o lado bom, certo, bonito, previsto, planejado. Em tudo o que vemos, fazemos, realizamos, há um avesso que não se contrapõe, que completa, constitui, possibilita.

Daí o nosso intento de narrar esse avesso que se “organiza” em retículas tal qual uma rede. Para trazer uma narrativa sobre esse avesso enredado em fios entremeados, vamos desfiar um pouco o bordado e buscar suas retículas. Nós desfeitos, puxamos os fios dos últimos pontos do bordado, logo também do avesso, da meta, a conclusão, que se aproximava.

Os últimos pontos do bordado narrado são dados no final da manhã do dia 28 de setembro, segundo dia do II Rodas do FIAR. Estes são os pontos do momento da breve avaliação do encontro realizada após a mesa-redonda daquela manhã.

Entre aqueles e aquelas que participaram dos dois dias de encontro havia uma alegria terna, um ar de gratidão pelo vivido e algumas palavras pronunciadas remetiam à perfeição, beleza e acolhimento encontrados naquele tempo/espço vivenciado.

Toda a organização do evento, claro, foi pensada para isso, para que os participantes fossem envolvidos por uma ambiência acadêmica permeada pelo fazer estético, a academia com/como estesia, experiência estética.

Mas, ao encerrarmos o encontro, fico a pensar sobre o que se viveu e fez até aquele momento, para que assim fosse, do planejamento à execução de cada detalhe para realizar um evento acadêmico numa universidade pública com suas potências, carências e contradições.

Entre fios, nós e desvios

O I Rodas do FIAR foi realizado em novembro de 2019, com a proposta de ser um seminário realizado a cada dois anos, o que nos remeteria à realização do II Rodas em 2021. Porém, como todos nós vivenciamos, entre 2020 e 2022, estivemos impactados e com nossos fazeres atravessados e represados, de certa forma, pela pandemia de COVID-19, que nos impedia de realizar encontros presenciais.

Com a amenização dos impactos da COVID-19 em nossas vidas, o II Rodas do FIAR começa a ser gestado em setembro de 2022, com a expectativa de ser realizado em dezembro de 2022. No entanto, estávamos ainda retomando com efetividade a totalidade das atividades presenciais na universidade. Embora, as aulas, reuniões e outras tarefas tenham voltado ao modo presencial, encontros maiores estavam sempre sob a necessidade de se avaliar o grau de contágio entre nós. Essa preocupação e a necessidade de conseguirmos absorver a presencialidade efetiva em toda as nossas atividades, levou ao adiamento do seminário para o ano seguinte.

Em 2023, passamos a planejar o evento como um todo, com data inicial para junho de 2023. Porém, depois de dois anos de impedimentos para as atividades presenciais, havia uma retomada das múltiplas atividades acadêmicas e a consequente coincidência de datas.

Com o planejamento já bastante adiantado fixamos a data definitiva para o seminário, setembro de 2023. Esse processo que vai da previsão inicial de realização ao acontecimento concretizado é cotejado na publicação de 03/10/23 na página do FIAR no *facebook*:

II Rodas do FIAR.

Um seminário sonhado, gerado e planejado por um tempo. Interrompido pelo inesperado, mas que aconteceu no tempo oportuno.

Tecido a muitas mãos.

Mãos que se dedicam à experiência do fazer com e ser com outros.

Pensar os detalhes, costurar, colar, carimbar e prosear.

Em volta da mesa.

Jeito fiandeiro de ser.

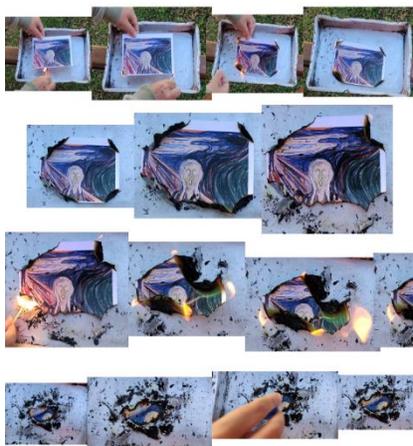
E assim, vamos alinhavando a formação estética docente, nos fazeres, na partilha e nos (re)encontros.

Alinhavos Desfiados

Enquanto se fixava uma data, o planejamento prosseguia nos encontros periódicos do grupo de pesquisa. Partindo das questões centrais como definição de tema, convidados, espaços, duração, o grupo se organizava e organizava o evento.

Imagem 11: Registros da experimentação estética

A experimentação estética realizada pela fiandeira Xênia Motta para a sua tese, mobiliza, encanta e instiga a reflexão sobre docência, pesquisa e arte. Na efervescência das interações do grupo chega-se ao título do II RODAS DO FIAR - **ARTE VIDA, VIDA ARDE: (RE)EXISTIR NA DOCÊNCIA COM PESQUISA E ARTE.**



Fonte: Acervo FIAR

Na ardência da vida acadêmica, prosseguimos no planejamento, definindo dias e horários, mesas redondas, oficinas, espaços. Quem, assunto, quando, onde? Definir cada item desses exige a divisão de tarefas que vai se desdobrando em muitas outras à medida que o evento se aproxima.

Os temas, como indicado desde o título do seminário, seriam aqueles que representam os caminhos de estudo e pesquisa do FIAR: narrativas sobre formação docente, memórias, diversidade

de possibilidades de ser/fazer na vida e na academia, a arte nas pesquisas e práticas docentes.

Seguindo a trilha dos temas, considerando ainda as possibilidades de participação que incluem não só a disponibilidade de agenda, mas também a necessidade de locomoção, uma vez que há uma escassez de verbas disponíveis para custear os eventos, passou-se ao convite aos que fariam as falas nas mesas redondas. O que ao final do processo chegou-se ao melhor para o II RODAS, como pudemos vivenciar, com as participações das convidadas Prof.^a Dr.^a Núbia Santos (FE/UFRJ), Prof.^a Dr.^a Rosvita Kolb Bernardes (EBA/UFMG) e Aline Thomaz (Mestranda EBA/UFMG).

A professora Núbia Santos vem participando de bancas de pesquisas do FIAR, oportunizando aprendizagens e reflexões sobre a perspectiva antirracista de forma contundente e sensível. A professora Rosvita Kolb, que compõe o FIAR desde o seu começo, é referência para o grupo sobre seus temas centrais: narrativas, formação e arte. Já a professora-artista Aline Aparecida Thomaz, em diálogo com sua orientadora, a professora Rosvita, nos conduz pela pesquisa especialmente afetiva e constituída nos detalhes e reminiscências do trabalho artístico-biográfico na horta. Poder contar com as participações dessas convidadas está intimamente relacionado ao caminho construído no e pelo grupo em suas atividades, pesquisas e produção teórica.

Definindo datas, temas e convidadas é preciso delimitar horários, envolvendo ainda as possibilidades do público-alvo – estudantes de graduação e pós-graduação, além de profissionais das escolas. Assim, se chega à tarde de quarta-feira e manhã de quinta-feira. A tarde de quarta-feira é pensada em relação à maior possibilidade de participação de profissionais da rede municipal de Niterói, cidade em que se situa a UFF, porque nesse dia se encontra o horário destinado ao estudo e planejamento coletivo nas escolas. O que permitiu que todas as professoras, de uma unidade de Educação Infantil, participassem do seminário. A manhã de quinta-

feira tem relação tanto com a oferta de aulas da graduação do curso de Pedagogia quanto da pós-graduação em educação da FEUFF.

O passo seguinte, ou paralelo, é definir o local de realização. Num primeiro momento, pensamos em buscar um dos locais de arte e cultura da cidade, como o Museu Janete Costa ou o Solar do Jambeiro. Nada mais imersivo numa experiência estética que conversar sobre o tema em um espaço de arte, como foi no I Rodas, realizado no Museu de Arte Contemporânea – MAC-Niterói. O MAC possibilitou espaços fechados e aconchegantes para as falas principais, fechados e abertos para as oficinas, a visita guiada pelo museu, a estada no prédio que é referência na arquitetura e em meio às obras de arte expostas. No entanto, agora temos mais uma questão a atravessar os afazeres acadêmicos pós-pandemia: reocupar a universidade.

Durante a pandemia, como já apontado acima, os prédios da universidade ficaram fechados e as janelas virtuais promoviam os encontros possíveis. Tempos difíceis em vários aspectos. Os encontros remotos para aulas, reuniões, estudos e pesquisas ou atividades de extensão possibilitaram a continuidade dos fazeres acadêmicos enquanto ainda não era seguro a presencialidade física. Estar on-line aproximou gente de longe, era possível conversar com pessoas de todo o país, a cada atividade, fossem aulas, reuniões, estudos, pesquisas ou extensão. Esse foi o lado bom e fértil da virtualidade naquele momento, ainda que com muitos limites de participação. Principalmente quando nos reportamos aos alunos, tinham inúmeros e frequentes casos de falta de equipamentos ou de internet para participação, pouco conhecimento sobre como operar com as tecnologias (o que também afetou professores), características pessoais que inibiam a participação virtual. Com tudo isso, ansiamos pelo retorno presencial, mas o que encontramos no retorno foi mais complexo do que o esperado, como geralmente é a realidade em relação ao planejado.

Ao retornarmos a presencialidade integralmente, ainda que mantendo alguma forma de relação virtual, o que se observou foi o esvaziamento dos espaços da universidade. Diversos fatores

levaram a esse esvaziamento, além de um novo hábito criado (estudar e trabalhar sem sair de casa), o empobrecimento da população antes já mais empobrecida como se caracteriza grande parte dos nossos alunos e alunas e a consequente necessidade de empregar-se em horários muitas vezes incompatíveis com os estudos, o abandono dos estudos ou diminuição do horário destinado ao mesmo, o adoecimento em larga escala por fatores psicológicos e emocionais em decorrência da pandemia/isolamento/empobrecimento.

Logo, fez-se imperativo ocupar os espaços da universidade e fazer o Rodas em outros espaços não seria agora uma boa escolha. Assim, era preciso garantir os espaços dentro da universidade. Quais? Nossas salas são tão frias e tão iguais, se diferenciando um pouco ora pelo tamanho ora pelas condições de manutenção dos espaços. Questão que se agrava com os recorrentes cortes de verbas para financiamento do ensino superior, ocorridos desde 2016, com o golpe empresarial-midiático sofrido pela Presidenta Dilma Rousseff, com a ascensão de governos mais neoliberais como o do presidente golpista Michel Temer e de extrema-direita representado por Jair Bolsonaro.

Como reflexo desses cortes o Auditório Florestan Fernandes, da Faculdade de Educação da UFF, se encontra fechado há mais de dois anos, estando em funcionamento precário há pelo menos quatro. Então não haveria um auditório para realizar o seminário.

No prédio da Faculdade de Educação, contaríamos com a Sala Paulo Freire, uma sala de aula mais ampla que há quase trinta anos serve de miniauditório para aulas abertas, defesas, seminários. Essa sala foi imediatamente reservada desde os primeiros planos para o seminário. Além desta, foram reservadas salas na própria Faculdade de Educação e espaços da Biblioteca Central do Gragoatá – BCG, onde o FIAR já realizou outros eventos.

A Biblioteca tem, entre livros, estantes e mesas, uma pequena sala no primeiro andar com um piano e algumas peças de arte, uma larga rampa de acesso aos andares que rodeia um jardim interno separado do ambiente por uma parede de vidro, no subsolo uma

pequena sala que dá acesso ao térreo do jardim e um salão na entrada no qual se realizam exposições. Um espaço que nos convida e acolhe, mas que ainda é muito pouco ocupado pelos alunos, o que se torna mais uma razão para usarmos. Reserva de espaços da Biblioteca feitos com direito a visitas, projeções, fotos e vídeos para o grupo avaliar e planejar a ocupação.

Com o projeto do Seminário bem definido, as oficinas puderam ser melhor delineadas como espaços para a artesanaria, onde o fazer com as mãos fosse experienciado pelos participantes como uma experiência estética que mobilizasse razão, coração e mãos. Entre pesquisas concluídas e pesquisas em processo, as oficinas trazem os temas que atravessam os fazeres do FIAR. Mediar e dinamizar as oficinas permite a quem já concluiu sua pesquisa poder socializar o tema, o processo e dar nova concretude ao que pesquisou. A quem se encontra em processo de pesquisa, as oficinas possibilitam abrir a outros os caminhos percorridos e com estes estabelecer trocas. Para ambos, certamente, as oficinas trazem o desafio e o prazer da partilha de conhecimentos, dos conteúdos e formas de se fazer pesquisa neste grupo.

Fios sobrepostos

Enquanto a realização do Seminário se aproxima, enquanto só o grupo e as convidadas sabem de sua realização, muitos pontos precisam ser dados para que o bordado exista e seja contemplado. No *drive*, o arquivo II Rodas do FIAR indica as tarefas preparatórias a serem realizadas e as que devem acontecer nos dias de seminário. Ali, o grupo se organiza de acordo com as necessidades e as possibilidades.

Após a definição de data e horário, de título, de convidadas, local e oficinas ainda era preciso confeccionar os materiais, fazer a divulgação nas redes sociais do FIAR e criar os kits e crachás para os participantes. Aqui a expressão da arte se apresenta tanto no domínio da tecnologia quanto no manuseio de materiais. Cartazes virtuais são elaborados para o encontro.

Imagem 12: Registros dos cartazes do evento



Fonte: Acervo FIAR

Os kits para os participantes são uma outra possibilidade de expressão da arte e das formas de existir do FIAR. Os kits, feitos a mão, resumem o que identificamos em Benjamin (2012, p. 239), em similaridade com os propósitos do FIAR, o que envolve a alma, o olho e a mão, definindo uma prática.

Imagem 13: Ilustração da confecção dos materiais

Essa tarefa exige habilidade, um mínimo de intimidade com os materiais ou uma certa coragem em se aventurar. A confecção desses materiais se realiza em um encontro, em um sábado, no qual, diante dos materiais disponíveis, olhos atentos, mãos firmes e almas conectadas se dispõem a dar materialidade ao desejo de oferecer itens que não sejam apenas úteis, mas que simbolizem um grupo que prima pelas sutilezas dos fazeres sensíveis.



Fonte: Acervo FIAR

Enquanto isso, inscrições abertas, era preciso acompanhar e confirmar cada inscrição para que o participante pudesse receber o certificado posteriormente.

Véspera do evento, somos surpreendidos pela notificação de agendamento sobreposto da sala 318. Solicitação de mudança de local, negociação, tensão, decisão de manter o local.

Na manhã do primeiro dia do seminário era necessário arrumar a sala das atividades principais e as salas das oficinas, três seriam na Faculdade de Educação e uma na sala, no subsolo da Biblioteca. Os demais espaços da Biblioteca foram dispensados em função da concentração das atividades do seminário na Faculdade de Educação, mas uma das oficinas aconteceria na sala do subsolo por ser possível o acesso ao térreo do jardim interno.

Imagem 14: Registro do *campus*

No final da manhã, enquanto se organizava o espaço, faltou luz no *campus* sem previsão de retorno. Aulas são suspensas, o *campus* fica esvaziado. No limite das possibilidades de decisão, manteve-se o encontro. Enquanto há dúvidas sobre como seria realizar o evento sem energia elétrica, os materiais são cuidadosamente organizados no espaço da sala 318.



Fonte: Acervo FIAR

Estando sem energia a previsão é fechar os prédios, mas há um evento marcado e quase em andamento. Há uma pressão para que se defina até que horas se aguardará o retorno da energia. Possivelmente o único evento acontecendo no *campus* seja o II Rodas e este seja o único prédio ainda aberto. Um prazo é dado como limite para que o prédio seja fechado, caso a energia não retorne. Faltando pouco mais de uma hora para o início do seminário a energia é restabelecida. Ufa! Sigamos.

Em todo o espaço, o bordado tem seus pontos quase finais laçados, alçando a sala sempre igual e impessoal a um espaço acolhedor e convidativo. As outras salas reservadas no mesmo prédio também são preparadas, e cada detalhe pensado cuidadosamente pelos dinamizadores de acordo com a proposta de cada oficina. Já para a oficina que seria realizada na Biblioteca, precisamos buscar outra sala, porque ela se encontrava fechada por causa da falta de luz no *campus*, o que só constatamos no momento de arrumar a sala.

Estando as aulas suspensas, encontrar uma sala disponível não seria problema, supomos. Porém, as aulas não foram oficialmente suspensas, elas apenas foram desmarcadas em função da falta de energia. É preciso ligar para uma professora e solicitar a autorização para utilizar a sala reservada para a sua aula. Autorização conseguida, sala disponível, organização iniciada.

Os participantes começam a chegar, alguns vêm de longe. Começa o credenciamento, a inscrição nas oficinas, o convite para o café, encontros, reencontros, burburinho, fotos. Fotos que não são aleatórias, estas constituem o acervo de imagens do FAIR, uma das formas de registrar o vivido e de atizar a memória quando é preciso rememorar para caminhar adiante.

Um desses encontros que não pode deixar de ser registrado é a chegada da professora Rosvita, vinda de Minas e que, embora esteja no e com o FIAR desde o seu começo, sua participação geralmente ocorria na virtualidade, em função da distância e depois da pandemia. Uma referência teórica do grupo, presença em bancas, não era conhecida presencialmente pela maioria do grupo de pesquisa. Ao sair do elevador no andar no qual se realizaria o seminário, a nossa expressão de surpresa/alegria revela não só o apreço à pessoa, mas também o valor da vida retomada na presencialidade física.

Alguém se surpreende com a mesa posta para o café e pergunta como conseguimos fazer isso se atualmente não há verbas para os eventos. Contamos que os lanches são patrocinados por nós e vemos a surpresa na reação de quem nos ouve.

Olhares passeiam sobre o local, os materiais, a decoração, detalhadamente preparados para o acolhimento de mentes e corações.

Para as oficinas, tudo preparado, mas a tecnologia não ajuda, alguém então nos socorre. A ansiedade ronda os espaços, tanto aquela que é a manifestação positiva do acontecimento quanto a que traz uma certa aflição ante a proximidade da atividade. Há muita responsabilidade em cada pessoa ali mobilizada, há muitas expectativas tanto de quem chega quanto de quem recebe. Minutos antes alguém diz que não está bem, muitas emoções nos atravessam, senta-se, respira, toma um café. Apesar dos pequenos sustos, vamos em frente.

Pronto! Tudo em ordem. O evento teve início e transcorreu da melhor forma possível. Conhecimento permeado de emotividade flui entre os presentes. As palavras iniciais, a primeira mesa redonda, as oficinas e, já no início da noite quente e abafada de véspera de frente fria no Rio de Janeiro, a roda, a dança, a cantoria que entrelaça e realça as razões de estarmos ali naquele dia tão esperado.

Segundo dia e a manhã nublada e chuvosa em nada lembra o abafamento da véspera. Na chegada, o acolhimento coletivo e a alegria de uma sala cheia, agora com o *campus* em sua normalidade, com o movimento das aulas e demais atividades. Mas a tecnologia, tão nossa aliada na ampliação das possibilidades de comunicação e socialização de conhecimentos, imagens, investigação, também se torna, muitas vezes, uma dificuldade a mais devido às nossas precárias condições técnicas e tecnológicas na universidade nesses dias.

Tudo pronto para começar a roda de conversa da manhã e é preciso transpor os vídeos a serem utilizados para o *laptop* e os meios necessários não estão disponíveis. Algo que se resolve fácil com o *bluetooth* se torna mais difícil quando a internet não funciona. Nesse momento se inicia a saga de encontrar um local do prédio no qual haja *Wi-Fi*. A secretaria da direção da faculdade é o melhor ponto e para lá seguimos em busca de solução. Rapidamente o

problema é resolvido e podemos passar para a apreciação da roda e as emoções que dali decorrem. Pequenos sustos...

Concluída a roda de conversa, podemos trocar nossas impressões gerais sobre o evento e aquele público atento partilha a alegria desse encontro. Olhares que expressam uma felicidade por encontrar na academia um tempo/espço em que não há apenas as palavras e as letras, e mesmo essas são carregadas de calor e cor.

Final de manhã, a última roda para a dança e a despedida.

Acabou!

Não, espera que esse material todo não vai se guardar sozinho. E lá vamos nós buscar as bolsas, as caixas, nas quais todo esse material precisa ser cuidadosamente organizado e encaminhado para seus locais de origem. Desde as toalhas, os cestos e fios até as garrafas térmicas e embalagens abertas de biscoitos, passando por cabos, laptop e controles remotos. Todo o grupo se organiza e organiza, mãos e braços e a orientação sobre para qual bolsa isso vai, para qual lugar essa bolsa vai. Em poucos minutos muitas bolsas a serem guardadas ou colocadas nos carros, materiais entregues aos seus responsáveis, e a sala 318 volta a ser apenas uma sala quase igual a todas as outras da Faculdade de Educação, exceto por ser a Sala Paulo Freire.

Luzes apagadas, aparelhos de ar-condicionado desligados, chave passada na porta e por lá, além de cadeiras e mesas, só resta o retrato do velho Paulo Freire que possivelmente, poucas vezes, testemunhou tanta cor, sabor e saber transitando juntos nessa sala.

Tal qual como acontece com a caixa de costuras, tudo retorna aos seus lugares. A caixa aberta, movimentada, desarrumada, invadida por olhares e mãos, agora é manuseada no movimento contrário de recolocar tudo em seus lugares. Mas nada exatamente como antes porque a ponta da agulha talvez já esteja tão fina, o corte da tesoura se modificou, cada carretel usado se afinou, até o dedal está mais marcado. Da mesma forma, cada pessoa envolvida nessa tarefa sai dela alterada, como novos sulcos da experiência vivida a constituir a si mesmo.

Arremate

Arrematando vamos dando pontos finais à nossa lembrança do II Rodas, numa narrativa que pretendeu trazer experiências vividas, sentidas, observadas que mereciam ser narradas para que outros possam tomá-las para si e darem continuidade ao narrado, em qualquer aspecto dessa narrativa. Essa narrativa é um recorte, um olhar, a expressão de uma possibilidade de percepção, não um documento contendo a totalidade do evento. Uma narrativa singular de uma experiência coletiva, como já colocado no início deste texto.

Essa lembrança diz sobre fazeres que são coletivos, que são detalhadamente pensados e realizados por muitas mãos, mentes e corações. Ser coletivo não significa ser espontâneo, pelo contrário, exige ordem e organização, liderança, compartilhamento.

Desde o tema, aos fios em suas espessuras e cores, às agulhas, ao tecido sobre o qual se fará o bordado, há escolhas a serem feitas e decisões a serem tomadas em todo o processo. Há dúvidas, sugestões, silêncios, apreensões, tensões, desejos, sonhos, erros, acertos, dificuldades, alívios, alegrias porque assim são os fazeres em coletividade. Nem sempre acontece como o plano inicial pretendia, algumas vezes surpreende e acontece melhor ou na medida.

Mostrar o avesso é mostrar que há um sério e trabalhoso empenho em fazer um evento acadêmico numa universidade pública e que, em tempos em que ela é tão pouco valorizada, há dificuldades inesperadas. Mostrar esse avesso é também dizer dessas pessoas, ainda que sem citá-las nominalmente, que se dedicam de diferentes formas para que seja feito o melhor naquele momento com e para aqueles participantes.

Dentre as pessoas que tornaram o II Rodas exatamente como foi, há professores universitários e da Educação Básica, pós-doutores, doutores, mestres, doutorandos, mestrandos e graduandos, professores e alunos e também familiares dos que compõem o FIAR. Todos e todas comprometidas com a

possibilidade de se fazer um seminário a muitas mãos, mentes e corações.

Tal qual uma boa conversa, um texto, um bordado ou desbordado, precisa se encerrar, ter um arremate que coloque a quem o tece o prazer e o desprazer de concluir que nele não se poderá mais fazer alterações.

O bordado, o desbordado, fios puxados, nós encontrados, o reticulado do avesso que nos ajuda a conhecer, reconhecer e observar caminhos, furos, finas ou grossas pontas de agulhas é uma tarefa que se inicia muito antes da sua execução e, embora concluído, dado o nó seguinte ao ponto final, permanece para a admiração da obra realizada.

O II Rodas ainda acontece, mesmo após o encerramento no final daquela manhã, todas as vezes que a ele retornamos seja para o deleite da memória, seja para retomar o vivido e lhe dar a conclusão nessa coletânea que permitirá novas apreciações a quem o ler.

Referências

ALBANO, A. A. Prefácio: Matéria de poesia, matéria da academia. In: OSTETTO, L. E.; MAIA, M.; CALLAI, C. (org.). *Formação, educação e arte: Tessituras em pesquisa e prática docente*. Campinas, SP: Papirus editora, 2023.

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, W. O Narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

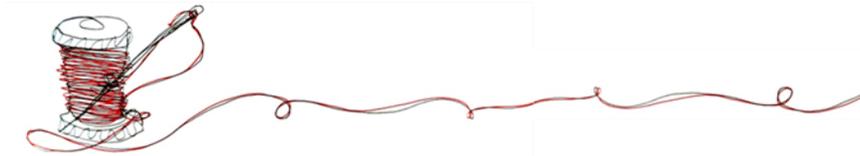
OSTETTO, L. E.; MAIA, M. CALLAI, C. Apresentação: Tessituras de um grupo de pesquisa. In: OSTETTO, L. E.; MAIA, M.; CALLAI, C. (org.). *Formação, educação e arte: Tessituras em pesquisa e prática docente*. Campinas, SP: Papirus editora, 2023.

Entre papéis, fios e botões: memórias de FIAR

Stéfany Bicalho Fernandes

Era 23 de setembro de 2023.

Na mudança das estações estávamos nós, fiandeiras, unidas em uma tarde de calor e brisa fresca. Com a primavera que se anunciava, também se aproximava o Rodas do FIAR e, assim, tínhamos um desafio: fazer com nossas mãos os cadernos e os crachás para o encontro.



No avesso dos preparativos, compartilhávamos conversas e sorrisos, enquanto desbravávamos as caixas com os mais diversos materiais para iniciar as artesanias. Assim como Lygia Bojunga (2005)¹ traz em seus escritos a memória do costureiro de sua mãe na infância, estávamos nós criando intimidade com os materiais, pensando nas tantas possibilidades.

Iniciamos o trabalho decidindo quais folhas iríamos usar, tanto para as páginas quanto para a capa. Além dos papéis, novelos de linhas, nos mais diversos tons, miçangas e botões com formas e cores variadas, e os demais itens de costura e de bordado, esperavam por nossas mãos. Mãos ansiosas para dar forma, para

¹ BOJUNGA, L. *O Rio e eu*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

criar aquela peça artesanal, para compartilhar com toda a gente que estaria no seminário.

Algumas cortavam os papéis no tamanho necessário.

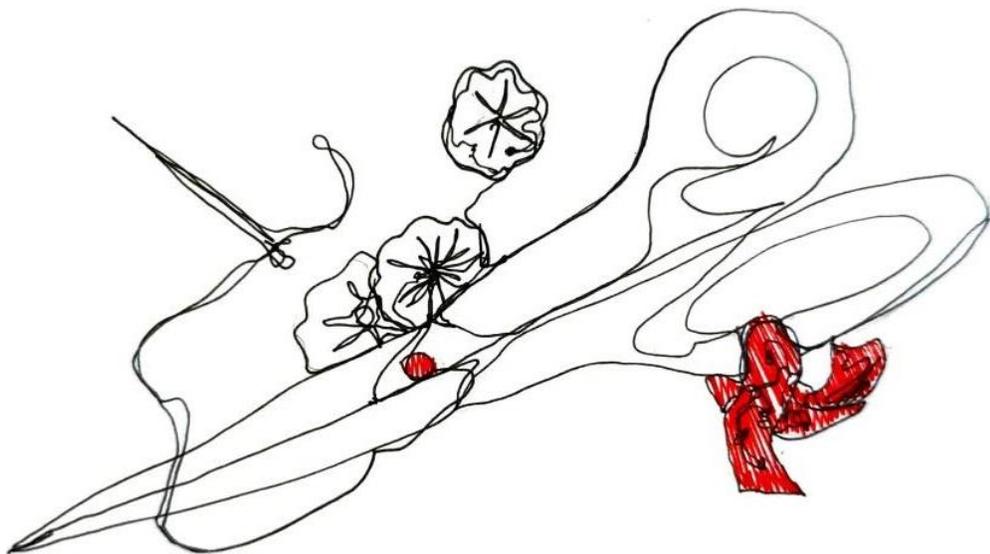
Outras, os dobravam no formato desejado.

Algumas cortavam o papelão para a capa.

Outras furavam as páginas para a costura das capas.

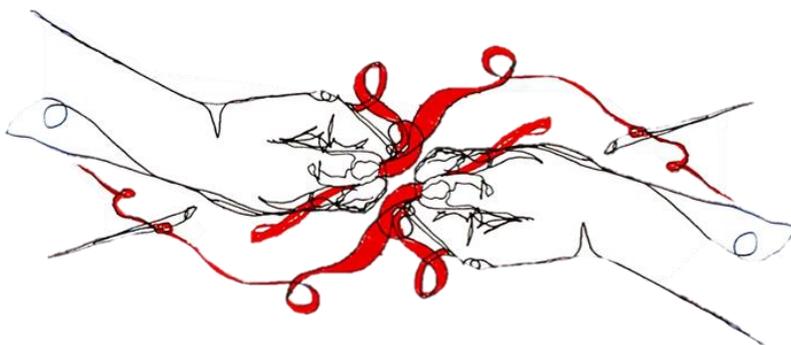
Entre cortes, dobras, furos com o agulhão até a costura, muitas experimentações. Nos achegávamos aos poucos, experimentando, até pegar o jeito certo de segurar a agulha para passar pelas fibras do papel. Quanta linha precisava para costurar e arrematar as páginas? Precisava ser maior ou menor? Costurávamos e nossos olhos caminhavam para escolher as cores do nosso trabalho. Eram tantas, no cesto com os novelos de linhas.

Entre os tantos materiais, retalhos de trabalhos já feitos por outras mãos, havíamos de escolher qual caminho seguir: colocaríamos pedrarias, miçangas, flores de fuxico e, se sim, como usaríamos em nossa pequena empreitada?



A resposta veio da forma mais simples possível, no fazer à mão, descobrindo os caminhos que davam certo em nosso trabalho e os que poderiam ser melhores.

Assim, após costurar com agulha e linhas coloridas as páginas, decidimos que, ao final do arremate, deixaríamos um pedaço de linha maior, a fim de ser um marcador de páginas. E assim, as miçangas e fuxicos ornaram nossas artesanias, finalizando cada caderno de um jeito.



Como trilha de nosso trabalho que durou algumas horas adentro daquela tarde, até o céu se escurecer, escutávamos as Meninas de Sinhá, entonando com suas vozes no rádio.

“Cacau é boa lavra
Eu vou vender
Na safra do verão
Eu vou vender
Cacau é boa lavra”.

Como na canção em que cacau e verão se completavam, aqui as artesanias na safra da primavera nasceram belas. Aos poucos, os cadernos foram se findando, enchendo o ambiente de felicidade pelo trabalho concluído, apesar das mãos cansadas.

Ao olhar as fiandeiras que se reuniram para o labor, que estavam ali, juntas, felizes com os tantos resultados que

conquistamos, recordei como as coisas costumam ser neste grupo:
com mãos e olhos atentos, partilhando a criação, sabendo também
que a

beleza

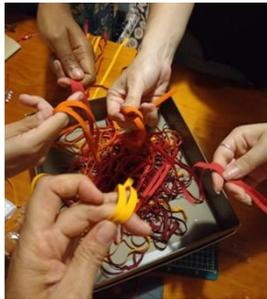
não está no fazer igual, pois o que é feito a mão nunca
será.

beleza

está nas possibilidades de inventar, de fazer cada artesanania
ser única.

beleza

está na prática de nossas vivências e estudos:
na busca de autoria e afirmação de identidade.



Olhar... gestos, cores, formas, sensibilidades no encontro

Carla Andrea Corrêa

Imagem 1: FIAR. *Mãos*. Foto-ensaio composto por dezesseis fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

MÃOS
Acolhem
Abraçam
Experimentam
Criam

MÃOS

produzem encantamentos e se encantam no sentir-pensar-fazer de saberes e sabores em grupo, que tecem pesquisa e formação estética com professores das infâncias.

MÃOS

acionam o botão e... click!
a fotografia registra o que o olhar capturou.
pelos caminhos, traçados com muitas mãos, meus olhares encantados capturaram imagens-histórias do II Seminário Rodas do FIAR.

Gestos, arte, cores, formas, sensibilidade. São múltiplos olhares que carregam múltiplas formas de sentir. Percorrendo os arquivos que guardam as lembranças desse encontro poético-estético-acadêmico, o desafio: como escolher imagens para construir uma narrativa do vivido?

O que **captura** o meu olhar?

O exercício do olhar faz parte do ato de pesquisar.

O ato de ver define um ponto de vista, implica escolhas, acentuações e recortes. É um exercício de autoria que constrói minha narrativa estético-poética: trago à tona também meu fazer artístico, revelando sensibilidades e pensamentos através de foto-ensaios, uma forma de organizar em conjunto uma série de fotografias

que transmitem uma narrativa visual e estabelecem conexões e interpelações de uma imagem com as outras, e que juntas possibilitam interpretações e significados para compreender com suficiente nitidez uma ideia ou pensamento (Galvani, 2016).

O valor estético da fotografia como forma de expressão subjetiva revela a imagem, que é única, singular, um fragmento do real captado num específico espaço/tempo que traz um significado, que constrói uma história.

As histórias não existem apenas em palavras.

Entrelaço as mãos aos meus companheiros e companheiras de FIAR que deixaram seu olhar passear pelas belezas do encontro para tecer nossas imagens-histórias.

“A imagem visual é uma ideia!” (Egas, 2015)

Somos rodeados de imagens impulsionadas pela tecnologia. A fotografia digital

estabelece novos modos de construir e compreender a realidade. Em nossa cultura a *imagem é tudo*: deslumbramento, verossimilhança, persuasão e consumo. Na era das imagens, há mais informação em nosso meio do que aquela que “vemos” (Egas, 2018, 953).

E o que fazemos com tantas imagens? Essa pergunta pode gerar múltiplas respostas, mas as imagens aqui trazidas interessam como um exercício para um olhar sensível que busca compartilhar experiências vividas e acender (re)existências.

As fotografias funcionam não somente como representação, mas como pensamento visual, criando narrativas visuais de percursos e processos criativos de um grupo de pesquisa que se nutre da beleza do mundo.

“No livro *Metodologias Artísticas de Investigación en educación* (2012), Marin Viadel e Roldán apresentam a fotografia como instrumento de pesquisa, explorando os conceitos de Comentário Visual, Foto-ensaio, Fotocolagem, entre outros” (Egas, 2015).

Imagem 2: FIAR. *Ritmo*. Fotocolagem composta por seis fotografias digitais sobrepostas realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

Os foto-ensaios servem para expor uma argumentação visual através de informações estéticas. Neste trabalho apresento **fotos-**

ensaio e fotocolagens de minha autoria para construir uma narrativa visual sobre o II Rodas do FIAR.

Imagem 3: FIAR. *Rodas*, 2023. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

A fotografia é história e memória,
mas também encantamento e
segredo (Correa, 2018).

Metodologicamente, existem duas estratégias que utilizam as imagens fotográficas na pesquisa: uma como instrumento documental e outra como modelo de pensamento visual.

[...] O que caracteriza o trabalho das pesquisas fotográficas é precisamente que trabalham a descrição, a análise e a geração de novas situações que possam ser vistas de outro ângulo (Egas, 2018, p. 953).

Escolhi as fotografias num exercício de sentir o que capturava meu olhar e desejo que elas contribuam para que “abram seus olhos e suas mentes para ver o mundo ao redor de novas maneiras (Meyerowitz, 2018).

A pesquisa biográfica exige criatividade.

[...] percorrer o caminho da re-existência que nos permite reconhecer o que fomos, o que somos e o que queremos ser, assim como a forma como queremos ser, sentir, fazer, agir e sonhar num mundo que torna viável a presença de muitos mundos (Achinte, 2017).

Tecer caminhos para continuar (re)existindo diante de ataques à democracia, à educação e à arte.

Manter a chama
acesa
em nossa vida-formação.

Na trilha da formação estética, um encontro-seminário inicia pelo cuidado com o espaço: um espaço que acolhe e provoca narrativas sensíveis.

O espaço é entendido para além da dimensão física, indica valores

e concepções, aguça sentidos,
provoca emoções (Corrêa, 2018).

Imagem 5: FIAR. *Espaço-convite*. Fotocolagem composta por seis fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

A importância da formação estética para a docência revela-se como um caminho que potencializa novas formas de pensar, sentir e agir no mundo. Criar espaços poéticos constitui um

convite a vivenciar experiências
estéticas com todos os sentidos.

É o primeiro convite,
a chegada.

Imagem 6: FIAR. *Boas-vindas*, 2023. Foto-ensaio composto por
doze fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do
FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

Imagem 7: FIAR. *Chegança*, 2023. Foto-ensaio composto por cinco fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

Continuamos, desejando

“atçar narrativas outras:
formação e prática docente a
favor da igualdade racial”

Imagem 8: FIAR. *Não me calo*. Fotocolagem composta por cinco fotografias digitais sobrepostas realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

Imagem 9: FIAR. Estamparia. Foto-ensaio composto por oito fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



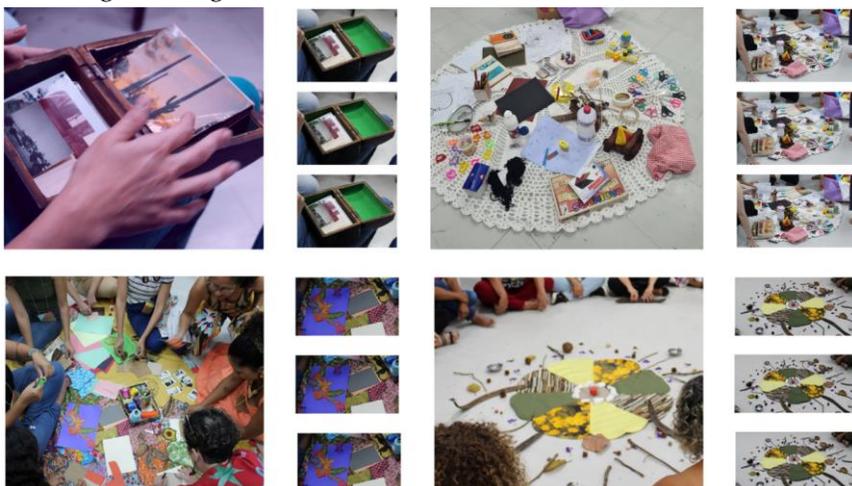
Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

Outros percursos
E.X.P.E.R.I.M.E.N.T.A.R
oficinas fiandeiras

álbuns da memória
entre o visível e o invisível

literatura e arte empre(tecidas) andarilhar e (a) colher sentidos.

Imagem 10: FIAR. Mão na massa. Foto-ensaio composto por sete fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

TUDO TEM UM FIM? OU UM NOVO COMEÇO? CIRCULAR

“entrar na dança, cirandar, mover
os sentidos e belezas”

No movimento da roda entrelaçamos as mãos e o espírito,
entregando-nos por inteiro à experiência.

Vivenciar o círculo pela dança é uma experiência transformadora e extremamente linda, tanto quanto o dançarino se deixar envolver. No círculo da dança, não podemos ser apenas espectadores, ficar apenas olhando, de longe. Quem entra na roda é pra dançar! Sabendo ou não os

passos, tendo ou não ritmo, com ou sem lateralidade apurada, é girando na roda que tudo pode acontecer, é no movimento que a transformação acontece (Ostetto, 2009, p. 111).

Imagem 11: FIAR. *Na roda*. Fotocolagem composto por uma fotografia digital e recortes da mesma fotografia para organizar a composição realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

A arte tem capacidade de afetar todo nosso corpo e a nossa interioridade. Aciona uma inteligência que vem do coração, cria poesia em nossa vida, tornando-a uma celebração, uma gargalhada, capaz de amar, compartilhar, valorizando nossa criação, aguçando

nossa inteligência que, por sua vez, alimenta e garante nossa imaginação, num movimento circular, contínuo (Corrêa, 2018).

JÁ É OUTRO DIA!

“no coletivo, acender, realçar, animar
(re) existências”

Imagem 12: FIAR. *Ahorta*. Foto-ensaio composto por sete fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

[...] sentir o mundo através de seu som, seu cheiro, suas formas – através do coração. O coração, na perspectiva da psicologia grega antiga, é o órgão da sensação e da imaginação, sua função é estética, o coração percebe tanto sentindo como imaginando: para sentir

intensamente devemos imaginar e, para imaginar com precisão, devemos sentir” (Hillman, 2010).

Imagem 13: FIAR. Sabores. Foto-ensaio composto por três fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

O olho e a mão continuam em movimento

Aprendi a ver quando criança, um olhar curioso para o mundo. Fui crescendo e desejando capturar o encantamento que algumas imagens deixavam em mim. Então, encontrei o desenho e a pintura e depois a fotografia.

A fotografia faz o tempo parar, você precisa

observar

e esperar,

dar uma pausa, olhar outra vez e fazer escolhas.

Trazer estas narrativas visuais sobre o II Rodas do FIAR, devolveram poesia ao meu processo de escrita. Escrita de palavras e de imagens.

Imagens que registram um evento, momentos de (re) encontros e experiências estéticas, mas que, a partir de escolhas – recortes e composições –,

ganham novo sentido, trazem a beleza dos gestos do dia a dia.

A escolha de contar sobre nosso seminário a partir de foto-ensaios e fotocolagens permitiu exercitar meu olhar estético-poético sobre os momentos partilhados, revelando sutilezas e nuances, organizando ideias e informando esteticamente sobre o vivido.

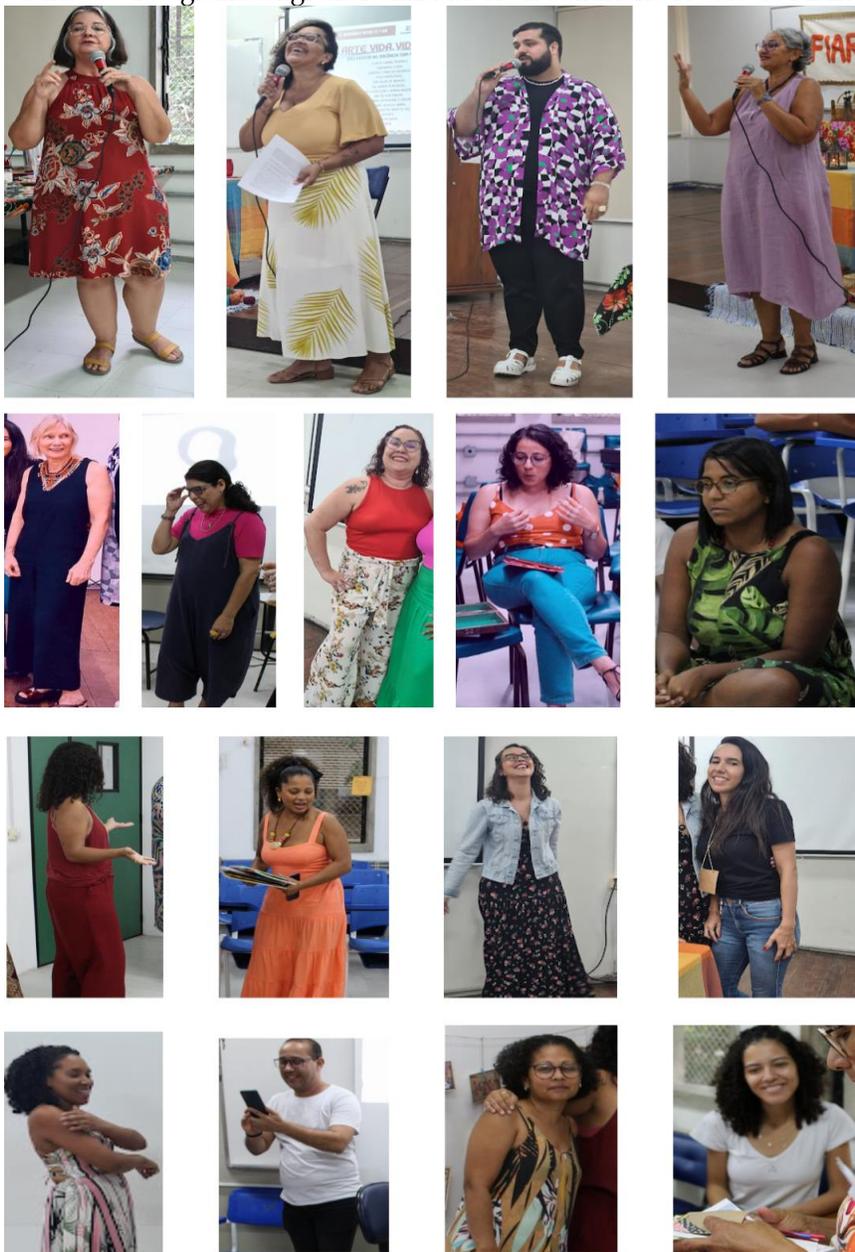
Quando segui esse caminho, senti aflorar minhas emoções, minha sensibilidade, meu olhar, deixei que meu coração fosse tocado e, assim, fui ao encontro da beleza (Hillman, 2010).

Imagem 15: FIAR. Resumo visual composto por quatorze composições fotográficas (fotos-ensaio e fotocolagens) da autora



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

Imagem 16: FIAR. Fiandeiras e fiandeiros. Foto-ensaio composto por dezessete fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIAR

Imagem 17: FIAR. *Fiações*, 2023. Fotocolagem composta por vinte fotografias digitais realizadas no II Seminário Rodas do FIAR



Fonte: Acervo do II Seminário Rodas do FIA

NOTAS DE FIM

ACHINTE, A. A. *Práticas creativas de re-existência basadas em lugar: más allá del arte... el mundo de lo sensible*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2017.

CORRÊA, C. A. *Arte, formação e docência na Educação Infantil: narrativas do sensível*. 2018. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2018.

EGAS, O. M. B. Metodologia artística de pesquisa baseada em fotografia: a potência das imagens fotográficas na pesquisa em educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. *Simpósio 8 – Pesquisa em educação e metodologias artísticas: entre fronteiras, conexões e compartilhamento*, 2015.

EGAS, O. M. B. A fotografia na pesquisa em educação. *RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 953-966, jul./set., 2018.

GALVANI, V. M. *Uma nova lente para o professor: potencialidade da fotografia como dispositivo de pesquisa para ações pedagógicas*. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

HILLMAN, J. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Campinas, SP: Verus, 2010.

MEYEROWITZ, J. *Olhar!:* descobrindo a fotografia. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

OSTETTO, L. E. Na dança e na educação: o círculo como princípio. *Educação e Pesquisa*, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 177–193, 2009. DOI: 10.1590/S1517-97022009000100012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28187>. Acesso em: 24 mar. 2024.

Atiçar narrativas outras: formação e prática docente a favor da igualdade racial

Greice Duarte de Brito Silva

Ainda em 2023, estavam no ar as cinzas dos ataques aos processos democráticos e às instituições, oriundos do período recente da história brasileira. Foram tempos de resistência para os defensores da educação pública, gratuita, laica, democrática, plural, inclusiva e de qualidade socialmente referenciada. No Círculo de Estudos e Pesquisas Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR), com autonomia, criticidade e criatividade coletiva, produzimos possibilidades de (re)existir na docência com Pesquisa e Arte.

Acendemos, assim, as fagulhas da segunda edição do Seminário Rodas do FIAR com o tema “Arte vida, vida arde: (re)existir na docência, com pesquisa e arte”. Um evento importante que teve por objetivo colocar na roda, experiências de pesquisa e formação com arte na educação, desenvolvidas na universidade pública. Reunindo professoras, professores, pesquisadoras, pesquisadores e artistas, na partilha de saberes e fazeres. O desejo de constituir encontros ardentes nos mobilizou desde o início!

Eu aceitei o convite de atiçar narrativas nas tramas da diversidade. Seleccionei histórias como quem escolhe materiais para garantir fogo constante. A brasa acesa era sinônimo da boa qualidade do encontro, necessária para a mediação da conversa com a professora Núbia de Oliveira (UFRJ). Assim, juntamos, espalhamos e movimentamos calor, fazendo aumentar a temperatura do evento. Nossa intenção foi visibilizar outras existências - populares, negras, femininas, afro-brasileiras e

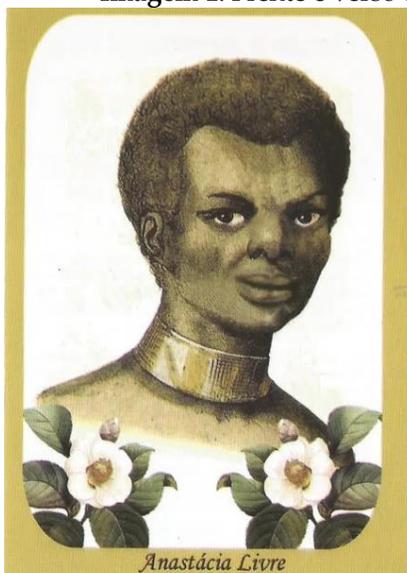
africanas, capazes de promover a equidade através da igualdade racial, a partir de um lugar concreto de enunciação da vida.

Entre histórias de formação docente

Foi numa tarde calorosa de quarta-feira, que nos reunimos na Sala Paulo Freire, da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Um sol de primavera nos brindava e aquecia a todos e todas que chegavam para a abertura do evento. Texturas do Brasil e cores diversas compunham a mesa. Faziam recordar os retalhos de histórias que as pessoas trazem consigo. Cestas, tramadas e trançadas, abraçavam bonecas de pano. Acolhiam quem chegava e atraía para os detalhes. Cada objeto disposto, lembrava como a vida é essencialmente estética. Do convite à roda, do espaço à mesa, da forma ao conteúdo: iniciamos o II Rodas do FIAR!

O apresentador fez as honras e compôs a mesa. A professora Núbia trouxe sua fala suave, histórias da pesquisa. Reflexões provocadas pela negritude que inclui crianças e mulheres, estudantes. Ouriçou a plateia a imagem “Anastácia Livre”, do artista Yhuri Cruz, que pertence ao afresco-monumento à voz e a distribuição de santinhos de Anastácia Livre. As obras do artista têm a intenção de manter vivo um passado recente que deixou marcas e rastros, principalmente na população negra.

Imagem 1: Frente e verso do santinho de Anastácia Livre



Oração a Anastácia Livre

Festa dias 12 e 13 de Maio.
Comemora-se todos os dias 12 e 13.

Se você está com algum PROBLEMA DE DIFÍCIL SOLUÇÃO e precisa de AJUDA URGENTE, peça esta ajuda a Anastácia Livre.

ORAÇÃO

Vemos que algum algoz fez da tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade, vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar.

Isso quer dizer que sua luta te tornou superior, conquistaste tua voz, tanto que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres mil a quem luta por dignidade.

Anastácia, és livre, pedimos-te ... roga por nós, proteja-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme e penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo.

Monumento à voz de Anastácia
Yhuri Cruz, 2019

Fonte: Cruz (2019)

Imagem 2: Frente e verso do santinho de Escrava Anastácia



Oração à Escrava Anastácia

Festa dia 13 de Maio

Prece Milagrosa para alcançar uma Graça urgente da Escrava Anastácia

Vemos que algum algoz fez da tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade, vemos também no teu semblante macio, do teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar. Isso quer dizer: eras pura, superior, tanto assim que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres mil. Anastácia pedimos-te... roga por nós, proteja-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme, penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo. Tudo que pedimos por nosso Senhor Jesus Cristo na unidade do Espírito Santo, Amém.

Todas as manhãs, antes de sair para o trabalho, olhe para Anastácia, peça-lhe suas graças, que tudo correrá bem para você.

Em agradecimento, mandei imprimir e distribuir entre amigos um milheiro desta oração e imagem. Mande imprimir você também, logo após o pedido.

Fonte: Elo7 (2014)

Aquele momento, acendeu na lembrança o retrato da parede da sala da casa da minha avó, Maria Augusta. A imagem da Anastácia amordaçada, tão comum na casa de minha família. Vovó dizia que era nossa santa protetora. Dizia ser uma mártir da história, uma santa a quem podíamos recorrer pois intercedia por nós. Anastácia nunca foi citada nas aulas de catequese que frequentei na Igreja Católica, mas rezar para sua imagem era um rito comum na casa dos Britos.

Na tese¹, intitulada “Poéticas Negras, Formação e Prática Docente na Educação Infantil: Arte e Estética (empre)tecidas” (Brito-Silva, 2022), conto que cresci me identificando enquanto negra a partir dessas imagens e dos significados compartilhados no quintal da rua Carnaúba, que ainda guarda vestígios do passado, no bairro Senador Camará, na cidade do Rio de Janeiro. Neste humilde lugar, estão os valores que aprendi. Tornou-se um espaço de afirmação e de restauração da dignidade negra.

Na mediação da mesa de abertura, retomei as narrativas docentes dos trabalhos de pesquisa, inclusive da dissertação defendida em 2017², para atizar narrativas outras. Nesta trajetória tem sido importante reconhecer o itinerário de formação estética, acionar a dimensão sensível, refazer caminhos que constituem minha pessoa na pessoa da educadora que sou.

Ainda no mestrado, encontrei narrativas e poemas de Conceição Evaristo de Brito. Aquelas histórias com enredos fortes pareciam-me familiares. Contribuíram na ampliação do meu olhar para a atividade de *escreviver* onde a escritora assume que toda sua escrita é fruto de suas experiências de vida. As lembranças dos

¹ Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense, para obtenção do título de Doutora em Educação de Greice Duarte de Brito Silva. Niterói, RJ. 2022. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/27665>

² Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal Fluminense, para obtenção do título de Mestre em Educação de Greice Duarte de Brito Silva. Niterói, RJ. 2017. Disponível em: <http://fiar.sites.uff.br/2017/08/18/151/>

sofrimentos da escravidão, a luta cotidiana de mulheres negras e a esperança de novos tempos faz parte da escrita de mulheres negras.

Neste sentido, destaco a narrativa de uma professora de Educação Infantil, Cristina Santos. A história de Cristina compõe o material biográfico da tese, que traz significativos conhecimentos narrados e pensados por pessoas provenientes de outros corpos - mulheres negras professoras de crianças pequenas.

Minha avó Joana era contadora de história.. Uma senhora semianalfabeta, vinda do interior da Bahia, tinha o dom de contar histórias. Gostava de reunir os netos em roda e contar histórias. A lembrança me faz rir: ela gostava de contar histórias de terror! Assim... Não propriamente terror, mas contos de mistério, de terror lá do interior de onde vinha.

Ao rememorar a vida, Cristina conta sobre as formas de ser negro no mundo, comenta sobre o preconceito com a estrutura de seu corpo negro que a desencoraja em fazer ballet clássico. Fala dos elementos das culturas africanas e indígenas, da sua conexão espiritual na umbanda, religião afro-brasileira que enfrenta a intolerância.

Vó Joana foi a pessoa que fez Cristina se apaixonar por literatura. É a avó que ocupa um papel particular em sua história. É a ancestral reconhecida por um sistema de memórias da cultura negra. É a figura-referência que faz a ligação com a vida. O laço entre Cristina e sua avó fundamenta a importância da temática da ligação na compreensão de nosso processo de formação e de conhecimento (Josso, 2006). Caracteriza o que tenho chamado de poética negra, partindo das conexões com as experiências pessoais que estão no corpo, que poeticamente se expressa e contribui para a reconstrução da população negra, para o pertencimento que deve ser construído na coletividade étnico-racial.

Escolhi fazer pesquisa com mulheres negras no doutorado em Educação pela constatação das inúmeras dificuldades estruturais existentes para seu reconhecimento e valorização. Por acreditar que

relatos biográficos destas mulheres podem provocar a discussão sobre formação de professores. Uma vez que a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista (Carneiro, 2003), assim conhecer histórias de professoras negras da educação infantil, no âmbito da formação de suas sensibilidades, colocou-se como desafio e necessidade, haja vista que as dimensões ética, política e estética atravessam nossa formação e prática.

Considerando histórias de vida e trajetórias profissionais, venho acompanhando o debate acerca da formação docente a partir das abordagens (auto) biográficas. Imersa nesta perspectiva, sou atraída pela ideia de que é sempre a própria pessoa que se forma, e forma-se à medida que elabora e compreende seu percurso de vida.

De acordo com Nóvoa (2014), às histórias de vida e o método biográfico integram-se na ideia de que "ninguém forma ninguém" e que "a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos da vida" (Nóvoa, 2014, p.153). Nesta direção, o adulto é capaz de (re)construir sua formação com base num balanço da vida, através do que se tem chamado de reflexividade crítica, assumindo o comando de sua formação, por meio da consciência contextualizada, que implica sua ação no presente.

Este movimento vem sendo nutrido no grupo de pesquisa FIAR, do qual participo. Onde, abrem-se possibilidades para rememorar e promover vivências que ajudem a mobilizar saberes sensíveis, potencializando a imaginação e o poder de criação de professoras. Guiando nossos encontros e pesquisas, a arte e a estética. Seguindo perspectivas (auto)biográficas, onde

[...] por meio da rememoração e da escrita de si, no exercício autobiográfico, os professores podem (re)encontrar elementos constituintes de sua sensibilidade, localizar e articular fatos, acontecimentos, relações, experiências; enfim, que os ajudaram a serem quem são, percebendo o mundo e capturando seus sentidos, em texturas, formas, tons, sabores que emanam beleza (Ostetto, 2019, p. 59).

Neste contexto, a estética é considerada como atitude sensível e necessidade vital, um fio que conecta o ser por inteiro e amplia suas relações com o outro. Utilizamos o termo “formação estética”, cunhado no contexto da formação de professores em relação ao campo da arte, da cultura e da infância. Assim, temos a compreensão da formação estética que rompe as fronteiras do conhecimento artístico ou da fruição da arte, implicada em processos de percepção, de imaginação, de interpretação, no mundo e com o mundo.

Como chama que não se apaga

A roda de abertura, do II Rodas do FIAR, acendeu novamente as reflexões necessárias para uma teoria que valorize a existência de negras e negros e da vida em diversidade. O diálogo entre educação e arte pode trazer visibilidade aos sujeitos que tiveram sua humanidade negada para exploração. Pode alcançar um significado para além do que consagra a produção intelectual europeia-ocidental de séculos, que para além de um processo civilizatório, deixou-nos um rastro de subordinação, exclusão e morte por mais de quinhentos anos. Acendeu novamente a possibilidade de valorizar a arte e a estética que inclui afrodescendentes.

Acredito que linguagens expressivas podem ajudar a contar as histórias de homens e mulheres negras, no refinar da sensibilidade e, dessa forma, como numa “desobediência poética”, representada também por outras figuras, nuances, para dizer quem somos. Pois, como diz a artista e escritora afro-portuguesa Grada Kilomba (2019), só a palavra, usada na linguagem tradicionalmente colonial, não basta para contar a história negra que foi aniquilada.

Expressões artísticas do povo negro, historicamente, foram reconhecidas como primitivas pelo mundo ocidental e assim desvalorizadas. Contudo, nossas manifestações, tal como o samba, as rodas de jongo, as ferrarias, mesmo desprestigiadas, encarnaram-se nas ruas, nas gentes, influenciando grandemente a

formação artística e cultural do povo brasileiro. Diante disso, deixo como questão: Como professores e professoras incorporam referências estéticas e ampliam repertórios artístico-culturais considerando a interlocução com poéticas negras?

Referências

BRITO-SILVA, G. D. de B. *Poéticas negras, formação e prática docente na educação infantil: arte e estética (emp)retecidas*. 2022. 282f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

CARNEIRO, S. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* Racismos contemporâneos. Vol. 49. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003, p. 58.

CRUZ, Y. *Monumento à voz de Anastácia*. Yhuri Cruz, [s. l.], 4 jun. 2019. Site do artista. Disponível em: <http://yhuricruz.com/2019/06/04/monumento-a-voz-de-anastacia-2019/> Acesso em: 10 set. 2024.

JOSSO, M-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n. 2, p. 373-383, 2006 maio/ago.

KILOMBA, G. *Desobediências poéticas*. Curadoria Jochen Volz e Valéria Piccoli; ensaio Djamila Ribeiro. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.

NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2014.

OSTETTO, L. E. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v.14, n.1, p.57-76, jan./abr. 2019.

**Acender, realçar, animar (re)existências:
fazer arte, tecer a vida**

Aline Lages
Rosvita Kolb-Bernardes

Imagem 1: Buquê da série *AHorta, a Raiz do Coração*



Fonte: Aline Lages (2022)

Maneiras de ser e fazer pesquisa no encontro fiandeiro

Seguir de outra forma nas nossas pesquisas, nos nossos fazeres, na vida. Uma maneira de ser, de pesquisar na interlocução com o outro, onde os fios da vida vivida nos compõem e tecem o conhecimento. Os tecidos acariciados se afirmam pelo afeto, pela arte, pela educação, pela delicadeza, pela sensibilidade, pela escuta atenta, tornando visível a paixão à sabedoria cultivada pelas pesquisas sobre/com a arte. Assim nos chama o movimento do Círculo de estudo e pesquisa Formação de Professores, infância e arte (FIAR), com intensidade e prenhe de beleza.

Impulsionado por múltiplas e significativas experiências, o FIAR nos mostra a força da simbologia da roda: um círculo que reafirma o encontro como possibilidade de acolher desejos, fazeres, modos de ser e de dizer, com espaço para as diferenças e singularidades de quem entra na roda. Anuncia também o conhecimento produzido com e a partir das mãos, dos gestos, do corpo inteiro. Traça uma caminhada que nos convida a pensar e a sentir o mundo, considerando a percepção, a emoção, a sensibilidade e a imaginação como elementos fundamentais na construção do conhecimento. Afinal, pensar é um ato de sensibilidade, uma ação cognitiva e imaginativa que integra construção e expressão de mundos possíveis.

No espaço-tempo aberto do II Seminário Rodas do FIAR, realizado em novembro de 2023, na Universidade Federal Fluminense, em Niterói/RJ, partilhamos passos de um caminhar marcado pela ação artística, com práticas contemporâneas que propõem a interlocução entre arte e educação, pensando nos sujeitos como protagonistas do seu conhecimento, de seu processo de criação. Como em um processo de fruição, a (form)ação vai sendo significada com a vida e, por isso, nos permite diferentes aprendizagens, entre saberes e práticas: nos objetos, nas histórias, nas narrativas, nas imagens, nos encontros, na pausa, no silêncio, nos desenhos, estão possibilidades de busca de sentidos, de invenção e criação - de si, da arte, da educação.

Nesta perspectiva, também nos acompanham as abordagens auto/heterobiográficas, pelas quais a enunciação da palavra própria, articulada com imagens-agentes, nos conduzem às histórias de vida, afirmadas como caminhos de pesquisa-formação. Neste caso, falamos de processos de criação em arte, onde o sujeito, operando com diversas linguagens, na experiência sensível de relação com o material e o fazer, experimenta gestos que o conduzem para si mesmo, objetivando o ser em reflexões, e versões, provisórias de si, do outro e do mundo.

São poéticas da resistência que nos compõem para criar um mundo interligado onde o resistir é um gesto de autoamor. Um gesto contínuo na jornada da existência de todas as espécies do planeta. Resistir é a proposição do encontro, do movimento, da fluidez para engendrar a vida transitada por tudo e todos. Resistir é se juntar num movimento de sobrevivência comum, rompendo fronteiras impostas, repelindo amarras buscando restabelecer o que foi perdido: o senso de vida em comunidade. A arte tem uma forte ligação com a vida. Com o dia a dia.

Nei Leite Xakriabá fala sobre a arte e o trabalho artístico do seu povo como ativismo, carregado de simbolismo. Suas palavras ressoam como um convite para colocarmos reparo nos detalhes, na memória, na arte, na criação onde os corpos ancoram-se nos discursos biográficos, nas narrativas de si em contexto de formação e produção estético-artístico.

As pessoas que não conhecem veem um indígena pintado e imaginam que a pintura busca simplesmente uma beleza para o corpo, mas, na verdade, além da beleza, os traços representam proteção e a tinta traz energias para o corpo. Todos os objetos produzidos têm uma função para a nossa vida. Um colar, um penacho, uma pulseira, um vaso de cerâmica – tudo traz significados e uma história que vai além da beleza envolvida. São objetos utilitários e que, ao mesmo tempo, têm outras funções. A nossa arte é também ativista, porque de certa forma leva a informação do nosso povo, denuncia as violências sofridas, carrega a história da nossa luta e do nosso território. Nas viagens que temos feito, temos percebido

o quanto o trabalho artístico é importante, pois muitas pessoas passaram a nos conhecer através da nossa arte (Xakriabá, 2021).

Seguimos pelo campo sensorial, perceptivo, sensível. Um percurso de si para si. Olhar-se para olharmo-nos.

Olhares-dizeres com/pelas imagens

Como se ver através das imagens? Como a imagem pode ser mediada pela linguagem? Ver, ouvir, sentir e falar. A imagem que aguça os nossos sentidos é a imagem que se movimenta, que nos emociona. Quando ela se movimenta, ela igualmente se transforma. Ela é a articulação entre o corpo e a fala. Como a arte, sob as mais diversas modalidades, nos permite agregar fragmentos de nossas experiências sensoriais? Quais são as paisagens externas e internas de quem narra? O que pode dizer uma mala, guardada como objeto e como memória?

Carrego comigo uma mala. Herança de família. Dentro da mala, tempos, lugares, pessoas, objetos. Fragmentos de vividos. Histórias do Eu-Nós. [...] Abrir a mala, olhar, vasculhar, tatear, mexer e remexer seu conteúdo, é quase como voltar para casa depois de uma longa viagem. Nas imagens, presentes e presentificadas, descubro rastros que me tocam, que me dão sentido: histórias que me constituem (Kolb-Bernardes, 2023, p. 299).

Essas histórias são vidas! E como diz Krenak (2020), a vida não é um artefato, não é algo utilitário, mas uma experiência fantástica e transcendente. Ele continua: “somos animais afetivos e precisamos pisar no chão e aterrar nosso fio terra” (Krenak, 2020, p. 55).

Foi com esse espírito que compartilhamos, no II Seminário Rodas do FIAR, o trabalho artístico, obra plástica poética biográfica, criada a partir da horta do quintal, em uma elaboração ecocriativa da artista Aline Lages (uma das autoras do presente texto), que narra:

Trago das minhas raízes, a exemplo de Manoel de Barros, de ter sido criança em algum lugar perdido onde havia difusão da natureza e comunhão com ela. Essas lembranças despertaram em mim o desejo de resgatar a horta. Encontrei um lugar para narrar e documentar através da terra e da arte as minhas primeiras experiências de ensino-aprendizagem. Assim surgiu, *O Ar da AHorta, a Raiz do Coração*, série plástica em que abordo o feminino, o luto, a sublimação da dor, os ciclos da vida, a territorialidade, a corporeidade, a nutrição, a alimentação, a arte ecológica, a ancestralidade, a natureza e a memória. Minha linguagem é tecida com materiais a partir do cultivo da horta e da mistura de elementos imbricados com a experiência do viver, a aparição e o que proporciona o respiro. Em meio ao cheio e o vazio, a alimentação e a náusea do existir (Lages, 2023, p. 22).

Na conexão entre o feminino e a terra, a poética é construída, em memória, linhagem, natureza: as narrativas visuais, criadas sobre o mundo a partir do mundo em que se situa, trazem a memória como produção do saber sobre si, em sintonia com a arte e a vida. É também desta conexão que a horta como ateliê autobiográfico surge no percurso de criação: do desejo de criar janelas e passagens, como saídas através do contato com a terra, com uma arte que nos vincule àquilo que dá sentido à nossa existência.

Imagem 2: Avó, mãe e filha da série *AHorta, a Raiz do Coração*



Fonte: Aline Lages (2024)

A horta é, deste modo, material propositivo em torno do eixo ateliê de arte, que também permite pensar/falar do cuidar de si e do outro, na docência e no processo de formação.

Imagem 3: 3x4, da série *AHorta, a Raiz do Coração*



Fonte: Aline Lages (2022)

Imagem 4: *Terezinha* da série *AHorta, a Raiz do Coração*



Fonte: Aline Lages (2023)

Imagem 05: Caderno de Artista da série *AHorta, a Raiz do Coração*

quando eu ainda era semente na barriga de minha mãe, ela já florescia no cultivo da horta em que minha avó era a raiz. éramos nós três: semente, flor e raiz. ali, em corpo de planta fazíamos comunicações pelos nossos aromas. as mãos avermelhadas da terra; o nariz embriagado com o cheiro de estrume de vaca; pitadas de alecrim, manjericão e salsa. os sussurros regidos pelo coral da água e o canto dos pássaros enquanto nossos corpos dançavam na linha que nos unia, o cordão umbilical. respirávamos o ar da arte de viver as relações do dia a dia nas quais o trabalho era a raiz do coração. experienciávamos o ensino-aprendizagem na estética do amor. no tempo de eu semente, germinando, aprendi a minha primeira e mais dolorosa lição dos ciclos de vida e morte. minha mãe, flor em luto, chorava pela morte da minha avó raiz. a fragrância rosa e triste coloria meus pulmões em pneumonia. eu, com apenas cinco dias de vida estava doente, e a minha mãe intuitivamente me salvou pela fé na palavra aparecida. da palavra aparecida inspirei o ar que eu precisava para minha cura e para criar a minha arte.



vidAMORTE

Fonte: Aline Lages (2021)

Imagem 6: Parir da série *AHorta, a Raiz do Coração*



Fonte: *Aline Lages* (2021)

Histórias vividas, memórias partilhadas com amor

As histórias, partilhadas em narrativas textuais e imagéticas, no *II Seminário Rodas do FIAR*, falam de uma prática artística como ato de (re)existência e como um ato de amor. Lembrando Bell Hooks (2021), é essencial pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira, automaticamente, assuma responsabilidade e comprometimento. Criação, imaginação, amor e compromisso são fios que unem um projeto de educação que tece

vida. O encontro de pessoas com realidades diversas, que se propõem fiar narrativas investigativas sobre os processos formativos e práticas pedagógicas em diálogo com a arte, atentos ao perigo de uma história única, é fundamental. Seguimos em conexão, fiando e criando, em roda, com o coração pulsando de esperança. Pois é urgente acender, realçar, animar (re)existências. Fazer arte, tecer a vida, pelas vias da educação, é uma possibilidade!

Referências

hooks, b. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Efeante, 2021.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOLB-BERNARDES, R. Fragmentos de memória, imagens e escritura do Eu. In: OSTETTO, L.; MAIA, M.; CALLAI, C. (org.). *Formação, educação e arte: tessituras em pesquisa e prática docente*. Campinas. SP: Papyrus, 2023, p.299-304.

LAGES, A. *A horta como ateliê autobiográfico em Arte*. Texto de qualificação (Mestrado em Arte e Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023 (não publicado).

XAKRIABÁ, L. N. *Curso Formação e Saber Indígena: Identidade e Diversidade*. Instituto Conhecimento Liberta. Aula do dia 07/02/2022. Disponível em: <https://menbro.icl.com.br/aula/aula-01-o-indio-que-mora-em-mim/>

Carta-convite: para pensar experiências docentes (empre)tecidas pelas veredas da arte

Maria Helena Dantas dos Santos Neves
José Firmino de Oliveira Neto
Kamila da Silva Cunha Martins
Maria Letícia Felintro da Silva

Das terras da CONFIANÇA, 12 de março de 2024.

Queridas(os) professoras(es) das infâncias, como estão?
Esperamos que estejam bem.

Escrevemos para compartilhar alguns registros e reflexões produzidos a partir da oficina “Entre prosas, guardados de memória e experiências docentes: literatura e arte (empre)tecidas”, que dinamizamos no II Seminário Rodas do FIAR “Arte Vida, Vida Arde: (re)existir na docência com pesquisa e arte”, realizado nos dias 27 e 28 de setembro de 2023. Queremos contar da experiência de organização e dos movimentos desencadeados na oficina, que foi marcada pela palavra poética de Bartolomeu Campos de Queirós (2006, p.6-7): “por meio dos sentidos suspeitamos o mundo”. São os sentidos ativados no encontro que nos impulsionam a narrar o vivido com as professoras das infâncias que chegaram para participar da proposta naquele início de primavera, no *campus* do Gragoatá, da UFF. Quem lhes escreve são três educadoras e um educador que, envolvidos com a preparação de tudo, imaginaram que seria bem bacana partilhar o processo, os detalhes, as ideias por trás da oficina, seu começo, o acontecer das propostas, o fechamento do ciclo. Esperamos que apreciem a narrativa! Lembrando que “Com os ouvidos nós escutamos o

silêncio do mundo. E dentro do silêncio moram todos os sons: canto, choro, riso, lamento” (Queirós, 2009, p. 10), tivemos um movimento-encantamento inicial para cativar a audição: na chegada, a música “Redescobrir”, na voz de Elis Regina, ecoava pelo espaço.

Como se fora **brincadeira** de roda (memória)

Jogo do trabalho, na **dança das mãos** (macias)

No suor dos corpos, na **canção** da vida (história)

O suor da **vida** no calor de irmãos (magia)

Com a música convidamos as professoras para entrarem na roda, a se envolverem no movimento dançante de escuta e observação, de fala e de escuta, abrindo espaço para narrativas de si e de *outrem*. Confiávamos: “[...] é possível criar conhecimento utilizando-se das narrativas das práticas dos indivíduos comuns para conhecer novas histórias das escolas e de seus praticantes, ampliando a produção já existente no campo da história da educação” (Pacheco, 2010, p. 35).

Tecemos os fios da organização do *tempoespaço* da oficina, também com o sentido da visão: “Com os olhos nós olhamos a vida” (Queirós, 2009, p. 8). O desejo que ecoava era receber as professoras de maneira afetiva e sensível, com um espaço que encantasse, marcando a concepção de Educação Infantil e Formação de professoras-professores que afirmamos no coletivo do Círculo de Estudo e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte (FIAR/UFF), do qual participamos como pesquisadoras e pesquisador.

Ao chegarmos no espaço - uma sala universitária, toda branca, com cadeiras enfileiradas - fomos interpelados por um ambiente que gritava sobre a impossibilidade, sobre a falta e sobre a anestesia com que nos deparamos na escola. Diante de um ambiente hostil, a intencionalidade foi o motor de mudança: mobilizamos objetos, cores, texturas, elementos, fios, e a pintura branca aos poucos foi

tomando outro ar, mais empático, acolhedor. As carteiras, reorganizadas de forma circular, faziam o convite: Venham para roda, dancem e cantem conosco! Tudo pensado no sentido de (a)colher as narrativas de si e do outro. Entre vozes e silêncios. Tempo de escuta, tempo de sentir, tempo para narrar-se.

Lembrávamos de bell hooks (2020), de suas palavras, que nos encorajaram a seguir:

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais - e a sociedade - de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade (hooks, 2021, p. 50).

Diversidade. Justiça. Paixão. Educação. Cultura. Amor. Liberdade. Arte. Transformação. Alegria. Palavras inspiradoras, que impulsionam a imaginação e apoiam a criação.

Estava na hora de abrimos a roda de conversa: as professoras haviam chegado e, com a obra do artista Antônio Obá *Varição Sankofa* (2023), cuja imagem agregamos a essa carta, é tão maravilhosa! Na oficina, olhar, sentir, um instante de pausa para a contemplação. Então perguntamos: Como essa obra te afeta?

Vozes-professoras, disseram como a obra as provocou a pensar em novos horizontes, para além do portal, assumindo os princípios éticos, políticos e estéticos na educação, com liberdade, justiça, diversidade, boniteza de ser com o outro. Afinal, [...] *ensinar e aprender não pode se dar fora da procura, fora da boniteza e da alegria [...] a educação deve ser estética e ética* (Freire, 2011, p. 26).

Imagem 1: *Variação Sankofa*



Fonte: Antônio Obá (2023) Abrem-se os caminhos para a dialogicidade, alteridade, sensibilidade, a arte, a cultura, a Educação Infantil e a formação de professores-professoras, encontrarem-se de mãos dadas. Vozes-mulheres-narradoras-professoras, que sonham, fitam o horizonte, soltam as amarras, compreendem os limites e desafios na/da travessia, e buscam possibilidades, alternativas a saber principalmente que não estão sozinhas.

O cuidado estético não estava apenas na obra de arte compartilhada. Estava apresentado inclusive na composição da sala, a mesa ao centro repleta de livros de autores e autoras negros-negras, histórias a serem partilhadas com escritos que enaltecem a cultura africana e afro-brasileira em seus enredos. Algumas dessas materialidades dispostas na sala de realização da oficina, está no mosaico que compartilhamos a seguir. Queremos dividir tudo o que pudermos com vocês

Imagem 2: Capas dos livros lidos para a realização da oficina



Fonte: Acervo do evento

Dessa maneira, reiteramos a função do espaço na aprendizagem e nas interações. Talvez conheçam as autoras brasileiras que falam desses aspectos. É tão importante pensar sobre os espaços, que trazemos um trecho da bibliografia que nos embasa e, quem sabe, interesse a vocês também aprofundar:

Qualquer ambiente construído exerce um impacto tanto direto quanto indireto, ou simbólico, sobre os indivíduos. Na primeira instância, fatores físicos podem influenciar o comportamento, facilitando certas atividades e obstruindo outras. Por exemplo, em uma sala de aula tradicional, geralmente as carteiras são dispostas em filas, o que pode diretamente afetar a participação dos estudantes em uma discussão geral, porque há dificuldade de se ouvir e ver todas as pessoas. [...] Por outro lado, características físicas do ambiente comunicam mensagens

simbólicas sobre a intenção e valores das pessoas que o controlam (Carvalho; Rubiano, 1994, p. 108).

Não é fantástico compreender que um espaço não se restringe às características físicas? Tantos outros autores e autoras vêm tematizando a questão: o espaço como território: “[...] de relações, de troca, de vida e um ambiente adequadamente planejado deve oferecer situações desafiadoras, com possibilidades de movimentação, exploração e interação” (Ostetto; Albuquerque; Parreiras; Silva, 2015, p. 52), o espaço como linguagem, que comunica e, assim, como um elemento “constituente na formação do pensamento” (*idem*).

Também o chão da sala é espaço de comunicação: um tapete costurado fio a fio, trazendo em seu formato o mapa do continente africano, nos levou a (re)conhecer seus 54 países e acima dele instrumentos musicais, tais como: berimbau, tambor e chocalhos, materialidades que pretendiam iluminar memórias e narrativas - de si, do outro, do nós -, trançadas à musicalidade. Que sons fizeram e fazem parte de nossas histórias? As culturas brasileiras, enlaçadas com as múltiplas culturas africanas, foram referenciadas pelas professoras, que lembraram e compartilharam acontecimentos de suas vidas.

Em continuidade a esse fio que compõe o enredo da sala, o varal-mural com postais de artistas negros-negras, permitiu que a arte empretecida, ocupasse lugar de destaque na sala. Mural que fez convite a irmos com nossos sentidos a passear, a perambular, a observar, a atentar-se às delicadezas, sutilezas, pausar, silenciar-se e conectar consigo mesmo e com nossas memórias-histórias de quem se faz sendo.

Confirmam, se não foi mesmo um convite delicioso!

Imagem 3: Registro do convite



Fonte: Acervo do evento

A arte que abre caminhos para os sentidos e sentimentos, enquanto pano de fundo, uma música faz acender em nós os lampejos de nossas narrativas-memórias. Como [...] uma provocação: de olhares, de imaginação, de ampliação de referências (Ostetto; Folque, 2021, p. 266), professoras-narradoras foram convidadas a escolher um postal e ao sentirem-se conectadas com a obra, realizaram sua apresentação: como se o postal fosse um retrato seu.

E por que fazemos esse movimento de entrar, ouvir, observar, tatear e pegar? Porque consideramos que o ato de rememorar e de tecer narrativas pode ser fertilizado fazendo à mão. Fazer a mão quer dizer com todos os sentidos. Inclusive o paladar: “Com a boca sentimos o sabor das coisas: o doce, o amargo, o azedo, o suave, o forte. Mas o sabor acorda nossa memória” (Queirós, 2009, p. 14). Quando cada qual estava já segurando o seu postal escolhido, esperando a vez de falar, a conversa em roda iniciou. Imaginem quantas imagens e situações passaram na cabeça de cada uma das professoras? Quantas lembranças, saudades, tristezas ou alegrias? Uma imagem, uma história, um livro, um instrumento musical entre tantos momentos vividos, suscitaram muitas lembranças, fertilizaram significativas narrativas!

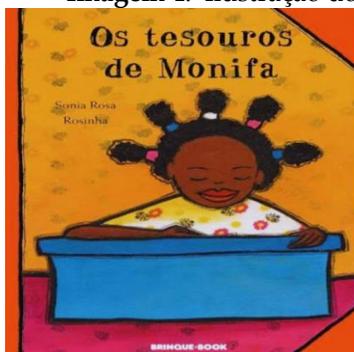
No movimento com as histórias de vida e de formação, seguimos nos constituindo, aprendendo e compartilhando, pois somos um com os outros. É, portanto, neste lugar de escuta, de

saberes compartilhados e de acolhimento que tecemos história. Entre olhares, gestos, sorrisos, lágrimas, olhos encantados, ao tocar, sentir, (re)parar as formas e texturas, as professoras fizeram-se presentes em nosso círculo de conversa, ecoaram suas vozes e entre vida-formação, matéria de poesia e matéria da academia se fizeram ouvir com o corpo todo manifestando concepções, (re)contando histórias da práxis pedagógica com as crianças por diferentes territórios da Educação Infantil.

Os sentidos acionados no transbordar das emoções, fizeram a conexão entre o vivido-rememorado e a experiência de narrar sua própria história de vida e formação. Ali, em presença, giraram pensares, fazeres, vozes e sentimentos, entre dores e alegrias, pois narrar é preciso! Foi o que aprendemos com Grada Kilomba (conhecem essa artista e escritora? recomendamos a leitura!): “[...] todas nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específica - não há discursos neutros (Kilomba, 2019, p. 58). Nesta perspectiva, também partilhamos na oficina a leitura da história *Os Tesouros de Monifa* (2009), de Sônia Rosa, uma narrativa que une passado e presente, vivifica os tesouros (guardados).

Vocês já tiveram oportunidade de ler ou ouvir essa história? Que tal um trechinho desse tesouro guardado, que a autora nos possibilita acessar?

Imagem 4: Ilustração do livro *Os tesouros de Monifa*



A bisá da minha avó Abigail se chamava Monifa, que lá na terra dela significa “eu tenho sorte”. Ela acumulou um tesouro ao longo da sua vida! Um tesouro muito especial que veio passando de geração para geração. Este tesouro mora agora na minha casa e fica dentro de uma grande caixa de madeira envelhecida na parte de cima do armário da minha mãe. Lá dentro estão os diários da minha tataravó africana escritos com letra muito antiga e com muito esforço. Quanta alegria, depois de tantos anos, conhecer os seus sonhos, suas simpatias, suas rezas, algumas partes das músicas preferidas, as esperanças, os sustos, e ainda, as notícias da época em que viveu [...].

Fonte: *Os Tesouros de Monifa* (2009), de Sônia Rosa

Os sentidos foram acordados, embalados pela leitura. Quem nunca sentiu aquele cheiro que atçou um lugar, um sentimento, uma emoção? Assim, também os livros despertam nossas memórias, aguçam outros sentidos e nos permitem imaginar, nos provocam a entrar no mundo, conversar com ele, questioná-lo, agir, seguir. Tem uma autora colombiana, chamada Yolanda Reyes, que afirma que *a matéria da literatura é precisamente a vida* (Reyes, 2012). No ato de ler, somos convidados a explorar nossa própria voz em diálogo com as diferentes vozes que o texto carrega, bem como percorrer os diferentes sentidos guardados na narrativa, como um cheiro que vai despertando, abrindo camadas, renovando significados adormecidos, alimentando a alma.

Sobre literatura infantil (empre)tecida e objetos-memórias presentes na organização do espaço, aqui vai um retrato.

Imagem 5: Capas dos livros trabalhados na oficina



Fonte: Acervo do evento

Se os livros são conversações sobre a vida, às professoras das infâncias têm papel fundamental na apresentação de histórias que

aguçam os sentidos e façam a vida pulsar dentro das instituições, sendo elas mesmas tocadas por essas histórias, pela palavra. Aos professores-professoras cabe também o compromisso ético, político e estético de atuar como curadores, fazendo escolhas que refletem concepções de infâncias baseadas nas experiências, na multiplicidade e potência das crianças. Um trabalho com a literatura que alargue experiências, no qual as crianças possam se reconhecer, dialogar, questionar. Afinal, lemos com as histórias que trazemos dentro da gente! Na oficina, nosso compromisso foi com a escolha de livros para alargar veredas, o que a denominamos de empreTECER, puxando fios a partir de narrativas e memórias de autores negros-negras. Compunham nosso acervo: bell hooks, Rogério Andrade Barbosa, Mauricio Negro, Rodrigo França, Lupita Nyong'o, Kiusam de Oliveira, Nilma Gomes, Sonia Gomes, entre outros. Vocês já leram obras desses autores e autoras?

O toque que acalenta, afaga e nos torna próximos(as) se fez visível em abraços-afeto e aqui revela-se a essencialidade do tato, afinal: *Pela pele experimentamos as sensações de calor, frio, dor, prazer* (Queirós, 2009, p. 16). Potencializando o toque, o mexer, as sensações da/pela pele, inauguramos a elaboração de postais, propondo o enlace das histórias partilhadas pelas professoras e a narrativa de Monifa. Era a vez de elaborarmos nossos próprios postais, tornar-criar em movimento-festa a materialização dos nossos sentidos. Nesse trilhar, sentimos pelo corpo todo e os diferentes materiais disponibilizados, e ali mesmo no tapete que estava localizado no meio da sala, sentados no chão, realizamos as produções em diálogos que não cessavam.

Vejam que lindeza as professoras produzindo cartões-postais a partir das narrativas que ecoavam na roda.

Imagem 6: Registro da produção dos cartões-postais



Fonte: Acervo do evento

Definitivamente as vozes-histórias se misturavam, muito havia por dizer e as narrativas dos movimentos de trabalho com as crianças no território da vida dialogavam. Ver-perceber-sentir que as belezuras e agruras vividas eram próximas permitiu que as professoras apreendessem novos e oportunos caminhos para (re)pensar o cotidiano com as crianças. A consciência de/sobre diferentes trajetórias experimentadas foi também sensibilizada, pois, *Em cada sentido mora outros sentidos* (Queirós, 2009, p. 18). Vejam alguns cartões-postais confeccionados pelas professoras, que boniteza, quanta sensibilidade, entrega, sentido!

Imagem 7: Registro do resultado da oficina

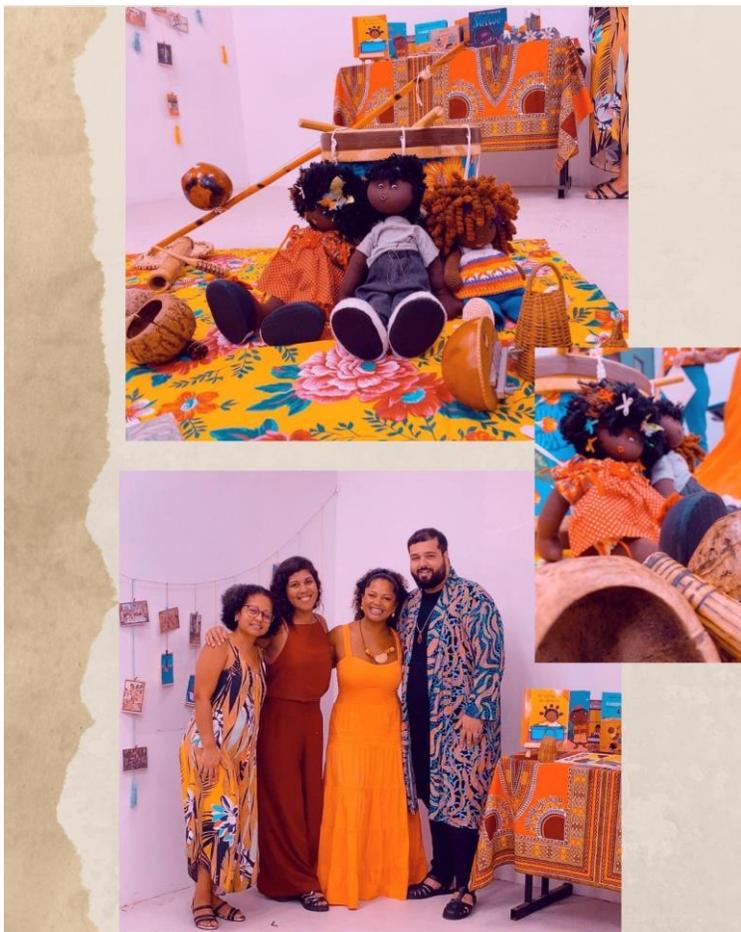


Fonte: Acervo do evento

Ufa! Quanta coisa, quanta história, quantas palavras e imagens, não é mesmo? Esperamos ter conseguido narrar um tantinho dos processos e dos movimentos experimentados-partilhados na oficina, sobremaneira como um convite para (re)pensar a formação de professores-professoras das infâncias no enlace com a arte. A arte como fruição, ajuda-nos a (re)aprender a vida-formação. E confiamos que no movimento de formação estética de professores-professoras das infâncias em diferentes territórios de formação, profissionalização e trabalho docente, o fazer-criar a mão seja fomentado como uma oportunidade para

materialização de um conhecimento docente que se (re)configure marcado pelas dimensões estéticas, éticas e políticas.

Agradecemos por nos terem acompanhado até aqui e nos despedimos com o desejo de que possamos nos (re)encontrar pelos territórios da vida, com educação e arte. Quem sabe mais breve do que imaginam, já logo no III Seminário Rodas do FIAR?



Maria Helena, José Firmino, Kamila e Maria Letícia.

Referências

CARVALHO, M. I. C.; RUBIANO, M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares: *In: OLIVEIRA, Z. M. R. (org.). Educação infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 108.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 26.

hooks, b. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Efevante, 2021.

KILOMBA, G. *Desobediências poéticas*. Curadoria Jochen Volz e Valéria Piccoli; ensaio Djamila Ribeiro. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.

OSTETTO, L. E.; ALBUQUERQUE, M. C. C.; PARREIRAS, N.; SILVA, R. P. *Quer que eu leia com você? Refletindo sobre as práticas e os processos de leitura para a Educação Infantil*. Niterói, RJ: Eduff, 2015, p. 52-53.

OSTETTO, L. E.; FOLQUE, M. A. Professoras em formação e imagens de obras de arte: encontros, olhares e narrativas de si. *In: FURTADO, R. M. M. (org.). Pensar o ver*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2021, p. 266.

QUEIROS, B. C. *Os cinco sentidos*. São Paulo: Global Editora, 2009, p. 6-7.

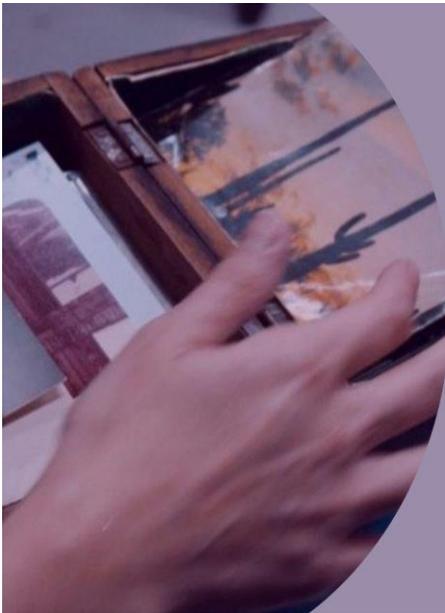
REYES, Y. O lugar da literatura na educação. *In: REYES, Y. Ler e brincar, tecer e cantar*. São Paulo: Pulo do gato, 2012.

RINALDI, C. O. O ambiente da infância. *In: CEPPI, G.; ZINI, M. (orgs.). Crianças, espaços, relações: como projetar ambientes para a educação infantil*. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 124.

ROSA, S. *Os tesouros de Monifa*. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

O Baú de guardados, histórias de infância na cidade e formação de professoras

Graziela Ferreira de Mello



UM PEQUENO BAÚ DA AVÓ REPLETO DE FOTOS.
 UMA CÂMERA QUE OUTRORA REGISTROU BELOS MOMENTOS PELAS MÃOS E OLHOS DO AVÔ.
 UMA RODA DE MULHERES.
 A FILHA DA LAVADEIRA E SUAS MEMÓRIAS PELAS LADEIRAS DO FONSECA.
 A CRIANÇA QUE TINHA UMA MÁQUINA DE REFRIGERANTES EM CASA.
 A MENINA QUE FAZIA DA PRAIA SEU QUINTAL E REFÚGIO.
 AS IRMÃS PROFESSORAS DE TANGUÁ E SUAS BRINCADEIRAS NA RUA DE CASA.
 A PROFESSORA DE ARTES QUE FAZIA GUERRA DE LAMA EM MAGÉ.
 A MENINA QUE A AVÓ TINHA UM QUINTAL CHEIO DE AROMAS.
 A MENINA QUE BRINCAVA COM AS ÁRVORES E PLANTAS NO MORRO ONDE CRESCERU.
 UM FINAL DE TARDE, UMA RODA, 8 MULHERES, MUITAS PARTILHAS E AFETOS PARTILHADOS.

Foi assim, partilhando histórias de formação estética da infância de cada uma das participantes da oficina “No álbum da memória: a cidade, a infância de professoras e a formação estética”, realizada no II Seminário Rodas do FIAR, em novembro de 2023, que pela primeira vez voltei à pesquisa que desenvolvi no mestrado (Mello, 2021). Foi a primeira vez, também, que conversei com professoras sobre o tema, olhando-as nos olhos, sem estarmos separadas por uma tela de computador, posto que em 2021 realizei todas as

conversas que constituíram minha pesquisa, pelas janelas virtuais, devido à pandemia de Covid-19 que assolava nosso planeta.

Para trazer a experiência do vivido em uma oficina que teve como inspiração minha pesquisa de mestrado, retomo o seu conteúdo, traçando um breve resumo da dissertação. De modo amplo, tive por objetivo contribuir para a discussão sobre a formação estética de professores que trabalham com as infâncias, como uma demanda importante, haja vista a legislação da Educação Infantil, cujos princípios estéticos figuram como diretrizes para a elaboração das propostas pedagógicas em creches e pré-escolas.

Tomando a cidade como um campo de formação estética, investiguei como o contato com os espaços da cidade de Niterói/RJ, em que um grupo de professoras cresceu, atuou em sua percepção e formação. Algumas perguntas guiaram o caminho: Que espaços da cidade frequentavam quando crianças? Os equipamentos culturais e artísticos foram presentes em seus percursos? Que relações e experiências vividas com/na cidade consideram importantes para a formação de sua sensibilidade estética? Neste percurso, essas perguntas também me interpelavam, afinal também nasci em Niterói e foi este fato que impulsionou ao exercício de minhas memórias com a cidade, valendo-me de imagens fotográficas capturadas pelas lentes de meu avô, que era fotógrafo.

Em busca de narrativas docentes, para colocar em diálogo nossas experiências e ampliar seus sentidos na jornada de formação, o aporte teórico-metodológico das abordagens (auto)biográficas e narrativas (Nóvoa, 1992, 2001, 2010; Passeggi, 2010; Josso, 2001; Delory-Momberguer, 2012; Dominicé, 1988), deu sustentação à produção e à interpretação de dados (re)colhidos por meio de encontros com cinco professoras de Educação Infantil, que atuam na cidade de Niterói/RJ, e que passaram suas infâncias nesta cidade. Os encontros para escutar as histórias de infância com/na cidade, realizados em tempos pandêmicos, que impunham cuidados, dentre eles a limitação de contato face a face, configuraram-se como conversas pelas janelas virtuais. Realizadas

via plataforma digital, em momentos diferentes, com cada uma das professoras, as possibilidades de rememoração e narrativas foram ampliadas por meio de imagens fotográficas da cidade e/ou das participantes na cidade, trazidas para as conversas propostas.

O que fazer com as narrativas (a)colhidas nas conversas (que foram gravadas, transcritas e textualizadas)? Inspirando-me na escrita benjaminiana, principalmente no conjunto de textos *Infância em Berlim por volta de 1900* (Benjamin, 1933/1994), para a apresentação no contexto da dissertação, organizei-as em fragmentos narrativos, pequenas crônicas, por meio de temáticas que identificava. Após apresentar as histórias com/na cidade, as narrativas partilhadas foram entrelaçadas, constituindo fios de sentidos, nos quais se revelavam percursos de formação estética atravessados por diferentes espaços (de arte, de cultura ou junto à natureza), intimamente relacionados às práticas sociais dos grupos de convívio das professoras. Frequentar um clube, brincar o Carnaval, participar de manifestações populares, ir à praia e a parques públicos apareceram como tempos-espços de formação das sensibilidades (Mello, 2021).

Ao traçar esse breve resumo, sou conduzida à 2021, ano em que defendi o mestrado e pari uma linda dissertação, cheia de significados, afetos e memórias. Fechei um ciclo de estudos acadêmicos. No segundo mês de 2022, pari uma bebê, que me fez ressignificar toda a minha existência. Outro ciclo se iniciava. Virar mãe me fez repensar o que eu conseguiria ou não fazer como profissional e pesquisadora. Muitos desafios se apresentam a nós mulheres, na experiência de protagonizar tantos e imensos papéis – mães-professoras-pesquisadoras. E seguimos em frente!

Movida a desafios, a bebê um pouco crescida, me lancei na aventura de fazer o doutorado, continuando a participar do grupo de pesquisa, o FIAR, que nunca abandonei. Em 2023, envolvendo-me com as disciplinas do curso, também me envolvia com as propostas e atividades fiandeiras, como a organização do II Seminário Rodas do FIAR, para o qual fui desafiada a

pensar/propor uma oficina baseada em minha pesquisa de mestrado. Desafio aceito!

Foi muito interessante revisitar a dissertação para planejar essa oficina. Voltei à casa de minha mãe em busca de mais memórias de infância em forma de fotografias. Puxei fios que estavam ali, mas haviam sido esquecidos. Procurei um receptáculo para levar esse meu tesouro até a UFF, onde eu os compartilharia com as participantes da oficina. Achei um bauzinho de madeira da minha avó, que tem uma singela pintura em sua tampa, e o interior forrado com camurça. Ele morava em cima de sua cômoda do quarto e guardava suas miudezas.

Olhei aquele objeto e fui transportada ao apartamento da rua Almirante Tefé, no centro de Niterói. Reencontrei-me com uma memória que persiste em mim e foi narrada em minha dissertação (Mello, 2021, p. 35-36).

Rua Almirante Tefé, 370.

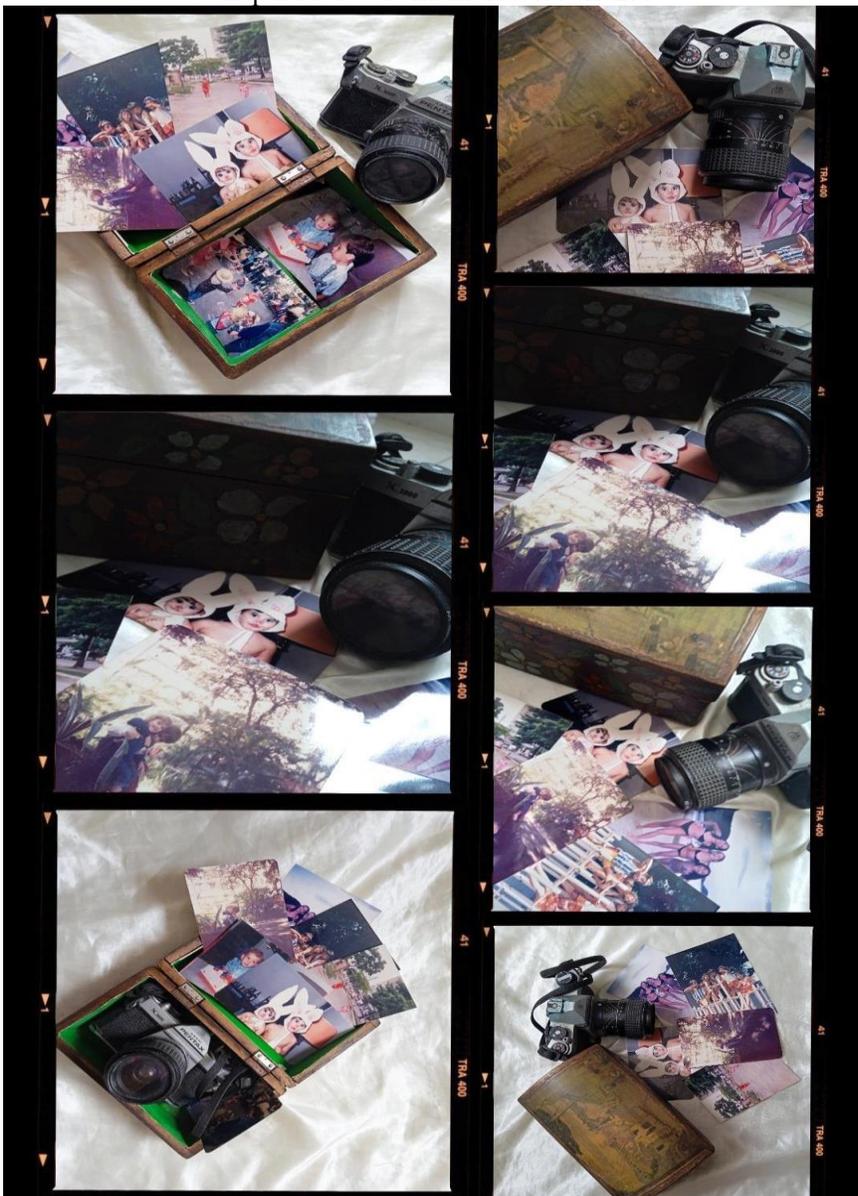
Passei toda a minha infância morando no centro de Niterói, mais especificamente na rua Almirante Tefé, 370. Vivemos em alguns apartamentos diferentes no mesmo prédio, onde também residiam meus avós, lá no 3º andar. Como minha mãe sempre trabalhou fora, passamos muito tempo aos cuidados de meus avós maternos. Seu apartamento ficava logo no início do longo corredor que por muitas vezes me assustou com sua escuridão, mas que também era ótimo para apostar uma corrida.

Como passava muito tempo com meus avós me acostumei a acompanhar meu avô até as fotos – lojas de onde eram revelados os filmes fotográficos. Eu gostava mesmo era do passeio! Andar da Almirante Tefé até a foto, na Av. Amaral Peixoto, se tornava uma aventura, onde eu não podia largar a mão de meu avô para não me perder, e quando eu podia olhar com atenção tudo à minha volta. A autoescola na entrada do prédio onde morávamos, do outro lado da rua a loja de doces, a praça do Rink, a padaria Flor do Rique que vende o pão meia lua mais gostoso de toda Niterói (vovô nunca

conseguia me negar um pãozinho meia lua na volta para casa), íamos caminhando até chegar na esquina da rua da Conceição com Almirante Tefé, ali eu avistava a grande loja Ultralar, que ficava na esquina e sabia que já estávamos perto de nosso destino. O laboratório fotográfico da Avenida Amaral Peixoto estava sempre cheio de gente que havia esperado algum tempo para ver seus momentos importantes registrados em forma de imagem, num pedaço de papel que podia medir 10x15cm, 13x18cm ou 20x21cm. As provas das fotos, que buscávamos para serem levadas e escolhidas pelos clientes do meu avô sempre mediam 10x15cm. Quando as fotos grandes estavam prontas, vovô as levava para encadernar. Naquela época, meados dos anos 1990, ainda nem sonhávamos em editar as fotografias no *photoshop* e quando algo ficava ruim, existia uma pessoa especializada em ajeitar as imagens à mão, usando lápis de cor. Fecho os olhos e vejo novamente a figura daquela pequena senhora negra que trabalhava na foto e com habilidade fazia esse serviço, vindo mostrar ao Seu Ferreira como estava ficando o serviço de uma fotografia que ele teria que entregar a seus clientes dali a alguns dias.

As cores, os sabores, os cheiros e os sons, da parte mais ativa da cidade ainda moram em minhas lembranças. O gosto do doce de abóbora laranja em formato de coração, que vendia na loja de doces do outro lado da rua, quase em frente ao prédio. Aliás, uma das primeiras vezes que foi dada a mim autorização para sair sozinha sem nenhum adulto junto, foi para ir comprar esse doce. Depois, aos poucos, fui alargando meu raio de lugares onde ia sozinha. Eu ia crescendo junto com a cidade. A modernidade foi chegando e esses locais da minha infância foram deixando de existir, virando apenas fragmentos de sensações que habitam minhas memórias.

Imagem 1: Foto ensaio produzido com os objetos e fotos utilizados como disparadores de memórias na oficina



Fonte: Produzido pela autora (2023).

Os fios de minhas memórias de formação estética no contato com a minha cidade natal, Niterói, já haviam sido puxados a fim de criar lindas tramas. Meu desafio naquele fim de tarde, no auditório Paulo Freire, localizado na Faculdade de Educação da UFF, era que as participantes pudessem puxar seus fios e juntas criássemos um vivo bordado de memórias, sem perder de vista que

As experiências vividas na infância tomam outro formato quando as revisito agora, que estou grande, adulta; ao mesmo tempo em que elas aparecem para mim com novos sentidos, vou com elas reconstruindo afetos. É como se eu olhasse para a minha história com olhos estrangeiros, buscando uma apreciação investigativa dos fatos vividos. E assim, ao me narrar, percebo como experiências corriqueiras, antes esquecidas como um retrato esmaecido, meio apagado pelo tempo, foram relevantes para meu encontro com a arte e para o cultivo dos sentidos e de sensibilidades. Eu me demoro nas lembranças, revejo fotografias e então é a paisagem de uma cidade que aparece (Mello, 2021, p. 21).

Como um convite à rememoração, reunida com as professoras que participariam da oficina, comecei lendo o texto “Tiergarten”, de Walter Benjamin, do qual trago aqui um trecho:

Mas entre as cariátides e os atlantes, entre os querubins e a pamonhas, que então me observavam, preferia agora os primeiros, aqueles empoeirados da estirpe dos guardiões dos umbrais, que protegem nossos passos pela vida afora e dentro de casa. Pois sabiam ser pacientes. E para eles era indiferente aguardar um estrangeiro, o retorno dos deuses antigos a criança que, de pasta, trinta anos atrás, passara sob seus pés (Benjamin, 1994/1933, p. 75).

Após esse momento, foi a vez de abrir meu baú de tesouros e compartilhar com as pessoas presentes, minhas preciosas fotos de infância. Neste processo de rememoração, a fotografia se constituiu como um disparador de memórias, ela acende a fagulha do que outrora encontrava-se adormecido.

A relação entre fotografia e memória tece fios de maneira que acessamos, através delas, mesmo que de forma indireta, as cenas e os personagens nela representados, mediando ‘a realidade vivida pelo fotógrafo e a realidade vivida ou imaginada por aquele que vê a fotografia’ (Delory-Momberger, 2010 p. 96). Essas imagens podem servir como ‘gatilhos de lembranças’ (Barthes *apud* Delory-Monberger, 2010, p. 96), ao puxarem os fios necessários para tecermos nossa memória acerca de algum momento que vivemos ou experienciamos (Mello, 2021, p. 70).

As participantes não traziam consigo fotos de suas infâncias, já que a escolha da oficina que iam participar se deu naquela tarde, ao chegarem para o seminário. Como alternativa, pedi que cada uma buscasse uma memória da infância em sua cidade, que considerasse que havia sido um momento que contribuiu para sua formação estética. Dispostas em roda, cada uma das oito participantes partilhou com as restantes essa memória de formação estética no contato com a cidade onde cresceu. A síntese do partilhado está na composição que inicia este texto.

Após todas as oito participantes fazerem seus relatos, propus um novo desafio: pensar em três lugares da cidade onde cresceram, para levarem seus alunos. Nesse exercício, percebo o quanto as escolhas de hoje trazem marcas das infâncias dessas professoras, já que os lugares escolhidos foram pensados por mulheres adultas que naquele momento traziam em seus corações a chama das memórias da infância um pouco acesas. Pensaram no hoje, tendo o ontem como base, e ainda reverberando em seus corpos.

Passado algum tempo da experiência vivida e partilhada na oficina, duas das oito participantes, com as quais tenho contato, escreveram, a meu pedido, sobre a oficina, sobre como foi refletir sobre as experiências estéticas vividas na cidade onde cresceram, e o que reverberou nelas após nosso encontro naquela tarde de novembro. Ambas me autorizaram a colocar seus nomes ao final de cada relato, que estão a seguir.

A Ana Grazele conta:

Ao lançar a pergunta sobre um lugar que nos formou esteticamente durante a infância, a Grazi me fez ir em uma expedição ao fundo da memória. Relembrei pessoas, lugares e momentos que me constituíram e levaram-me até aquele momento, em roda, trocando experiências com outros pares e sendo afetada por elas. Dentre tantas lembranças, apenas uma fez os sentimentos se materializarem em meus olhos: A que me transportou ao antigo terreno da minha casa e no entorno dela, que de 2009 para cá sofreu mudanças não aprovadas pela minha criança. Relembrei as brincadeiras na terra, nos abraços dados nas árvores e nas corridas que apostava com os meus melhores amigos de quatro patas, Billy e Bob, que já não se encontram nesse plano. Como sinto falta. Ali percebi que meu desejo em seguir pedagogias e práticas que envolvem a natureza e a sua preservação eram pautadas nas minhas boas experiências, ainda criança, em contato com a natureza, criando mundos e desbravando aventuras enquanto fingia ser uma grande desbravadora. Naquele espaço intimista, foi possível perceber uma linha sendo traçada em roda, costurando a memória, a formação estética e sua relação com as práticas docentes. Ali, confeccionamos narrativas que mostraram a importância dos lugares e relações como agentes influenciadores para/na formação e sensibilidade estética dos professores.

A Isabelle Ribeiro conta:

Ao participar do 2º Seminário Rodas do FIAR, realizado na Universidade Federal Fluminense, tive a valiosa oportunidade de aprofundar meu conhecimento em temas relacionados à docência e à formação em arte no campo da educação. Um dos pontos altos do evento foi a oficina ministrada pela professora Graziela Mello, intitulada “No Álbum da Memória: a Cidade, a Infância de Professoras e a Formação Estética”. Optei por participar desse curso devido à sua profunda conexão com meus interesses no

desenvolvimento de aulas voltadas para o Curso Normal. A partir da caixa de memórias fotográficas que a professora trouxe consigo, fui convidada a mergulhar em minhas próprias lembranças e experiências, refletindo sobre como esses fragmentos do passado moldaram não apenas minha percepção da arte, mas também minha abordagem na docência. Revivi não só as memórias da minha infância e minha relação com minha cidade natal, mas também vivências dentro do ambiente familiar e das viagens que marcaram a minha infância. Dada minha atuação na disciplina do Curso Normal, denominada Ateliê Pedagógico, voltada especialmente para a formação estética por meio da experiência, cujo propósito é preparar futuros professores para lidar diretamente com crianças em processo de desenvolvimento, percebi a urgência de proporcionar a esses estudantes uma compreensão mais ampla sobre a influência das experiências cotidianas na formação da identidade individual. Compreendi que cada contato que os pequenos têm com o mundo, cada experiência e memória que acumulam, contribui significativamente para a construção do indivíduo que serão no futuro. Portanto, ao capacitá-los para apreciar e refletir sobre a beleza e o significado presentes em suas próprias vivências diárias, estou contribuindo não apenas para o desenvolvimento de sua compreensão estética, mas também para sua formação como indivíduos sensíveis, conscientes e reflexivos. Essa abordagem visa não apenas enriquecer seu repertório visual, mas também promover uma maior conexão com o mundo ao seu redor, incentivando uma apreciação mais profunda das complexidades e nuances da experiência humana.

Na experiência vivida neste encontro no final de tarde de um rico dia de novembro, não consegui apurar com muita profundidade a contribuição da cidade como espaço de formação estética durante a infância das professoras que estavam ali comigo, porém consegui fazê-las refletir sobre a potência da cidade na formação estética dos sujeitos. Percebo novamente

[...] que ao narrar as experiências vividas jogamos uma luz sobre essa formação e elas puderam assim perceber que sua formação estética ocorreu não só em instituições de arte, mas perpassou todos os locais da cidade por onde elas caminharam em seus itinerários de vida. Hoje, na fase adulta, a partir de uma experiência intermediada por mim, o olhar para o seu fazer pedagógico junto às crianças com as quais trabalham parece-me ampliado, na reconexão com os momentos tão valiosos e marcantes como o que elas tiveram a oportunidade de viver. Lembrar e contar o vivido, abre oportunidade para ressignificar espaços e tempos e, assim, pode contribuir para a clareza da importância de oferecer, cada vez mais, possibilidade de acesso aos diferentes espaços da cidade – na arte, na cultura e na natureza (Mello, 2021, p. 157).

Noto novamente que as experiências partilhadas pelas professoras que atuam em diferentes segmentos da Educação Básica, são do tipo que passam pelo coração e transbordam por todo nosso ser, como fala o autor James Hillman (2010). Vivendo em um mundo onde o racional tem sido hiper valorizado, em detrimento do nosso lado sensível, se faz cada vez mais necessário criar espaços de encontro com o sensível, principalmente no campo educacional, onde lidamos com a formação humana. “Abrir espaços para que professoras de infâncias possam refletir sobre a sua formação estética é indispensável quando pensamos em educação” (Mello, 2021, p. 157), foi algo que busquei fazer em minha pesquisa de mestrado e novamente na oficina realizada no II Rodas do FIAR.

Referências

- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas* – Magia e técnica, arte e política, Editora Brasiliense, São Paulo, 1994. (Original publicado em 1933).
- DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. *In*: ABRAHÃO, M.

H. B.; PASSEGGI, M. da C. *Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica*. Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, set.-dez. 2012.

HILLMAN, J. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Campinas, SP: Versus, 2010.

JOSSO, M-C. Experiências de vida e formação. Educa formação. In: MELLO, G. F. de. *No álbum da memória: A cidade, a infância de professoras e a formação estética*. Dissertação de mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2001.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de Vida. In: NÓVOA, A. (org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, A. Prefácio. In: JOSSO, M-C. *Experiências de vida e formação*. Educa- formação, 2001.

NÓVOA, A.; FINGER M. *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDURFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, M. da C. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M. da C.; SILVA, V. B. da (org.). *Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

PASSEGGI, M. da C. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

Entre novas lentes e pessoas-borboletas: um convite a metamorfosear

Ana Grazyele da Silva Araujo

Borboletas me convidaram a elas.
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens
e das coisas.
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta
seria, com certeza, um mundo livre aos poemas.
(Barros, 2000).

Disseram-me um dia que o exercício da escrita se assemelha a uma costura e exige muito cuidado e paciência (e quanta!). Teço este texto, entre pontos e nós que são feitos e refeitos. Nesse movimento é que encontro alguns dos muitos caminhos possíveis para descrever ideias e pensamentos, que por vezes parecem não fazer sentido algum.

No segundo semestre de 2023, tive a oportunidade de compor o Círculo de Estudos e Pesquisa Formação de Professores, Infância e Arte - FIAR, da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Como bolsista de Iniciação Científica, além do envolvimento com a pesquisa em que estava vinculada, participei de atividades e encontros formativos. Aos poucos, percebi que o jeito-FIAR-de-ser estava me tocando para além das reflexões sobre a prática com crianças da Educação Infantil. Antes de conhecer o grupo, sentia-me deslocada como graduanda de Pedagogia. Durante o meu processo de formação universitária, a construção e entendimento da minha identidade docente foi sendo construída aos trancos e barrancos. Alguns estágios fizeram-me questionar a

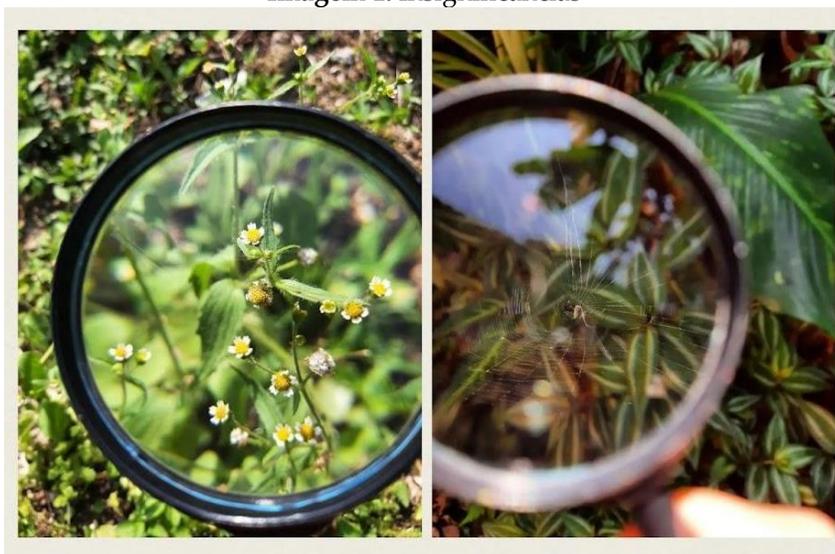
minha adequação para a docência, uma vez que, na perspectiva de algumas professoras que conheci, a minha personalidade calma não permitiria que as crianças tivessem respeito por mim. A profecia foi concretizada? Não. Mantive-me firme com o tom calmo da minha voz. Contudo, percebi que, quando se ocupa espaços educativos adultocêntricos e individualistas, sem as devidas ferramentas e instrumentos que nos ajudem a construir autonomia e a lidar com essas situações, tendemos a enrijecer e a padronizar para nos adequarmos. É como se colocássemos a nossa criança para dormir, a fim de evitar que ela se frustrasse.

Durante muito tempo eu bem que tentei, diversas vezes, mas a minha criança sempre foi muito travessa e inquieta. Isso não quer dizer que ela não se frustrou. Nós nos frustramos muito. Mas, como cantou Chico Buarque (1970): “Apesar de você amanhã há de ser outro dia”, e assim seguimos. Apesar de habitar tantos espaços adversos, apesar de trilhar caminhos que pareciam não levar a lugar algum, apesar de tentar (re)existir em meio à rotina densa, de uma sociedade que vive apressada, o sol apareceu novamente a brilhar. E na costura da minha escrita, este é um fato relevante: ser acolhida pelo FIAR. No/com o grupo, percebi que a maneira como me relacionava com o mundo estava se transformando: observava mais o céu, o chão, passei a ver mais poesia em dias ruins. Encontrei com pessoas que se identificam, que também observam e veem bonitezas nas insignificâncias do mundo e que convidam a criança que foi adormecida a sair.

Como escreveu uma fiandeira: “Acordar nossa criança pode ser a melhor maneira de sentir e agir no mundo de forma mais humana, sensível, espontânea, intensa” (Corrêa, 2018, p.22). E foi assim naquele dia, em que iria encontrar as fiandeiras: vi uma lupa na estante de casa e decidi levá-la comigo. Ao longo do caminho, fui testando as distâncias possíveis olhando algumas flores, vi um inseto em uma folha e comeci a investigar. Estava maravilhada com os detalhes da natureza, observava cada botão, cada pétala e pólen. O maravilhamento foi tanto que me perdi; me perdi nas pétalas, nas nervuras das folhas, no pólen disperso. Me prendi nas

teias de aranhas que estavam escondidas e só eram vistas por conta dos fios de luz que brilhavam em contato com o Sol. Me perdi no caminho que conheço desde os meus nove anos de idade, no cenário de tantos mundos criados pela minha criança.

Imagem 1: Insignificâncias



Fonte: Ana Grazyele (2023)

Neste momento de reflexão, prestava atenção na vida e a sentia, com todos os sentidos aguçados. Relembrava os sentimentos da infância ao desbravar aquela floresta - que era apenas um caminho arborizado; prestava atenção aos detalhes, aos sons e cheiros, pensei no sentimento das crianças ao descobrirem o novo, no deleite de viver a vida com plena liberdade para existir, criar e experimentar.

Em nossa rotina como sociedade, estamos sempre apressados e sem tempo para o ócio, para observar as miudezas do mundo. A vista começa a ficar cansada (Resende, 1992), e inicia-se um tipo de processo de anestesiamento. Deixamos de ver-sentir o nosso entorno, de sentir a vida pulsando. Quando pensamos nas creches e escolas, então, é bem trágico! A falta de espaços-tempos para

trocas e o individualismo crescente não permitem diálogos possíveis e promovem engessamentos e rigidez nas práticas. Ao desejar trilhar caminhos outros, que reafirmem uma prática docente sensível, nos posicionamos contra uma lógica guiada pelo individualismo e o anestesiamiento tão presente no cotidiano das escolas (Gomes, 2023, p.15). Esses caminhos, por vezes, se mostram solitários, mas é com essa ação de coragem que vamos conhecendo novos mundos e pessoas.

Minha participação na organização do II Seminário Rodas do FIAR - Arte Vida, Vida Arde: (Re)existir na docência com pesquisa e arte, que aconteceu no início da primavera de 2023, faz parte deste caminho com o grupo de pesquisa, que me permitiu ampliar meu mundo e conhecer outras histórias. A delicadeza e a sensibilidade fiandeiras dedicadas na organização e realização do seminário, transformou a sala Paulo Freire, no terceiro andar da Faculdade de Educação da UFF, em um espaço de acolhimento e de encontros. A disposição dos objetos, os detalhes cuidadosamente pensados para receber e acolher a toda gente que chegava. Mesmo com todas as dificuldades e imprevistos que surgiram horas antes, o seminário foi um acontecimento! Quem teve a oportunidade de participar dos eventos do grupo, já deve ter percebido que a formação estética, que é tema de estudo e é tão presente nas falas e produções dos integrantes, não se limita à teoria, ela também é visível em suas práticas.

Além do convite para esboçar sensações, sentimentos e reverberações nos cadernos confeccionados a muitas mãos, foi possível encontrar-se com a arte e ampliar repertórios outros através das oficinas oferecidas pelas pesquisadoras-fiandeiras, que traziam inúmeras materialidades e oportunidades aos participantes, para experimentar e se expressar. Esse encontro com a arte

[...] converte-se, sem dúvida, em oportunidade ímpar para a ampliação de repertórios culturais, devido ao seu caráter formativo no âmbito de nossa sensibilidade e de nosso pensamento. A dimensão formativa da arte reside na possibilidade

que nos oferece para dar forma a sentimentos e ideias; ademais, nos abre oportunidades para que nos transformemos (Ostetto; Brito-Silva, 2018, p. 194).

Particpei da oficina “No álbum da memória: A cidade, a infância de professores e a formação estética”, dinamizada pela pesquisadora-fiandeira Graziela Mello, que havia trazido um baú de madeira com diversas fotografias do acervo da sua família, a maioria pelos olhos do seu avô. Enquanto as fotografias circulavam pela roda, surgiram perguntas sobre lugares que hoje estão diferentes e algumas histórias/memórias foram contadas. Em seguida, fomos todas convidadas a rememorar nossas infâncias e encontrar um lugar-espaco que nos formou esteticamente. E, em roda de conversa, as memórias partilhadas em coletivo revisitaram quintais, casas de avós, igrejas, sons, odores e sabores da infância, trazendo particularidades de cada pessoa ali presente.

Enquanto as memórias eram reavivadas, pensava sobre as minhas. O que me marcou esteticamente na infância? Quais relações e espaços me guiaram aos caminhos que segui? Cada detalhe trazido à roda, preenchia um espaço no meu peito, que sentia a mais genuína felicidade por estar presente naquele momento.

A emoção materializou-se, timidamente, nos olhos, ao relembrar a ida para a minha atual casa, que antes era repleta de vegetação natural, flores, árvores... natureza! Para a criança de 9 anos, que mal tinha quintal, aquele lugar se assemelhava aos contos de fadas. Relembrar a minha felicidade em habitar aquele território é o que me faz hoje lutar para que as crianças tenham espaços verdes e repletos de natureza para criar, imaginar e experimentar a vida.

Nesse sensível encontro, as narrativas costuraram linhas que entrelaçaram memória, formação estética e prática docente, mostrando que a formação docente é atravessada por lugares e relações, que atuam como agentes influenciadores na formação e na sensibilidade estética desses profissionais. Em contato com suas memórias, a pessoa revisita sua história do passado com seu olhar do presente, identificando peças que irão se encaixar para

compreender seu trajeto e, assim, talvez, buscar novas rotas (Mello, 2022, p. 92-93).

Momentos após a realização das oficinas, nos direcionamos ao pilotis da Faculdade de Educação. Observei pelos meus olhos e pelas lentes da câmera, emprestada pela fiandeira Daiane, as interações e o encantamento presente no rosto dos convidados durante a roda de dança que selaria a potência daquele encontro. Os olhos brilhantes, os sorrisos, afetos e mãos dadas. Naquele momento, os integrantes do grupo FIAR pareciam pessoas-borboletas, que convidavam toda a gente ao encontro de novos olhares, fazeres e sentires. Convidavam a metamorfosear. Assim fiz o registro do momento, naquele dia:

As pessoas que fazem parte do grupo pareciam borboletas enquanto cuidavam para acolher as pessoas e durante o momento da roda, já que encantavam a todos (inclusive a mim). Lembrei do poema [borboletas] de Manoel de Barros. No caso do seminário, as borboletas são os integrantes do grupo, que convidaram todas as outras pessoas a ter uma visão diferente do usual, diferente 'dos homens' (Notas pessoais do seminário, 2023).

Penso que o processo de metamorfose é constante quando se é professor. Reinventar-se exige trilhar um longo caminho de reflexões, de conscientização e rompimento da rigidez provocada pela rotina, exige mudança, que de acordo com Madalena Freire (2014, p. 6), "é gestada num árduo processo de pequenos movimentos e conscientização, onde a reflexão é a arma de luta para a opção, ou não, pela paixão de aprender, ensinar e conhecer o mundo".

Nos encontros formativos com professores e graduandos, o FIAR promove esses pequenos movimentos, através dos (re)encontros e do diálogo, em suas conversas que trazem doses de estética e de esperança. O II Seminário Rodas do FIAR fez parte desse movimento e possibilitou encontros de pessoas dos mais variados lugares do Rio de Janeiro (e do Brasil!) para tecer diálogos,

reflexões e afetividades que reverberam e mobilizam a pensar formas de ressignificar práticas, fazeres e de (re)existir.

Imagem 2: As Borboletas convidam a observar os detalhes



Fonte: Ana Grazyele (2024)

Referências

BARROS, M. de. *Ensaios fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2000

CORRÊA, C. *Arte, formação e docência na educação infantil: narrativas do sensível*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

FREIRE, M. *A paixão de conhecer o mundo: Relatos de uma professora*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014

GOMES, L. *Caminhar é encontrar: inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana*. 2023. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

MELLO, G. *No álbum da memória: a cidade, a infância de professoras e a formação estética*. 2021. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

OSTETTO, L. E. Esse in anima: formação docente em deslocamento. Trabalho Encomendado – *Anais*. 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019) GT07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos.

OSTETTO, L.; B.-S. G. Arte na formação docente para a educação infantil: Procura-se! *POIÉISIS* - Revista do Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina, v. 12, n. 21, p. 185-203, 2018.

RESENDE, O. L. Vista cansada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1992.

No caminhar que faz do tempo o encontro, cultivar e partilhar sentidos em conexão com a natureza

Laís Vilela Gomes
Amanda Lobosco Pinto

Tão longe, tão perto: desejos e encontros

Duas mulheres, mães, pedagogas, educadoras das infâncias, formadoras de professoras e de professores, pesquisadoras, fiandeiras. Uma em Niterói/ RJ, Outra em São Mateus/SP. Gente do lado de cá da ponte, gente do lado de lá, gente que tem muita ponte para atravessar e decidiu fazê-lo em companhia.

O que parecia distante, logo se avizinha: Educação, Arte, Natureza, Infância, Formação docente era a matéria da Vida que teciam em sonhos e que fez o encontro possível. Em passos andarilhos e desviantes, movidas pelo desejo de tecer outras histórias, de partilhar experiências sensíveis, o encontro se fez caminho, que traçou possibilidades, que as conduziu à proposta de dinamizar uma oficina no II Seminário Rodas do FIAR, em setembro de 2023, na Faculdade de Educação da UFF.

A narrativa que compomos aqui, fala deste encontro, em um tempo em que estávamos envolvidas na escrita de nossas dissertações de mestrado, com prazos a cumprir, e a vida acontecendo, com suas demandas existenciais que não podiam esperar. Ah, o tempo! Ora desajeita tudo que aparentemente está no lugar e ora permite aterrar as ideias, ora atravessa veloz nossos cotidianos, ora nos permite sentir o vagar, sem pressa, pausar se necessário. Entre a velocidade e a lentidão, o tempo conecta tudo, compõe ciclos, tece a vida. Entre a pressa e a pausa, mais

interessante é o caminhar - com o tempo, contra o tempo, atravessando o tempo, qualificando tempos. É o caminhar que faz do tempo o encontro. No encontro, incertezas, anseios, devaneios, sonhos podem ser partilhados e impulsionar outros caminhos. Assim foi. Assim narramos.

Uma oficina assentada nos elementos que nos une



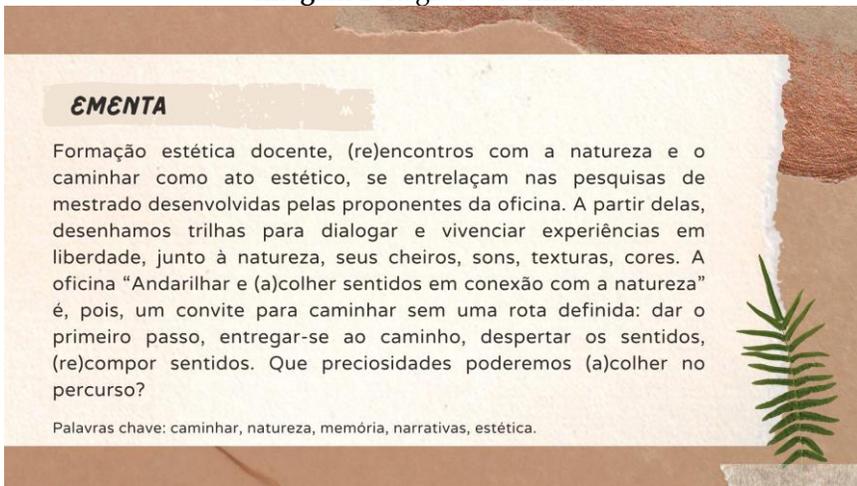
Acreditando na importância do diálogo e de pesquisas que se debruçam na tomada de consciência de si, um planejamento da oficina se inicia a partir da reflexão sobre o que nos une. Pelas trilhas das narrativas (auto)biográficas, perspectiva teórico-metodológica que nos convida a “caminhar para si” (Josso, 2004), compreendemos que a busca de conhecimento começa por conhecer a nós mesmas, empreendendo uma caminhada por nossas memórias e narrando nossas histórias de vida e formação.

Nós duas estávamos completamente imersas em nossas histórias - baús de guardados sendo abertos e vasculhados, objetos de recordações encontrados, retratos de memórias iluminados, alegrias, tristezas, encontros e desencontros aparecendo como matéria de nossas vidas -, em movimentos e processos das nossas

pesquisas de mestrado, que seriam defendidas um pouco depois: Caminhar é encontrar: inventário poético formação estética pela periferia da zona leste paulistana (Vilela-Gomes, 2023) e Professoras, crianças e natureza: narrativas docentes da/na pandemia (Pinto, 2023). Pensar nos nossos processos possibilitou pensar uma direção a seguir: tecer um encontro com outras professoras para dialogar sobre os temas que nos acompanhavam. A oficina ganhou forma, ganhou título - *Andarilhar e (a)colher sentidos em conexão com a natureza* - e foi compartilhada como um chamado a uma bela roda de trocas de saberes e fazeres sensíveis.

Para a divulgação, elaboramos uma ementa, um resumo de ideias sobre o que gostaríamos de compartilhar com toda a gente que desejasse chegar na roda.

Imagem 1: Registro da Ementa



Fonte: Material de planejamento das autoras. Setembro de 2023.

A oficina foi proposta como um convite: entregar-se ao caminho e despertar os sentidos. Algo simples, singelo, cotidiano que se projetava como um fio reflexivo, sobre rotina que muitas vezes (ou diariamente?) nos atropela, deixa-nos exaustas e desconectadas de nossos sentidos, da nossa essência, de nós mesmas. Chamava a pensar como a relação com o tempo e a

natureza ganha contornos muito limitados, ausentes, anestesiados na contemporaneidade. Convidava à experiência de despertar os sentidos e mergulhar na profundidade que há escondida na natureza e seus elementos. Poéticas da dimensão do sensível e seus atravessamentos, (re)encontrar o saber dos sentidos que (re)existe em cada uma de nós. Estesia!

Com a intencionalidade de organizar um espaço para acolher nossos corpos na chegada à roda, começamos compondo uma mandala. A metodologia da oficina, assim como em nossas pesquisas de mestrado, revelava-se nos detalhes, no cuidado para que aquela sala de uma universidade pública fosse um portal para quem ali adentrasse, com seus inacabamentos, incertezas, inteirezas e disponibilidade à conexão. A circularidade, tão presente nos encontros fiandeiros, marcou o nosso jeito de arrumar o espaço: criamos um centro de roda com folhas, pedras, potes de alumínio com água e velas acesas com chamas que ardiam, bailando diante dos nossos olhos. Aquele centro já revelava um modo de chegar e se pôr em conexão: era no chão, em roda, lado a lado com a beleza dos detalhes, que a oficina seria tecida.

Esse modo de fazer-ser artesanal, cuidadoso, estético, é característico do FIAR - Círculo de Estudo e Pesquisa, Formação de Professores, Infância e Arte, grupo de pesquisa do qual fazemos parte¹, Fiandeiras que somos, planejamos e preparamos o espaço da oficina com esses princípios-prática que também vivenciamos no grupo, e esses atos de organização e preparação já são movimentos-formação: a experiência estética de compor intencionalmente o espaço, para ser habitado por um coletivo, é também conexão com o que há dentro e fora de cada uma de nós.

¹ <http://fiar.sites.uff.br/>

Imagem 2: Guardados da oficina



Fonte: Registros das autoras. UFF/2023.

Tecidos fluidos pendurados no teto, balançando ao soprar do vento, materiais diversificados, organizados em cestas de vime - como retalhos de tecidos, diferentes riscantes e papéis, novelos de linhas, barbantes e lãs, tesouras e arremates -, estavam disponíveis, para aguçar as múltiplas linguagens, para abrir passagem à imaginação, para conduzir ao movimento artesanal de falar de si.

Será que as linguagens expressivas das participantes que chegariam, estavam sensibilizadas? Ou estavam adormecidas? Por isso, o espaço e os materiais criativos são tão importantes e já vínhamos refletindo:

Falar de si em conexão com outros, exige disponibilidade, abertura ao diálogo, movimento de escuta permeado pelo respeito. Requer acolhimento dos conteúdos da memória que podem emergir, do que nos constitui - desde nossas incompletudes, até nossos quereres. Os acontecimentos que caíram no esquecimento no decorrer da vida, podem ressurgir na narrativa, pela rememoração. Refletir sobre o acontecido, pode se constituir em uma experiência repleta de significados, um movimento artesanal, tal qual como em um bordado, onde é possível reinventar (Vilela-Gomes, 2023, p. 98).

Sim, há que se (re)inventar o espaço e o tempo na roda da formação! Esse também foi um exercício proposto a quem se *achegava* na oficina: no espaço, dar tempo ao tempo e romper o tempo ligeiro, apressado e atropelado que por vezes nos leva a sensação de esgotamento, de sermos “engolidas pelo tempo”. E na busca pelo “*tempo de gestos redondos*” (Couto, 2021, p. 22 *apud* Vilela-Gomes, 2023, p. 98), o espaço-tempo ia se (trans)formando, em tempo-gesto que poderia conduzir cada pessoa para si.

TempotempoTEMPOTEMPOTEMP
OTempotempoTEMPOTEMPOTEM
POTempotempo
TEMPOTEMPOTEMPOTEMPOTe
mpotempoTEMPOTEMPOTEMPOT
empotempoTEMPOTEMPOTEMPO

TempotempoTEMPOTEMPOTEMP
OTempotempoTEMPOTEMPOTEM
PO

Movimentos formativos que convidam à escuta do tempo, à escuta de si, nos fazem questionar: Quem escuta e acolhe histórias de professoras da Educação Infantil, ecoando suas narrativas pulsantes e vivas?

TempotempoTEMPOTEMPOTEMP
OTempotempoTEMPOTEMPOTEM
POTempotempo
TEMPOTEMPOTEMPOTEMPOTe
mpotempoTEMPOTEMPOTEMPOT
empotempoTEMPOTEMPOTEMPO
TempotempoTEMPOTEMPOTEMP
OTempotempoTEMPOTEMPOTEM
PO

Compositor de destinos
mano velho

Tempo Rei [outro tempo é possível] Escut(AR) (A)colher

Imagem 3: Registro da oficina

(a)colher



Cheganças-(Re)encontros-Escuta

Fonte: Acervo do FIAR por Carla Andrea. UFF-Setembro/2023.

Para provocar e nutrir os sentires, também foram dispostos pelo espaço alguns registros fotográficos que compõem nosso acervo, abrindo nosso “baú de (guardados)” (Vilela-Gomes, 2023), uma seleção de imagens que favoreciam (re)encontros com

caminhos de vida e formação, infâncias, docências vividas. As fotos penduradas em um galho recolhido do quintal da infância de uma de nós transformaram-se em móbile. No verso de cada fotografia, alguns pequenos textos de autores que fortalecem e acompanham a trilha da experiência, ecoavam aquilo que encontramos em nossas buscas, o que ampara e (a)colhe os passos andarilhos.

Imagem 4: Registro do trabalho realizado



CUIDAR
detalhes
CONVITE
pensamento

ATOS-PREPARAÇÃO
ATOS-FORMAÇÃO

Fonte: Registros das autoras. UFF/2023.

Soltando fagulhas no ar, prosseguimos com o convite às participantes da oficina: caminhar com/na natureza, para aguçar sentidos-conexões, (re)conhecer a natureza em nós, desacelerar, “pois interagir com a terra, o céu, nos aproxima dos outros seres, ampliamos nossos horizontes” (Pinto, 2023, p. 127). A proposta de

andarilhar e (a)colher pelo *campus* do Gragoatá, (re)conhecendo a natureza ali presente, vibrante, também convidava à colheita de algum elemento natural que fizesse sentido ao trilhar o seu caminho ou a produção de uma fotografia a ser compartilhada posteriormente.

Imagem 5: Andarilhando



Fonte: Registros das autoras. UFF/2023

Aprendemos com Labucci (2013), acerca do caminhar como uma modalidade do pensamento: os pés que caminham, são pés que pensam. Caminhar como ato de subversão e criação, exercício de liberdade e (re)existência, pois ao caminhar despertamos os sentidos, numa entrega à experiência da vida, que exige outros ritmos, movimentos com (c)alma, formas poéticas entre Educação

e Arte, experiência de partilha (Vilela-Gomes, 2023, p. 108). Caminhar, método de (re)encontros, consigo, com outros, com a natureza, com o mundo.

Depois de andarilhar, cada participante recebeu um QRcode para arquivar as suas fotografias das experiências andarilhas em um *padlet* criado para oficina², se assim desejasse, afinal tudo o que nos envolveu se deu no compromisso do encontro e da disponibilidade, para além da obrigação.

Imagem 6: Registros das participantes da oficina - UFF/2023



Fonte: Acervo do evento

Também puderam escolher fotografias que nós duas utilizamos em nossas pesquisas, com as quais se conectaram por meio das narrativas visuais ali presentes para acompanhá-las, para além daquele momento e dessa maneira esticar os passos ali dados, reparando um pouco mais no que (re)existe no ínfimo. Reparar no musgo que teima em ser notado e tocado, nas tramas presentes nos

² Para acessar o padlet: <https://padlet.com/laisvilela/ii-rodas-do-fiar-andarilhar-e-a-colher-sentidos-em-conex-o-c-4tsz8d5vixaaja43>

troncos das árvores revelando marcas do tempo em si, no caramujo que carrega em suas costas o seu abrigo ou na flor que desabrocha em locais escondidos que somente olhos livres podem encontrar. Reparar nos passos caminhanes que insistem em desbravar o território, para além dos muros da escola, nos olhos infantis curiosos e atentos ao (re)conhecimento desse chão e dos olhos adultos-docentes disponíveis a serem guiados pelo interesse das crianças.

Uma roda viva de partilha de sonhos de afetos

Naquele setembro, no bloco D do *campus* Gragoatá da UFF, na Faculdade da Educação, com as educadoras que aceitaram o convite à nossa roda de encontros, cultivamos o tempo redondo, costurado na partilha de sentidos, sonhos e afetos. Escutando e acolhendo, caminhamos juntas: cada uma e todas projetaram-se em entrega de sensibilidades, no espaço, nas materialidades, nas formas que despertavam interesse e provocavam experiências. Na roda, alinhavamos narrativas, por meio das memórias de infância, das histórias de vida-formação e prática docente; dialogamos sobre a prática do caminhar como ato estético, saímos ao (re)encontro com a natureza, alargamos a experiência: o caminhar e a natureza nos conectam.

Entre silêncios e sorrisos, entre olhares confidentes, palavras-olhares de (con)fiança que evidenciavam a importância de aceitarmos o convite de viver a experiência da oficina, caminhando juntas, pois a “experiência de viver-caminhar, é a experiência da partilha” (Vilela-Gomes, 2023, p. 111).

Na roda de encontros, ouvir o que conectava as educadoras a um elemento da mandala, nos aproximou daquelas mulheres-professoras, de suas buscas por outras formas de pensar e fazer educação. Assim compomos uma roda-viva! Não aquela do contexto da música Roda-viva de Chico Buarque, que estagna, desanima, mas uma roda que, mesmo que não tenhamos nenhum controle ao girar, pulsa, continua. Acende a chama!

Andarilhamos, (re)conectamos e celebramos a vida

No calor das emoções experienciadas, pudemos nos reconectar com as nossas pesquisas à medida que a apresentamos na roda viva do encontro-oficina. Nas lembranças constatamos que esta foi a terceira vez que falamos sobre o que pesquisamos com um grupo de professoras, pesquisadoras, para além do próprio grupo de pesquisa. A primeira foi na qualificação do mestrado e a segunda foi uma apresentação em seminário, na 30ª Mostra *Paisagens e seus territórios: percepções sobre educação, arte e cultura*, promovida pela Universidade Mackenzie, em 2023, cujos textos foram publicados em E-Book (Vilela-Gomes, 2024; Pinto, 2024).

A cada possibilidade de nos ouvir falando sobre o nosso trabalho, veio como o fogo destruindo a matéria para que ela renascesse muitas vezes melhor. Assim sentimos o momento. E esse encontro na oficina, em especial, marcado pela presença na roda, em inteireza, para além das janelas virtuais.

Talvez essa narrativa possa soar muito particular, a quem habituou-se aos modos cartesianos de uma escrita acadêmica - em um único formato padronizado-, mas compreendemos no decorrer dos estudos, que nos constituímos entrelaçando nossas histórias a de quem mais se achega à roda, à caminhada, e portanto, as palavras aqui escritas dizem acerca de pessoas reais, em especial mulheres educadoras que conosco compartilharam a experiência, singular e plural, na oficina sobre caminhos, acolhimento e natureza.

Somos **natureza**

Caminhando, nos **(re)conectamos**

Sentir as texturas, os aromas, os sabores, as cores, os sons

Tomamos **consciência** de ser

Com os **saberes ancestrais**

Também podemos **compreender a vida** em sua plenitude

Sentir é (Re)existir.

Andarilhar e (a)acolher, sentidos em conexão com a natureza.

Andarilhar e (a)acolher, os passos trilhados até aqui.

Andarilhar e (a)acolher, com generosidade a nossa história.

Andarilhar e (a)acolher, honrando quem veio antes e quem virá depois.

Andarilhar e (a)acolher, celebrando a vida.

É bonita, é bonita!

Referências

LABBUCCI, A. *Caminhar, uma revolução*. Trad. Sérgio Maduro, São Paulo: Martins Fontes, 2013.

PINTO, A. L. *Professoras, crianças e natureza: narrativas docentes da/na pandemia*. Dissertação Mestrado - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

PINTO, A. L. Na pandemia, com professoras: tecendo narrativas sobre educação, crianças e natureza. In: Ambrogi, Ingrid Hötte et al. (org.). *XXX Mostra paisagens e seus territórios: percepções sobre educação, arte & cultura*. São Paulo: Pomelo digital, 2024, p. 85-104.

VILELA-GOMES, L. *Caminhar é encontrar: inventário poético da formação estética pela periferia da zona leste paulistana*. 2023, 204 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. 2023.

VILELA-GOMES, L. Caminhar e (re)encontrar: pelas vias da formação estética na periferia paulistana. In: AMBROGI, I. H. et al. (org.). *XXX Mostra paisagens e seus territórios: percepções sobre educação, arte & cultura*. São Paulo: Pomelo digital, 2024, p.391-405.

**Nos meus (des)caminhos, acolhendo sentidos,
reparando em outras cores**

Miriam Nogueira de Maltos

No início da primavera de 2023, participei da oficina ministrada pelas mestrandas-fiandeiras Amanda Lobosco e Laís Vilela, intitulada “Andarilhar e (a)colher sentidos em conexão com a natureza”, durante o II Seminário Rodas do FIAR - “Arte Vida, Vida Arde: (re)existir na docência com pesquisa e arte” -, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. A centralidade da oficina proposta pelas pesquisadoras-fiandeiras, refletia a centralidade de suas pesquisas: formação docente, infância, natureza e o caminhar como experiência estética. Uma oficina pensada como encontro, janela e coração que se abre para acolher, sentir, apreciar, proporcionar deslocamentos e estesia, articulando pensamento e sentimento.

Imagem 1: Colagem, a partir de registros fotográficos da oficina



Acolher sentidos



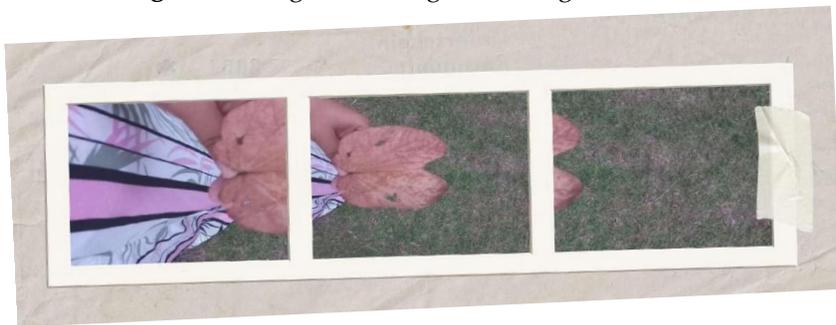
Fonte: Produção da autora (2023)

Gente de todo canto do Rio de Janeiro entrou na roda. E tinha também gente vinda de Minas Gerais. Todas, juntas, sentadas ao chão, dispostas, abertas, curiosas e atentas para o saber-sabor compartilhado, recheado de histórias. Como participante, mas também como fiandeira-apoio, vivenciei a oficina, deixei-me tocar a cada exposição oral das professoras e estudantes ali presentes.

Naquele espaço delicadamente organizado, que reuniu pessoas interessadas em andarilhar, na pesquisa e na prática docente, vi corações dispostos para se apresentar por meio de elementos da natureza: em círculo, sentadas no chão, as pessoas estavam envoltas de expectativas e reparando nas miudezas das materialidades dispostas. Cada participante foi se apresentando como se fosse algo da natureza. Eu me apresentei como “água”, fluida, que corre, serpenteia, dificilmente paralisa. Ao me apresentar, tive a oportunidade de me ver: eu vi ali que eu quero ser como a água (cada vez mais). Em todas as situações, que possa deixar fluir.

Seguindo a dinâmica da oficina, caminhamos pelo *campus* do Gragoatá da UFF. Ao sair da sala, fui me conectando comigo mesma e vi meus próprios (des)caminhos. À medida em que andarilhava, conforme proposto pelasicineiras, os sentidos eram ativados, conduzindo-me a perceber que o ato de olhar, reparar, se fazer presente e perder-se no tempo da contemplação, havia se afastado de mim.

Imagem 2: Colagem com registros fotográficos da caminhada



Fonte: Produção da autora (2023)

Como eu estava ocupada com tantas coisas, passando apressada, sem perceber o que era essencial! Eu me dei conta: estava esquecendo de atitudes essenciais, como exercitar os meus modos de ver o mundo, de me afetar com a beleza que há no mundo, de ir por aí “*prestando atenção em cores que eu não sei o nome*”, como diz Adriana Calcanhotto. Reconheci como a vida, a pressa da vida, cerrou a minha sensibilidade para admirar. A oficina foi um fio, entre outros, que costurou essa relação corrompida por mim e pelas minhas demandas e urgências ordinárias.

Mas há poesia no cotidiano! Podemos reaprender a admirar. Basta um respiro. Um encontro. Uma caminhada!

Imagem 3: Retratos poéticos do encontro-caminhada

“As coisas que não levam a nada
têm grande importância
Cada coisa ordinária é um
elemento de estima
Cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral.”

~ Manoel de Barros, 2015, p. 38



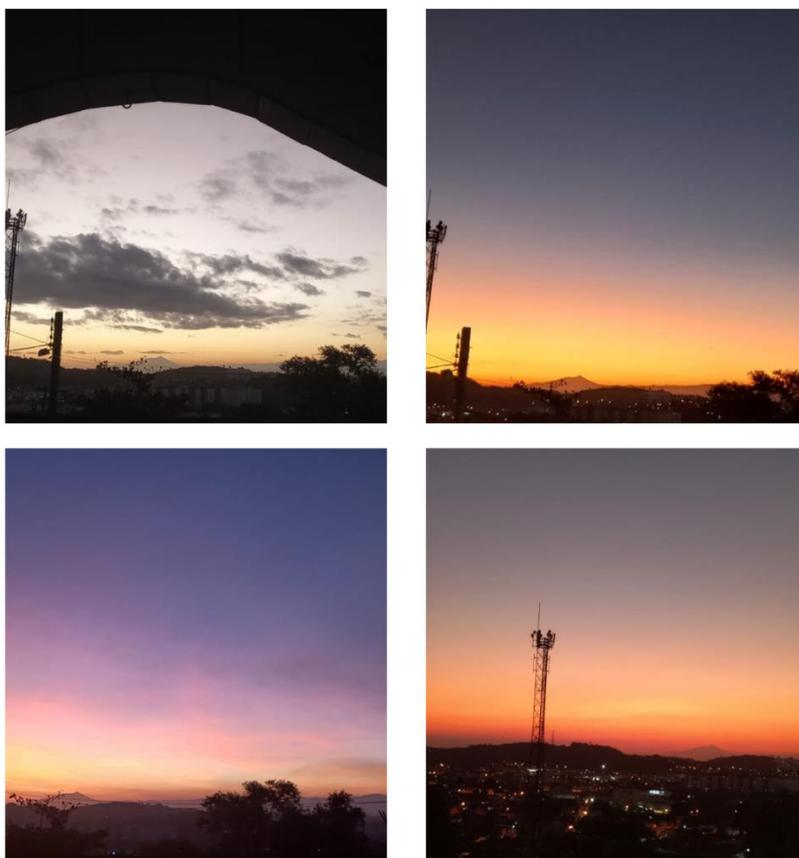
Andarilhar para...
ver, sentir, apreciar, tocar
se encantar outra vez
ver o não visto
olhar mais uma vez
as coisas que passam, tantas
vezes
desapercebidas.

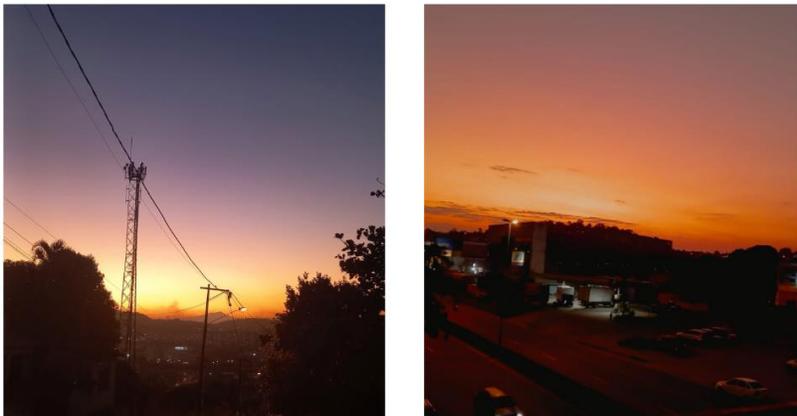


Fonte: Produção da autora (2023)

Participar daquela experiência, apontou-me a necessidade de reordenar o meu tempo e as prioridades. Caminhar, com os olhos espantados, permitiu-me ver além, para dentro e para o horizonte. A experiência reverberou no meu cotidiano. No depois da oficina, andei por aí, reparando nas cores do mundo, anotando detalhes, percebendo a beleza do ínfimo, a delicadeza das miudezas que só com um olhar sensível e acolhedor podem ser capturadas.

Imagem 4: Cores de São Gonçalo/RJ





Fonte: Série de fotografias autorais (2023)

Além da oficina, de modo geral, os encontros proporcionados pela participação no seminário Rodas do FIAR, acentuou o espanto de existir (Geraldi, 2004), em mim: em cada fala, em cada passo, em cada partilha, a cada dança, a cada conversa fiada nos intervalos e bastidores, veio de manso a certeza e confiança nos caminhos da pesquisa que eu também estava traçando, no mestrado. Compreendi como é fundamental estar em grupo, reconhecer-se grupo, em pertencimento, que é acadêmico, teórico, sensível e afetivo.

Referências

BARROS, M. de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. São Paulo: Alfabeta, 2015.

GERALDI, J. W. Pelos caminhos e descaminhos dos métodos. *Educação & Sociedade*, v. 25, p. 601-610, 2004.

Quando os rios se fotografam: no encontro das memórias¹

Daiane Francisco de Medeiros



*Memórias do rio
Não nasci em pátria nenhuma, a terra me pariu e a água mansa dos rios me
levou até as águas sonoras da Baixada Fluminense, nascente do ventre de
minha mãe, às vezes calmas e outros dias turbulentas. (Medeiros, 2021, p.17)*

Todo texto esparramado nesta folha é água derramada. Com as águas-palavras aqui escrevo formas de vibrar meus sentimentos, depois de participar da oficina *Andarilhar e (A)colher Sentidos em*

¹ Todo o texto foi pensado a partir da evocação de memórias marcadas pela Oficina “*Andarilhar e (A)colher Sentidos em Conexão com a nossa Natureza*”, realizada no II Seminário Rodas do FIAR, nos dias 27 e 28 de setembro de 2023. A oficina foi dinamizada pelas mestrandas do FIAR/PPGEducação da UFF: Laís Vilela Gomes e Amanda Lobosco Pinto.

Conexão com a nossa Natureza. Caso vocês tropecem seus sentidos diante das águas figuradas na minha retina, tentem entrecruzar as imagens com sua bagagem de mundo. Aqui estou narrando meu processo de subjetivação na forma de experimentar a oficina, que está inteiramente ligado com minha educação ancestral². Convido: sintam toda essa densidade; caso precisem de mais tempo, sugiro que apreciem movimentos de uma pausa longa. Pois este texto não foi elaborado na perspectiva de Cronos. Deixe-se inundar!

O repouso



Fazia um dia muito bonito naquele final de tarde que despertava a sensação de um pequeno e resistente feixe de luz amarelada tentando habitar o prédio. Dentro da sala era possível escutar bem de longe e fraquinho as vozes de pessoas que se misturavam às vezes com algum “pio” de passarinho, que talvez

² Todas as fotografias aqui compartilhadas são de minha autoria.

estivessem voltando para suas casas. Ao entrar na sala, senti as belas propostas dos quatro elementos da nossa natureza que me misturava nos meus sentimentos e bailavam nas minhas emoções. Emoções de experiências docentes na infância fecundada, fundamentada na minha existência que além dos quatro elementos apresentados existiam o quinto, e que mais para a frente neste texto eu escrevo para vocês.

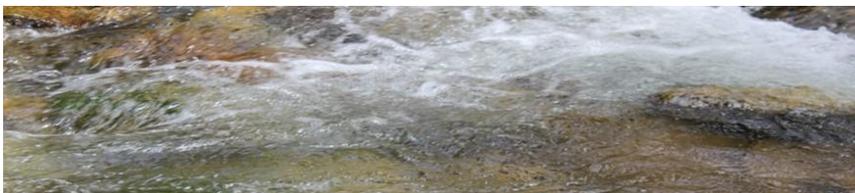
Logo de início fui atçada pela dança do fogo da vela vermelha, fogo que se formava, reformava e deformava, vagarosamente, diante da insistência de um pequeno movimento. Enquanto eu olhava para o pavio, queimava o fogo, havia mudança de cor dependendo do seu balé, às vezes, amarelo forte, às vezes, alaranjado, e dependendo da posição se via um pequeno filete azul, que transformava todo o pavio. Enquanto queimava as partes brancas, escurecia-se pelo processo de combustão. Nessa conexão, senti o chamado, aquecido, em que chama(s) que acendem formas outras de “ver”.

Para além da vela, eu consegui sentir toda aquela organicidade provocada pelo ar que de forma vagarosa era reavivado na observação dos tecidos amarelos e azuis que estavam dispostos no teto da sala. Tecidos que faziam a gente olhar bem para cima, assim tecido(s) que ganhavam movimento pela pouca possibilidade de vento naquela sala fechada. Mas, talvez, se eu olhasse bem de pertinho, conseguisse ver a magia da vida acontecer nos pequenos movimentos que podem nos tomar. Posso dizer que a vida estava ali, presente, assim como naquela pequena bacia de água para saciar, nas minhas subjetividades mais profundas.

Água que me acolhe, como aquela nascente de cachoeira do vizinho Gezo, levando ao encontro do mar. Olhei para a pequena bacia prateada mais uma vez, e vi a água, tão divina. Talvez, o que nós separamos era um abismo de bolha em película empurrada pelo ar, mas a película nos juntava para dentro do meu organismo humano, no imediato ato de respirar e sentir vibrar meu coração. Eu também sou a água, assim é que me torno arte. Talvez eu pudesse passar aquele finalzinho de tarde todo ali olhando para

aquela bacia e me transmutando. Mas não somente como um deleite do prazer, mas sim como a estesia que também frustra e provoca angústia.

Quando o rio me olhou, conversamos na nossa inteireza de sentir o mundo. Aquela conversa durou algum tempo, enquanto eu perguntava, ele me respondia e a gente se fotografava. Estava na nossa beira, enquanto ele sorria, eu chorava angústias de toda aquela conversa a pedido de responsabilidade, o rio me formava e apontava caminhos complexos do profundo sentir. Confesso que cheguei a dizer para o rio-avó que eu não conseguia estar ali. Tive medo, mas quanto mais me inundava, mais o rio falava com sua voz doce sobre meu tempo. De repente, escutei as vozes de outros habitantes ali, pedi licença. E assim, cantamos juntas, estava tentando cantar como os rios-avós. Essa é um pouco da história do Piranga ao encontro de Oxum. Quando nos unimos, senti meu corpo todo trepidar em pingos d'água. Confesso que tive medo, minhas mãos gelaram e umedeceram em quase cascatas.





Conversas

As conversas me provocaram reflexões mais profundas. Desde o som do choro intenso em uma acústica assegurada pela floresta, a um som agudo que se desintegrava nas águas estrondosas que carregam as folhas do nosso projeto até as mais tristes águas salgadas da sereia da Guanabara, águas turbulentas das enchentes, das últimas gotas da moringa, água no reservatório das folhas de taiobas, água escassa dos dias de seca na roça.

Sentia também as águas que me humanizam, nos rios turbulentos da casa dos meus parentes de roça, águas que me curam e transbordam e serpenteiam minha existência. Como a nascente das cachoeiras indo ao encontro do mar, que também são doces e estão em ebulição no bule de “vó” que exala os cheiros-verdes mais gostosos que vocês possam imaginar.

Fogão de Família



Águas dos rios férteis das minhas Minas Gerais, que dentro da barriga de minha mãe me levou até a Baixada Fluminense, Duque de Caxias, águas tristes das gotas grossas das chuvas torrenciais do mês de janeiro nas comunidades pobres da minha Baixada, águas que desenham as rochas dos rios e nos fazem questionar o despencar das pedras: como foram parar ali? Águas cristalinas onde acendem minha visão diante dos peixes mais esquisitos que já vi. Águas turvas que escondem os segredos avermelhados e amarelados da saudade dos meus pais do rio indígena e africano

em que me reconheci: o Piranga e Oxum. Águas drenadas no solo, águas que provocam estrondos e que me recriam.

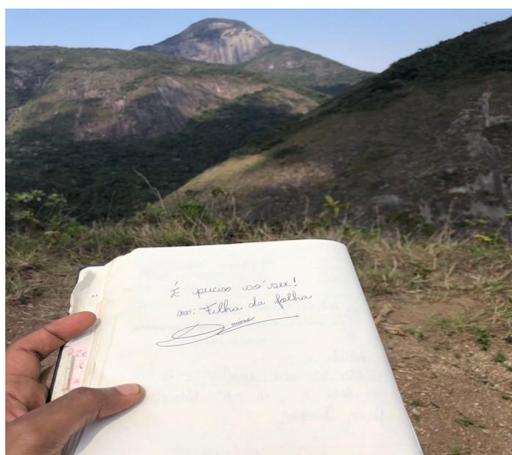
Em um instante eu me pergunto: Nascentes que me trouxeram aqui? Essa pergunta sensível é como uma fina gota de orvalho da floresta que ao amanhecer pode evaporar e transpirar só para os habitantes das florestas sentirem a umidade de nossa existência. Nessa natureza, desenvolvimento das mais diversas formas de existir, que me refaço como numa folha de árvore solta naquela sala. Desde que era bem pequenina meu pai havia me ensinado que quando nós entramos nas florestas, precisamos pedir licença aos espíritos da mata. Assim me fiz presente diante daquela materialidade disponibilizada na sala aparentemente sem vida, como a presença de uma folha: o mais incrível do saber do meu pai é que as folhas alimentam o solo. Lá na roça, nós adubamos o solo com folhas que caem das árvores, além das cascas das frutas, legumes, ovos, as folhas renovam as vidas.

Folhas que estão no tempo se renovando e caindo, folhas que às vezes são carregadas pelas “donas cortadeiras”. Assim que eu chamava, as formigas que desenhavam as folhas, faziam arte desnudando e mostrando todo processo de esqueletização da planta. Quando peguei aquela folha que estava na sala me reconectei com o cheiro da minha existência. Lá na Baixada Fluminense e na Zona da Mata-MG, onde nasceram as pessoas mais curandeiras que conheci.

Mãos de plantação: memória de travessia



As oficinas propuseram que caminhássemos. Assim, caminhar, caminhar até ser, retornar para si, como naquela canção de Gilberto Gil que escutava nas manhãs de almoço em família com lágrimas carregadas no peito: “Eu preciso aprender a só ser”. Assim, saí daquela sala andarilhando na necessidade pulsante que compunha a existência na minha ancestralidade, e ao caminhar a cada passo eu me conectava comigo, passos vagarosos na presença dos saberes de quem veio antes. Passos que me levam até o quinto elemento que é o sagrado que nessa travessia de andarilhar me revelou o autoamor de ser natureza, que compõe a minha história nos velhos ventos forasteiros que saíram dos pés de meus pais ao caminhar para o Rio de Janeiro. Ventos que me trouxeram aqui e com eles compartilho a minha subjetividade. Como é bom partilhar quem eu sou dentro desse espaço, na universidade, mesmo sabendo que por muitas vezes o espaço fechado das salas anestesiou meu corpo.



Vestimenta de Cabocla é Samambaia

Ah, como é bom poder ser assim, onde sinto-me com pés descalços, ao sentir essa mata das costeiras do eu-atlântica, essa mata que me conecta com os fundos da Baía da Guanabara que é

sagrada, a quem eu sinto, cuido e peço licença todos os dias ao entrar nesta universidade. As paredes da universidade muitas vezes me causaram um sonambulismo de quem eu sou, ao (im)por jeitos de como meu corpo deveria se comportar.



Mas eu, organismo vivo e mateiro, sinto-me o quinto elemento: autoamor com o sagrado na conexão com minha percepção do cosmo, na força consagrada das águas, atravessadas pelos ventos que abrem uma caixa de ressonância na sinestesia daquilo que já é quando se sente. O que se sente é porque está vivo, mesmo sabendo a todo tempo de uma tentativa de nos matar.

Uma oficina no Campus Gragoatá - UFF

Estar naquele entardecer conversando, andarilhando, fez-me sentir que sou como o barulho dentro de uma mata de bambuzal, convidada a ouvir a presença de um bambu, (quase) fraturado pelos ventos fortes. Fez-se sentir que eu, quase fraturada pelas múltiplas formas que os espaços calcificados pressionam meu corpo, resisto na tentativa do retorno à natureza, onde me encontro com o som da vida, pulsante, e que cultiva meu enraizamento, que quebra asfalto e pressiona as paredes.



Referências

MEDEIROS, D. F. de. **Mandingas Poéticas da Educação: ancestralizando saberes**. 2021. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2021.

Entre olhares e narrativas docentes sobre arte: tornar visível a experiência

Xênia Froes da Motta

Imagem 1: A Ronda Noturna, 1642. Rembrandt van Rij



Fonte: https://arteeartistas.com.br/a-ronda-noturna-obra-prima-de-rembrandt-va-rijn/#google_vignette

Um dos marcos que o processo de pesquisa do doutorado me trouxe, foi o retorno à lembrança da obra de Rembrandt: “A Ronda Noturna”. No célebre texto de Merleau Ponty (1975), o autor faz referência à pintura e chama a atenção para “a mão que aponta”. Ler o filósofo foi um impacto: e não é mesmo que a mão do capitão aponta para nós e existe conjuntamente com sua sombra? O mágico desta reflexão, situa-se no sentimento que muitos já passaram por esta obra, todavia poucos conseguiram visualizar a sombra da mão e a própria mão. Relembrar a pintura e retomar a reflexão, me trouxe o sentido que precisamos do olhar sensível para buscar

outros sentidos, para significar o que olhamos. Pensar na mão que aponta, e sua sombra, na pintura “A ronda Noturna”, nos fala sobre quando-onde-com quem o formativo e auto-formativo acontece: precisamos do olhar de outrem para ver o invisível, para atravessar as aparências e o comodamente já conhecido.

No II Seminário Rodas do FIAR - Arte vida, vida arde: (re)existir na docência com pesquisa e arte, realizado em 2023, pelo FIAR¹, dinamizei uma oficina que se propunha a rememorar histórias docentes, histórias de desencontros e encontros com a arte. No fragmento de memória do vivido, escrevi que o II Rodas foi, para mim, o encontro olho no olho de que nos fala o poeta.

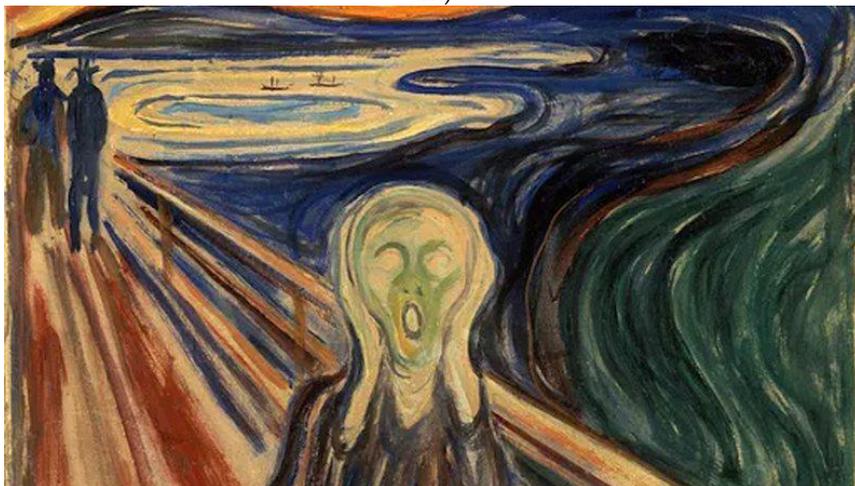
Eu quando olho nos olhos
sei quando uma pessoa está por dentro
ou está por fora
quem está por fora
não segura um olhar
que demora de dentro de meu centro
este poema me olha.
Paulo Leminsky²

Foi sentir cada experiência artística ressignificada na oficina, a transformar, transmutar para uma experiência estética. Foi sentir a sintonia com o André, meu parceiro na oficina, olhar no olho e conhecê-lo um pouco mais. Foi olhar o todo e as partes. Foi dialógico. Foi olhar para mim e para o outro, para o material, para o espaço - as coisas, os aconchegos e os sentimentos. Sentimentos que foram acolhidos na experiência, na medida que ou...vimos as histórias e as experiências de quem chegou para participar, e dar “O GRITO”. Tornar visível os percursos com arte, na docência, na vida, na pesquisa foi libertador. Foi ardente!

¹ FIAR- Grupo de Pesquisa: Círculo de estudos e pesquisa Formação de professores, Infância e Arte. Disponível em: <http://fiar.sites.uff.br/>

² Link: <https://www.escritas.org/pt/t/11239/eu>

Imagem 2: Edvard Munch - O Grito -1823. Óleo sobre tela (91 X 73,5 cm).



Fonte: https://replicarte.com.br/products/the-scream-o-grito?srsId=AfmBOoradNg-3vwqUiUPTm4Ysym3vCAsCNbXjRya2zzV5D_peCkIff6D

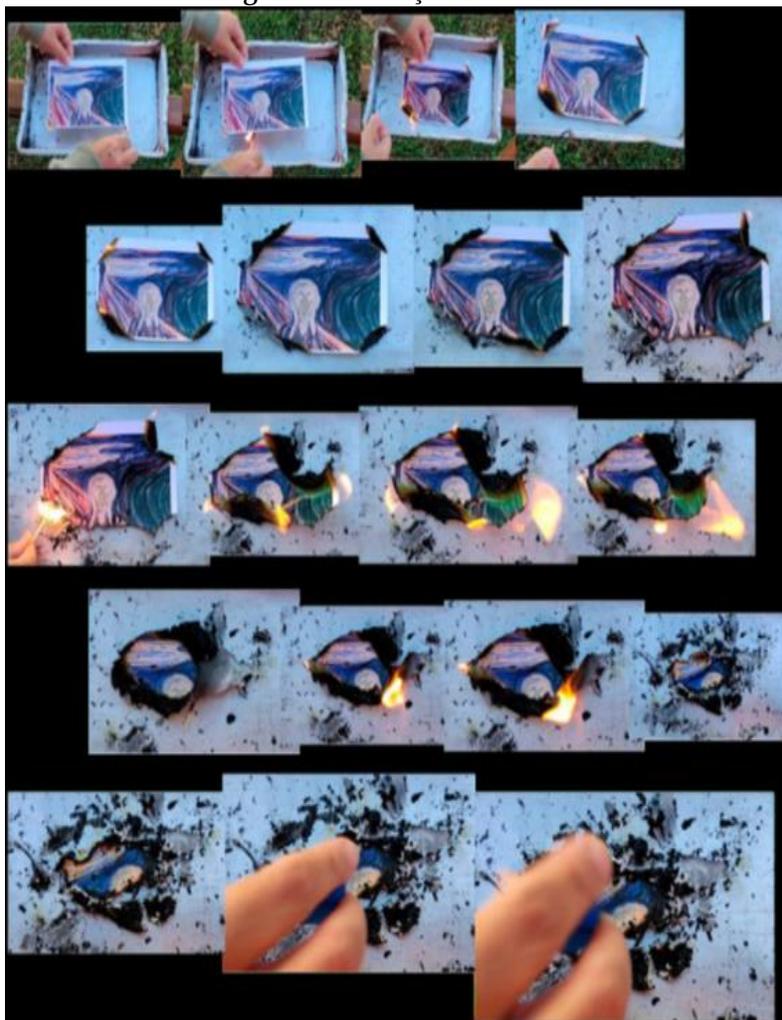
Olhar em volta: o que me conduziu à oficina

O escopo da proposta nasceu no desejo de ouvir e (a)colher histórias de professoras de Educação Infantil, sobre suas experiências e práticas pedagógicas com a arte, inspiração que advém da minha tese de doutorado (Motta, 2022). A partir das lembranças e reflexões tecidas na pesquisa, pensei em uma oficina como proposta para uma conversa sobre fundamentos do trabalho com a arte na Educação Infantil, utilizando uma diversidade de materiais, geralmente utilizadas por professores e professoras ao longo da história da educação, em confluência às memórias dos participantes, na relação com a arte, na prática pedagógica e nos espaços habitados com as crianças.

Pensei em explicitar/compartilhar com quem viria à oficina, a trajetória que percorri na tese, sob o viés das abordagens (auto) biográficas, dando ênfase às minhas concepções sobre arte e o caminho trilhado. Neste caminho, pensando e fazendo arte,

ressignifiquei simbolicamente a obra *O Grito* (Edvard Munch, 1823). Na tese, em diálogo com minha história e a obra do artista referido, produzi o foto-ensaio chamado “Libertação” (Motta, 2022).

Imagem 3: Libertação. Foto-ensaio



Fonte: Produzido por Xênia Motta (2022)

Com ele, eu narro visualmente o processo vivido, como professora de arte e pedagoga que sou, com a compreensão de que

por muito tempo estava tutelada pela teoria da arte e pelos estereótipos sobre arte na Educação Infantil, que me ditava o certo e o errado no trabalho com a arte. No momento da produção foto-ensaística, vivo um processo de apropriação e sou impulsionada pela experiência estética.

Olhar para a oficina

A oficina, pensada e dinamizada, tem relação direta com a busca de memórias de infância, no que se refere aos trabalhos de arte, mais especificamente as materialidades. Como essas memórias se conectam com o/a professor/a no cotidiano da infância na atualidade?

Imagem 4: O espaço ocupado com materialidades: convite à rememoração



Fonte: Registros da autora (Rodas do Fiar, 2023)

Olhar para a organização demandou listar materiais que poderiam ser gatilhos para que a memória dos/das participantes fosse ativada, em busca de capturas sobre a ideia central: como, onde, com o que vivenciamos contato com a arte na infância? Para tanto, no processo de planejamento da oficina, fiz o movimento, junto a algumas companheiras do grupo de pesquisa, que

funcionou como um breve ensaio de observação sobre como os materiais podem ativar as memórias, num retorno às infâncias vividas, vinculadas as propostas de arte na educação infantil.

Com o planejamento e material recolhido, o espaço da sala de aula, comum, da universidade, foi sendo ocupado, redefinido, habitado para dar espaço-tempo à oficina, como um convite a quem chegaria para a roda.

Na mesa do professor: coloquei objetos que remetiam à minha tese e à minha infância: Exemplar da tese, xícara, flor, fotografias, imagens da obra de Cinthia Marcelle³.

No chão da sala: compus uma roda, demarcada com um tapete redondo, com elementos que pensei como ativadores da memória: Natureza, livros, barbantes, sementes, giz de cera, crepom, papel pardo, cartolina A4, pincel, trincha, lixa, caderno de desenho, desenho mimeografado, desenho impresso, tinta a guache, aquarela, fósforo, pauzinho, feijão, macarrão pequeno, cola, vela, pires, massinha, potes transparentes/sacos (para colocar os feijões e coisas pequenas), giz carimbo almofada, massinha.

Olhar para si a partir do olhar do outro

Naquele cenário organizado intencionalmente, propus ao grupo de participantes que se chegou à oficina, que observasse os materiais que consubstanciavam as pistas que estavam na Roda/Tapete e realizei perguntas e frases ativadoras, apontando que cada um/uma poderia escolher uma materialidade que remete à infância e ao trabalho com arte na escola.

.... um olhar... o que suscita de encontros da arte na escola
... que memórias suscitou
... focar na memória da infância?

³ Em 2016, a artista apresentou a instalação *A educação pela pedra*, na Duplex Gallery do PS1. Em 2009 -2010 “Sobre este mesmo mundo”, obra exposta na 29ª Bienal de São Paulo.

... que concepções de arte esse material te remete?
... lembrar a infância o que lembra de arte?
... o que esse material ativa de arte na infância?
... o que os objetos lembram a arte na infância?

Assim que começaram a olhar o material e se movimentar em torno do tapete/roda, cada um foi, ao seu modo, falando das lembranças suscitadas e pegando concretamente a materialidade que ativou a lembrança. A exploração progressiva abre um leque de narrativas singulares, tornando visível o que estava guardado na memória de cada um.

A seguir conversamos sobre as concepções de arte que surgiram e solicitei que escrevessem, caso se sentissem à vontade, sobre os sentimentos envolvidos nas memórias revisitadas. Compartilhei um vídeo da série “Lampejos”,⁴ que remete ao desejo de se manter coisas “acesas por dentro”, na docência, na pesquisa, na vida, num processo de formação estética. Convidava a pensar/sentir o que se colocam em relação: as belezas e suas conexões, a empatia, o cuidado e o pensamento que passa pelo coração.

Ao final pergunto se manteriam a prática suscitada na memória que reverberou com a visualização dos materiais. Na roda de conversa aberta, cada professor/professora pôde descrever/narrar suas histórias e experiências enquanto criança e sua relação com a arte dentro do espaço escolar. O processo revelou a singularidade que os diferencia e ao mesmo tempo, as narrativas também permitiam perceber as identidades. Lembro do artista e educador Augusto Rodrigues, que me encanta com suas palavras acerca da originalidade no processo de experimentação artística: “Sabemos que a arte revela o que há de original em cada ser, em cada objeto, e aqui aparece a dialética desse processo, pois não podemos descobrir a originalidade de um objeto se nos falta a

⁴ “Lampejos de formação estética” (2022), é uma série de seis pequenos vídeos produzidos pelo Círculo de estudo e pesquisa Formação de professores, Infância e Arte – FIAR/UFF

consciência de nossa própria originalidade como seres, como pessoas (Rodrigues, 2019, p. 47).

Na roda de conversa, sinalizo que meu processo de viver a arte, no percurso da escola e da vida, foi similar a muitas das experiências relatadas pelo grupo, e que precisei queimar para transformar concepções e práticas. Literalmente, queimei os fantasmas do passado: apresentei a série de fotografias que mostram meu processo (reunidos na tese, no foto-ensaio “Libertação”, já referido), e convido quem se sentir à vontade, a também queimar os fantasmas do seu passado.

Conversamos: queimar essas narrativas/memórias tem um sentido de buscar a transformação para uma prática pedagógica emancipatória. Todos do grupo desejaram viver essa experiência individualmente e este ritual/movimento me chamou a atenção, pois de alguma forma se tornou solene. A impressão foi que estavam queimando e ao mesmo tempo elaborando como que numa prece, num mantra, numa oração. Este foi um movimento particular e singular de cada professor/professora e ao final eles respiravam fundo, ou sussurravam palavras de despedida.

Imagem 5: Queima-transformação: coragem



Fonte: Registros da autora (Rodas do Fiar, 2023)

Após cada qual queimar suas memórias escritas em segredo, o sentimento era de alívio e ao mesmo tempo de cumplicidade de um ritual libertário e de renascimento.

Construo-me, assim, na projeção do olhar do outro, na antecipação da leitura do outro. De certo modo, não paro de me escrever, isto é, de compor os efeitos de escrita que vêm, ao mesmo tempo, modelar e autenticar meu estilo, permitindo reconhecer-me a mim mesmo e ser reconhecido pelos outros (Delory-Momberger, 2014, p.63).

Olhar pensante

Da oficina, ecoam várias aprendizagens, várias memórias, muitas histórias, muitas vidas. De tudo que de significativo atravessou aquele tempo-espaço compartilhado, destaco o envolvimento dos professores e das professoras na busca de reorganização da teoria com a prática.

Avalio que a experiência estética se manifestou com muito estranhamento e uma sensação de deslocar vivido pelos dispositivos ativadores que foram os materiais. E foi “a projeção de olhar o outro” que se impôs ao trabalho, ora porque aprendo, ora porque construo laços.

Viver este encontro foi reviver o singular que está atravessado pelo envolvimento com o outro que é sempre uma retomada para frente e para reflexão (Delory-Momberger, 2014). Falar sobre o passado ativa o invisível e torna visível a matéria da vida, e assim nos construímos e nos reconstruímos nessa leitura do outro.

O encontro foi repleto de olhares: olhar que permite, olhar que desenvolve, olhar que reconhece em mim o outro. Este encontro, nesta perspectiva, esteve vinculado à “dialogia”: a conversa de roda, os movimentos intermitentes, o ir e o vir. A reflexividade que compunha a experiência, deixou marcas... aquelas que somente o fogo faz.

Referências

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores).

MOTTA, X. F. da. *Entre o Visível e o Invisível: Tempos e Espaços da Arte nas Narrativas de Professoras da Educação Infantil*, 2022, UFF.

RODRIGUES, A. A arte na educação, na visão de Augusto Rodrigues: textos selecionados. In: RODRIGUES, A. C. (org.). *Augusto Rodrigues: educador*. Recife: Cepe, 2019, p.27-59.

Encontro de ARTE-VIDA

André Bezerra

No CONTATO COM O MUNDO, em sua dimensão física e simbólica, somos provocados em TODOS OS SENTIDOS. Quando estamos disponíveis, a pele, os olhos, os ouvidos, o olfato, o paladar, na relação com o mundo ao redor, são tocados, abrindo-se em possibilidades para experiências que, “por afetarem todos os sentidos, carregam em si oportunidades de aprendizagens éticas e estéticas, na medida em que contribuem para romper a indiferença e reafirmar a vida.”¹

Assim foi minha participação no II Seminário RODAS DO FIAR: provocou sentidos, instigou aprendizagens. O seminário me TOCOU, em sua FORMA e em seu CONTEÚDO, pois estava carregado de arte, transbordando sensibilidade. Tudo era inspirador. Os temas abordados, as propostas e os espaços, tão cuidadosamente organizados para acolher quem chegava ao encontro, estavam repletos de provocações sensíveis. Um convite à formação estética.

Foi especial acompanhar a oficina “Entre o visível e o invisível: tempos e espaços da arte nas narrativas de professoras da Educação Infantil”, dinamizada pela fiandeira Xênia Motta.

¹ OSTETTO, L. E. **Educação Infantil, Formação e Práticas Docentes nas Tramas da Arte**: diálogos com Anna Marie Holm e Veia Vecchi. Curitiba: Appris, 2021(p.30).



Roda da oficina “Entre o visível e o invisível: tempos e espaços da arte nas narrativas de professoras da Educação Infantil”
Registro fotográfico do autor (2023).

Vivi um encontro que me deu AR, no encontro com o outro, na roda de saberes sensíveis, no ver e tocar as materialidades nas oficinas, no reconhecimento dos convidados-participantes. Como disse o poeta: arte inspira!

AR TE INSPIRA
AR TE EXPIRA
AR TE INS PI RA
AR TE EX PI RA
SEM AR TE SUFOCA
(Arte inspira. Antonio Bokel, 2014)

Na roda com o FIAR
Recebi AR.
Recebi ARTE.
Recebi VIDA.
INSPIRADO pelo encontro, posso afirmar
ARTE é essencial
Na pesquisa, na docência.
A arte é essencial à VIDA!

Na primavera, um seminário chama

Luciana Esmeralda Ostetto



No começo da primavera de 2023
um seminário chamava toda a gente para a roda
na Universidade Federal Fluminense
na Faculdade de Educação.

Com arte afeto sensibilidade
O chamado do círculo de pesquisa FIAR
era desejo

de pensar e tecer modos de fazer
universidade pesquisa docência
no coletivo [onde podemos ser mais].



Na roda

em conexões de saberes
[na experiência partilhada]
resistindo
[inventando outras formas de existir]
narrativas
acolhidas com ética
modos de dizer
formação estética
corpos situados
consciência política.



Na roda

ser-no-encontro-com-o-outro
pensamento e sentimento
inteireza
entrelugares

[entre] alegrias e tristezas
[entre] limites e possibilidades
[entre] animação e desânimo
[entre] descrença e esperança.



Na roda

aventura-desafio

reinventar

modos de ser e estar na universidade

ocupar espaços

fertilizar belezas

acolher singularidades

transpor limites: confiar

tecer autoria palavra resistência.

Tanta gente ouviu o chamado
do FIAR
e aceitou o convite!

Tanta gente entrou na roda
com o FIAR
e teceu narrativas sublimes!



De lá pra cá o que aconteceu?

as chamadas e os chamados
as conexões de saberes e sabores
seguem reverberando.

Caminhamos

sofremos, choramos, sorrimos
é primavera novamente
o giro na roda que marcou o seminário fiandeiro
ainda pulsa, é memória.

De primavera a primavera

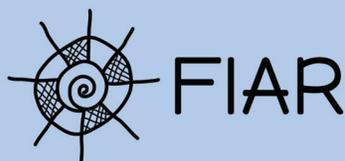
a beleza é parteira de outras histórias
aquece coisas por dentro
convida à criação
para continuar a fiar
para continuar a “[...] percorrer o caminho da re-
existência que nos permite reconhecer o que fomos, o
que somos e o que queremos ser, assim como a forma
como queremos ser, sentir, fazer, agir e sonhar num
mundo que torna viável a presença de muitos
mundos”.¹

¹ Achinte (2017, p. 55).



Todas as flores são do Campus da UFF Gragoatá - Niterói/RJ
e foram fotografadas pela autora.

Na primavera de 2023, o Círculo de estudo e pesquisa formação de professores, infância e arte (FIAR/UFF) realizou o II Seminário Rodas do FIAR. Da experiência, emergem as texturas-narrativas compartilhadas nesta coletânea. Entretecidas pelos fios da memória, palavras e imagens dão a ver modos de pensar-fazer docência e pesquisa: pelas verdades do sensível, cultivando belezas, tecendo poesia, no encontro com o outro. (Re)existindo para afirmar a vida.



ISBN 978-65-265-1643-0



9 786526 161643 0